FUNDADOR — JOAQUIM MANSO QUINTA-FEIRA, 28 DE SETEMBRO DE 1961 ANO 41.º — NÚMERO 13 935

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Herança sagrada

Das declarações que o prof. Adriano Moreira fez ontem em Lourenço Marques, perante o Conselho Legislativo da Província, e que tiveram larga repercussão tanto na Metrópole como no Ultramar, destaca-se aquela em que o ministro pôs em relevo a importancia da ocupação escolar, «problema de uma complexidade que tem de catalogar-se entre os de primeira urgência — *afirmou* —, encarando os seus aspectos pedagógicos, técnicos e financeiros em função das circunstancias de cada província e da unidade nacional da formação de base para que já hoje estão orientados os programas».

O elo mais poderoso dessa unidade tem de ser, indubitàvelmente, a expansão da língua portuguesa nos territórios que ocupamos há mais de quatro séculos e onde, infelizmente, não se fez ainda um esforço proporcional á grandeza da tarefa, para alcançar esse objectivo essencial. «A difusão da língua — *acentuou o prof. Adriano Moreira* —, com as suas implicações no movimento comunitário, é condição de fundamental importancia para a consolidação do denominador cultural comum que perpetua as unidades políticas».

Deixou-se tantas vezes, inadvertidamente, a missões protestantes estrangeiras — que nos deram o pago da hospitalidade com que as acolhemos aliciando os seus educandos contra Portugal — o encargo de ensinar a língua, o que constituiu um erro grave, para o qual se chamou, repetidamente, a atenção, sem que os diferentes Governos que se sucederam no Poder ousas-

(Continua na página seguinte)

PRESIDENTE NASSER

VICE-PRESIDENTE SARRAJ

Pararam a circulação ao cérebro *para o operar*

STANFORD (Califórnia), 28. — Dois cirurgiões da Escola de Medicina de Stanford conseguiram operar um tumor no cérebro de um doente de 54 anos, depois de interromperem, durante 10 minutos, a circulação do sangue no cérebro, que, préviamente, fora colocado a 20 graus centígrados.

Decorrida uma semana sobre a operação o doente está bem.

O dr. Robin Michelson, que efectuou a operação, declarou que depois desta intervenção lhe parece que a circulação do sangue no cérebro pode ser interrompida durante 20 minutos, e provàvelmente, até meia hora, sem inconvenientes para o doente. — (F. P.).

O Exército sírio revoltou-se

para «restituir ao povo a sua liberdade»

mas a revolta durou apenas algumas horas

Nasser opõe-se à dissolução da R. A. U.

LONDRES, 28. — Segundo notícias recebidas nesta cidade, as tropas sírias ter-se-iam revoltado e apoderado da Emissora de Damasco.

O presidente Nasser proferiu um discurso pela rádio declarando a sua intenção de manter a unidade da Republica Árabe Unida, que reune o Egipto e a Síria. — (R.).

*

CAIRO, 28. — A Rádio do Cairo repetiu o discurso de Nasser e as ordens deste ao I Exército (o da Síria) para «reprimir o movimento do pequeno grupo de amotinados que se apoderara da Rádio de Damasco e do comando superior das Forças Armadas da Provincia do Norte». — (F. P.).

OBJECTIVOS DO GOLPE DE ESTADO

DAMASCO, 28 — Texto completo do comunicado que anuncia o

(Continua na 16.ª página)

Para evitar ataques as viaturas circularão em comboio e com escolta na estrada de Carmona ao Negage

LUANDA, 28 — Pelas estradas que irradiam de Carmona deixaram, temporàriamente, de circular viaturas isoladas, numa tentativa de pôr termo aos repetidos ataques de que essas viaturas têm sido alvo da parte de terroristas ocultos no capim ou no arvoredo.

(Continua na 3.ª página)

Diario de Lisbôa
PUBLICA HOJE
24
PÁGINAS
nas quais se inclui
«VIDA LITERÁRIA»

VISADO PELA CENSURA

A FAMÍLIA KENNEDY NA O. N. U.

Foi grande o interesse do clan Kennedy pelo discurso que o presidente dos Estados Unidos proferiu nas Nações Unidas. Aqui vemos, na tribuna do publico, a sr.ª Jacqueline Kennedy, acompanhada, á esquerda, pela sua amiga sr.ª de Charles Wrightsman, e, á direita, pelas três irmãs de John Kennedy. A ultima da fila, é a esposa do actor Peter Lawford. Atrás dela, a sr.ª Eleanora Roosevelt. Terminado o discurso, a esposa de Kennedy não esconde o seu orgulho, ao ouvir as felictações que seu marido recebeu do exigente Andrei Gromiko, primeiro-ministro da U. R. S. S.

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

ESFORÇO E HABILIDADE

O trabalhador português merece, sem duvida, um destino feliz. Possui qualidades excepcionais, adapta-se fácilmente a todos os misteres e ás mais severas condições de labor, como mostra, tantas vezes, quando se lhe proporciona, a oportunidade, na nossa terra, ou quando, levado por anseios mais amplos, procura no estrangeiro, exercer a sua actividade. O que é preciso é fornecer-lhe recursos e dar-lhe ocasiões! Foi o que ontem ficou mais uma vez provado, na visita que o Chefe do Estado fez a Alverca, onde pôde verificar o progresso considerável das Oficinas Gerais de Material Aeronáutico e onde quis, expressamente, marcar a sua admiração pelo trabalho feito, com justas palavras de elogio, pelas aptidões do operário português, «que sabe fazer tudo com perfeição». Alverca, que foi um dos pilares do progresso da nossa aviação, tem sido também uma escola de técnicos, e constitui o testemunho vivo da capacidade de realização do operário português, bem orientado e bem apreciado.

BANCÁRIOS

Num momento em que se debatem problemas de grande interesse para os empregados bancários e se levantam divergências entre o órgão que os representa e o que engloba os representantes da classe patronal, não deixa de ser significativa e digna de assinalar-se a reunião dos que trabalham no Bank of London and South América, Ltd., designado vulgarmente por Banco Inglês. A pretexto do 99.º aniversário daquele importante estabelecimento de crédito, reuniram-se, efectivamente, em alegre convívio, empregados e dirigentes, numa prova evidente de que nenhumas razões justificam a separação dos homens, em dois campos distintos, se houver compreensão pelos seus mutuos interesses e respeito pelas legítimos anseios dos que vivem conscientes do progresso material e social dos nossos dias.

HOSPITALIDADE

Terminou mais um dos congressos realizados nesta quadra do ano, no nosso País, que recebeu, no curto espaço de um mês, delegados estrangeiros das mais diversas nacionalidades, para reuniões dos temas mais dispares. O 8.º Congresso da Associação Internacional do Direito Penal, que reuniu juristas categorizados de tantas procedências, não fugiu á regra geral e encerrou os seus trabalhos com duas ordens de conclusões. Por um lado, a declaração do interesse dos temas tratados e a utilidade das trocas de impressões que sobre eles se estabeleceu. Por outro, o reconhecimento pelo acolhimento que a todos foi dispensado. Ora, se não devemos deixar de nos regozijar pelo facto de as conclusões dos juristas terem sido muito interessantes, sob o ponto de vista técnico — e poderem, mesmo, porventura, contribuir para certos aperfeiçoamentos do sistema penal — não pode, igualmente, ser-nos indiferente a opinião que levem sobre a nossa hospitalidade.

*

CONTRASTE

Estava a pobre octogenária, despreocupadamente, sentada á porta da sua humilde residência, quando a camioneta lhe roubou a vida. Maria do Filipe, a «Filipa», alheia aos benefícios da civilização, foi esmagada por um dos instrumentos do progresso mais vulgarizados. Acarinhada pelos seus conterraneos, a pobre não foi assim poupada por um destino cruel.

PALÁCIO DE BELÉM

O Chefe do Estado recebeu em audiência o bispo de Macau. Estiveram a inscrever-se no livro de cumprimentos, os srs. ministro das Corporações e Previdência Social; governador militar de Lisboa; e drs. Pedro de Castro e Almeida e António Alberto Monteiro; coronel Manuel Domingues, tenente-coronel Manuel Martins dos Reis; Armando Vilar e Manuel Possolo.

*

VIDA POLÍTICA

O Presidente do Conselho trabalhou ontem com os ministros do Estado e do Interior.

HERANÇA SAGRADA

(Continuação da página anterior)

sem tomar as decisões aconselhadas.

Não se criaram em número suficiente, como era indispensável que se fizesse, missões laicas portuguesas, ás quais competia esse encargo, nem se deu ás missões católicas, cuja acção patriótica é por todos reconhecida, o estímulo e o auxílio necessários para prosseguirem a sua obra de cristianização — e de integração nacional. O resultado está á vista.

Que nos compete fazer agora? Seguir sem demora as directrizes apontadas no seu discurso pelo ministro do Ultramar e o exemplo do governador-geral de Moçambique, que tem feito da defesa e da expansão da língua portuguesa uma das maiores preocupações do seu governo. Para que no meio das dúvidas e das incertezas do futuro, que nos cumpre encarar com inabalável confiança, fazendo um esforço de adaptação ás realidades do presente, se salve, como herança sagrada a legar ás gerações vindouras, esse instrumento precioso de cultura e esse sinal de presença que é a língua herdada dos nossos avós e conservada com tanto amor como sacrifício através dos séculos, a língua em que pensam e se exprimem hoje no Mundo dezenas de milhões de almas que se irmanam no mesmo pensamento, com exclusão daqueles que — felizmente em número diminuto — a aprenderam no berço e se têm servido dela para renegar e insultar a própria mãe que lhes deu o ser.

Em certa altura do seu discurso, o prof. Adriano Moreira afirmou:

«As ameaças que nos cercam são demasiadamente graves para que se possa desculpar seja quem for que não esteja consciente da interdependência dos interesses que temos de salvaguardar. Por esta razão confiamos em que todos darão o melhor do seu esforço para encontrar um equilíbrio das actividades dentro do novo condicionalismo com a certeza de que o interesse geral estará sempre acima do interesse dos particulares. Por isso todos devem estar preparados, a todo o momento, para deitar fora os anéis que fazem sombra aos dedos».

Infelizmente, ainda há entre nós quem não o compreenda assim e teime em fazer um jogo perigoso, que não os poupará na hora das opções decisivas, se tivermos de enfrentar um dia o pior. E, nesse dia, os anéis já não servirão de nada, se tivermos a infelicidade de perder os dedos.

A CIDADE

Pelos hospitais

CHOQUE DE VEÍCULOS — O pedreiro Fernando Oliveira Filipe, 31 anos, residente no lugar de Pires Coxo, Santa Iria de Azóia, e o agente de vendas Sabino Duarte Lisardo, de 63 anos, morador na Rua Chaby Pinheiro, 6-1.º, seguiam hoje de manhã numa carrinha da fábrica de vidros Covina, a qual foi embater num automóvel que passava no Alto da Boa Viagem, próximo do Estádio Nacional. Do choque resultou terem ambos ficado feridos, pelo que receberam tratamento no Hospital de S. José, onde ficaram internados.

O motorista da carrinha sofreu também ligeiros ferimentos.

Quem perdeu?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): um estojo com um alfinete de peito, um par de brincos, um anel e um alfinete de gravata, achado num banco; uma nota do Banco de Portugal; um porta-moedas com selos e determinada quantia; um cão de luxo; um cartão da Obra Social do Exército, pertencente a António Raminhos Rubio; um pneu de auto pesado; um porta-moedas para senhora; um título de Isenção Militar em nome de Silvério Fernandes Matias; um bilhete de identidade em nome de Maria Antónia de Carvalho Gomes da Cruz; um recibo de renda de uma casa em nome de Fernando Rodrigues Brigido; um embrulho com diversas peças de vestuário; uma agenda com fotografias e selos fiscais; um requerimento em papel selado de António Pereira de Sá; um bloco com senhas da Companhia das Águas Medicinais; duas barbatanas próprias para praia; um tubo metálico; um tampão para depósito de gasolina; um manípulo de uma porta de automóvel; dois limpa-pára-brisas; um aro de roda de automóvel; três tampões de roda de automóvel; diversas argolas com chaves; e chaves desirmanadas.

JOAN WOODWARD deu à luz uma menina

HOLLYWOOD, 28. — A artista de cinema Joan Woodward, mulher do actor Paul, Newman, deu á luz, ontem á noite, uma menina com o peso de 4 quilos e 200, no «Hospital» Cedros do Libanó».

E' a segunda filha do casal. A primeira chama-se Nell e tem dois anos. — (A. N. I.).

Vida social

DR. MANUEL GONÇALVES

FUNCHAL, 28.—Chegou ontem a esta cidade o dr. Manuel Henriques Gonçalves, chefe do gabinete do ministro das Comunicações, que se desloca ao arquipélago em missão de serviço.

O dr. Manuel Gonçalves chegou de avião ao aeródromo do Porto Santo, cujas instalações percorreu, seguindo depois para o Funchal onde ficará alguns dias.—(A. N. I.).

CASAMENTO

Realizou-se na igreja de N. S. de Fátima o casamento da sr. D. Maria Manuela Ponces de Carvalho e Amaral filha da sr.ª D. Maria da Conceição Ponces de Carvalho e Amaral e do sr. dr. Eurico José de Loureiro e Amaral com o sr. dr. João Nuno de Mello Ayres de Abreu filho da sr.ª D. Ana Clara de Araujo das Neves e Mello Ayres de Abreu e do sr. brigadeiro Francisco Ayres de Abreu. Foram padrinhos os pais dos noivos. No final foi servido, no Castelo de S. Jorge, um fino copo-d'água.

DR. SALAZAR LEITE

De avião, seguiu para Istambul o prof. dr. Salazar Leite, que ali vai tomar parte numa conferência da Organização Mundial de Saude.

CASCAIS - ESTORIL

CURSOS DE FRANCÊS

A Alliance Française tem o prazer de comunicar que atendendo a enumeros pedidos, vai abrir um centro de ensino de francês em Cascais, na Avenida Marginal. Lote 12-1.º, Esq.º (em frente ao cinema S. José e perto da Estação de Caminho de Ferro).

As inscrições abrirão a 9 de Outubro próximo e as aulas a 16.

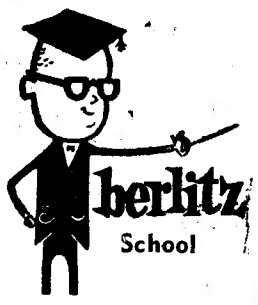
RÁDIO INDUSTRIAS, LDA.

COMUNICA

aos seus estimados clientes e amigos que a partir do dia 1 de Outubro, os seus telefones passam a ser:

555693 — 555564 — 555897

Instituto de Línguas de renome mundial



INGLÊS
FRANCÊS
ALEMÃO

— Lições das 9 ás 23 horas **sem interrupção**
— Cursos especiais para crianças

RUA SOCIEDADE FARMACÊUTICA, 30, 1.º
Telefone 54530

Linha de SINTRA

Cinemas

AMADORA — *Recreios Desportivos* — A's 21 e 15: «Acorda-me depois da tormenta» (17 anos).

QUELUZ — *Queluz-Cine* — A's 21 e 15: «Querido assassino» e «Ritmos modernos» (17 anos).

MEM MARTINS — *Cine-Chaby* — A's 21 e 30: «Paraíso Proibido» (17 anos).

SINTRA — *Cine-Teatro* — A's 21 e 30: «Shane» (12 anos).

ERICEIRA — *Cine-Teatro* — A's 21 e 15: «Hércules e a Rainha» e «Suzana e eu» (12 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — *Carmele* — Rua Elias Garcia, lote 28 (Tel. 931303). —*Helénica* — R. Elias Garcia, J. P. L., loja B (Tel. 930213).

QUELUZ — *Zeller* — Rua da Republica, 83 (Tel. 950045).

SINTRA — *Simões* — Estefania — R. Heliodoro Salgado, 26 (Tel. 980832).

S. PEDRO DE SINTRA — *Valentim* (Tel. 980456).

BURACA — *Vaz Martins* — Rua António Ferro, M. A. D. (Tel. 931690).

DAMAIA — *Confiança* — Estrada Militar, lote D.

Diário da Outra Banda

Jantar de homenagem

a um chefe da Polícia

No restaurante Floresta, ao Ginjal, efectua-se hoje um jantar de homenagem ao chefe da P. S. P. de Almada, José Domingos Lopes, que recentemente se aposentou. Estão inscritas mais de 200 pessoas.

Cinemas

ALMADA — *Incrível Almadense* — A's 21 e 15: «A imperatriz guerreira» (17 anos). — *Academia* — A's 21 e 30: «O favorito dos Bórgias» (12 anos).

COSTA DA CAPARICA — *Cine-Copacabana* — A's 21 e 15: «Pedro, o pescador» (12 anos).

PINHAL NOVO — *Soc. Filarmónica* — A's 21 e 30: «Perdida pelo Mundo» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — *Gameiro* — L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 034100).

ALMADA — *Castro Rodrigues* — R. Capitão eLitão (Tel. 070076).

BARREIRO — *Avenida* — Av. da Bélgica, 88 (Tel. 023212).

COVA DA PIEDADE — *Cerqueira Afonso* — P. 5 de Outubro, 18 (Tel. 070254).

MOITA — *Silva Rocha* — P. da Republica (Tel. 039029).

MONTIJO — *Higiene* — R. José Joaquim Marques.

SESIMBRA — *Lopes* — R. Candido dos Reis, 67 (Tel. 029028).

SETUBAL — *Marques* — R. Arronches Junqueiro, 111 (Tel. 22972).

O regime algodoeiro em Angola e Moçambique

O subsecretário de Estado de Administração Ultramarina marcou para hoje a posse da comissão que nomeou, em cumprimento de um despacho que exarou recentemente, para proceder ao estudo e revisão do regime das zonas algodoeiras estabelecido para o Ultramar.

Dessa comissão, que será presidida pelo sr. dr. Vicente Loff, inspector superior do Ultramar, fazem ainda parte dois concessionários, que são o sr. dr. João Ferreira dos Santos e um representante da firma Lagos & Irmão, bem como delegados das províncias de Angola e Moçambique, que serão, respectivamente, os srs. eng.º Dias Santos e Melo Furtado.

O ministro do Ultramar

chegou à cidade da Beira onde foi muito aclamado

BEIRA, 28 — Recebido entusiásticamente pelo povo da Beira, chegou a esta cidade o ministro do Ultramar, que inicia aqui a sua visita ao Norte da Província, onde permanecerá doze dias.

O avião ministerial aterrou no aeroporto da Manga, ás 11 horas da manhã. Logo que o prof. Adriano Moreira, acompanhado pelo governador-geral, apareceu á porta do avião, milhares de pessoas que haviam acorrido ao aeroporto aclamaram entusiásticamente o representante do Governo Central e o chefe da Província.

Junto da escada de acesso ao avião, encontravam-se o governador do distrito de Manica e Sofala, comandante Lopes Graça, e outras entidades oficiais, bem como o bispo, D. Sebastião Soares de Resende.

O ministro, depois de receber os cumprimentos do governador, foi apresentado ás restantes entidades. Forças do Regimento de Infantaria da Beira prestaram a guarda de honra ao prof. Adriano Moreira e desfilaram depois perante este membro do Governo.

Seguiu-se a cerimónia da entrega solene das chaves da cidade pelo presidente do Município, comandante Soares Perdigão, que apresentou ao ministro do Ultramar todos os vereadores do Município.

O povo da cidade e arredores, que acorreu em grande numero ao aeroporto, continuou a aclamar com entusiasmo o ministro e o almirante Sarmento Rodrigues, enquanto estes se dirigiam para a aerogare, onde se encontravam as restantes entidades oficiais e outras entidades, entre as quais, todos os membros do corpo consular. O ministro apertou a mão a todos e dirigiu-se em seguida para a saída do aeroporto, onde o povo voltou a dis-entusiástica ovação.

Organizou-se depois um cortejo automóvel que se dirigiu para a cidade. Ao longo do percurso, alas de povo, numa perfeita comunhão de raças e empunhando bandeiras nacionais, saudaram efusivamente o ministro Adriano Moreira que, com a sua natural simpatia, que conquistou já Moçambique, correspondeu ás saudações que lhe eram constantemente dirigidas bem como ao governador Sarmento Rodrigues, considerado justamente, «um governador muito popular entre nós». O cortejo dirigiu-se para o edifício da Camara Municipal, onde se efectuou uma sessão solene de boas-vindas.

Junto dos Paços do Concelho, a multidão que ali se havia juntado em grande numero voltou a tributar ao representante do Governo entsiástica ovação.

O salão nobre do Município encontrava-se vistosamente engalanado, vendo-se ali todos os estandartes das colectividades beirenses. Quando o prof. Adriano Moreira ali deu entrada, seguido do sr. almirante Sarmento Rodrigues e do comandante Lopes Graça, a assistência, que enchia por completo aquela vasta sala, saudou, de pé, o ministro, ouvindo-se vivas a Portugal, a Moçambique, a Adriano Moreira e ao governador-geral.

O prof. Adriano Moreira tomou a presidência, ladeado pelos governadores-geral e do distrito e presidente da Camara Municipal, que usou da palavra para saudar o ministro.

O discurso do ministro

Ao agradecer o sr. prof. dr. Adriano Moreira saudou os homens bons da Beira, representantes dessa geração de esforçados colonos que conquistou aos pantanos o terreno onde assenta a urbe, demonstrando, assim, «como são aleivosas as acusações de colonialismo de que hoje somos objecto tão frequentemente».

Anunciou, depois, que se vai proceder á reforma administrativa ultramarina, cujos trabalhos foram já iniciados. Referiu-se, ainda, á criação de um Instituto de Trabalho e Acção Social, para fiscalização do cumprimento sobre as novas normas do trabalho, e acrescentou que se entendeu oportuno instituir o ensino superior nas províncias de Angola e Moçambique, começando por instalar os estudos gerais.

A concluir sublinhou que «a experiência vivida desde Bandung demonstra que o racismo contra o branco abriu caminho até dominar o próprio plenário da O. N. U.; tudo pois nos aconselha a persistir na defesa da nossa concepção de vida, que simultaneamente protege brancos e pretos do vendaval de ódio que domina a vida internacional. — (L.).

O dr. Franco Nogueira, primeiro da direita, recebe os parlamentares britanicos que há dias se encontram no nosso País

Ia para a escola

ao volante do automóvel emprestado pelo pai

mas tinha apenas seis anos

SUDBURY (Ontário), 28. — Terry Appleby arrumou impecávelmente o seu automóvel perto de uma escola infantil, mas foi detido por um polícia. A causa da detenção: Terry, que é aluno da referida escola, tem apenas seis anos.

Convocado pela Polícia, o pai do prodigioso volante, explicou, muito orgulhoso, que emprestava o carro ao filho para ir ás aulas visto que Terry guiava muito bem. O papá do prodígio está sujeito a pagar uma multa e Terry terá que esperar pelos 16 anos para obter uma carta de condução que lhe permita ir para as aulas ao volante de um automóvel. — (F. P.).

FOI ISOLADO o estrôncio 90

OTAWA, 28.—Um cientista do Ministério da Agricultura do Canadá, dr. Migicovsky, conseguiu, em laboratório, isolar o estrôncio 90, que aparece no leite e em outros produtos alimentares contaminados pela radioactividade.

O ministro da Saude informou o Parlamento que esta descoberta abria vastas perspectivas de aplicação prática, acrescentando que as experiências tendentes a eliminar o estrôncio 90 do corpo humano tinham até agora dado poucos resultados.—(F. P.).

A «Medalha de Colombo» para Gagarine

GÉNOVA, 28.—A «Medalha de Colombo» foi atribuida, ontem, a Yuri Gagarine pela municipalidade de Génova. Esta medalha destina-se a homenagear as pessoas, de qualquer nacionalidade, que pelo seu saber, coragem e experiências fizeram progredir a Ciência.—(F. P.).

A situação em Angola

(Continuação da 1.ª página)

Na estrada de Carmona ao Negage, haverá diáriamente quatro viagens sob escolta, em que deverão encorporar-se camiões de carga e outros veículos.

Espera-se, com esta decisão, levar os terroristas — que actuam em pequenos bandos, restos de bandos maiores, que foram há muito castigados e dispersos — a desistirem dos seus ataques.

UMA BAIXA NO CORPO DE VOLUNTÁRIOS

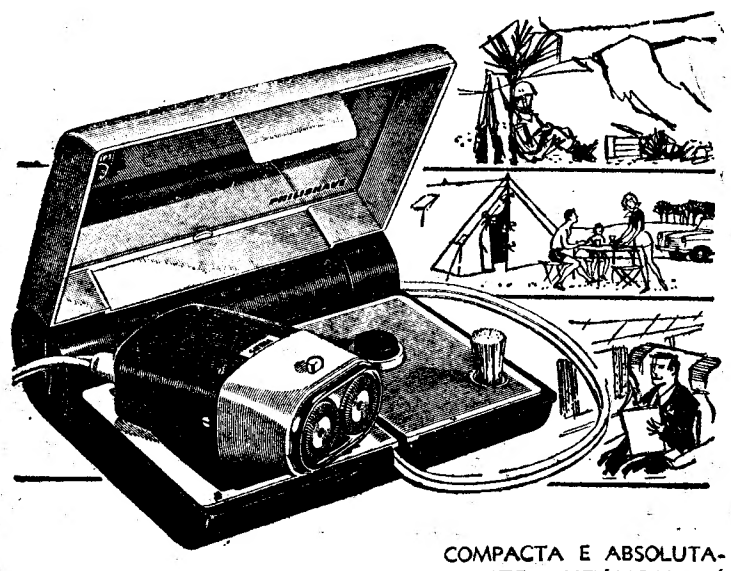
Dois membros do Corpo de Voluntários recolheram ontem ao hospital de Carmona, feridos durante um recontro com os terroristas na estrada entre o Bengo e a Mucaba.

Outro voluntário, Helder Manuel da Silva e Sousa, morreu noutro recontro, este na região da serra de Massarelos. — (A. N. I.).

REVOLUÇÃO na INDUSTRIA de tecelagem: um «pull-over» feito em casa em 10 minutos

LONDRES, 28. — Principiou a fabricação, em série, na Africa do Sul, de uma nova máquina de tricotar, inventada pelo engenheiro B. J. Van As, que além de pesar simplesmente um quilograma e de ser capaz de confeccionar um «pull-over» em 10 minutos, não deve importar em mais de 147 escudos. As numerosas encomendas já recebidas do estrangeiro pelos fabricantes, fazem prever uma produção anual de um milhão de unidades para os mercados externos. — (F. P.).

Onde estiver e quando quiser!



Pode barbear-se perfeitamente com a PHILISHAVE para pilhas secas. Também com a famosa acção rotativa que celebrizou a PHILISHAVE

COMPACTA E ABSOLUTAMENTE AUTÓNOMA, É FORNECIDA COM UM ESTOJO QUE CONTÉM TODOS OS ACESSÓRIOS, INCLUINDO O ESPELHO. FUNCIONA COM 2 PILHAS DE 1,5 V, QUE PERMITEM FAZER A BARBA DIÀRIAMENTE DURANTE UM MÊS

PREÇO 495$00

PHILIPS

PERFUMARIA CEZAL

FUNDADA EM 1910

PRODUTOS DR. PAYOT E STIKS LANDER

Grande sortido em perfumarias nacionais e estrangeiras. Produtos de beleza de reputação mundial; sabonetes Franceses e Ingleses: Camy, Pinaud, Palmolive, etc.

A célebre pasta dentífrica Colgate a 13$80 cada. Preços especiais para revenda. Cremes de barba Ingram, Colgate, Palmolive, Gibbs, de fabrico de origem, etc.

RUA DO COMÉRCIO, 12 e 14
TELEFONE 26498 LISBOA

Instituto Alemão

LISBOA — Avenida da Liberdade, 222-2.º — Telefone 73 03 05

CURSOS DE LÍNGUA ALEMÃ

Para principiantes e adiantados e cursos superiores. Cursos especiais para médicos e correspondentes. Cursos de literatura, de aperfeiçoamento e círculos de conversação.

Os cursos realizam-se de manhã, á tarde e á noite.

Abertura das aulas no dia 12 de Outubro. As inscrições estão abertas, na Secretaria do Instituto, Avenida da Liberdade, 222, 2.º, das 11 ás 13 e das 16 ás 19 horas, todos os dias uteis, excepto aos Sábados.

Nacional Rádio, Ld.ª, de Lisboa e Soc. de Rep. Santos Guimarães & Oliveira, S. A. R. L. do Porto, representantes exclusivos em Portugal das Fábricas «GRUNDIG VERKAUFS G. M. B. H. de FURTH/BAYERN, Alemanha Ocidental, tem o prazer de informar que o concurso relativo ao mês de Agosto será transmitido hoje cerca das 22.30 horas, pela Rádio Televisão Portuguesa.

PROGRAMA COM A COLABORAÇÃO DE
CARLOS SILVA apresentando
HORÁCIO REINALDO
e o conjunto de JAIME JOÃO

TEATROS E CINEMAS

«A. E. I. O. U.», NO TRINDADE

Autor — Alexandre Rosado.
Intérpretes — António João Ferreira, Arlete Maria Rodrigues, Maria Isabel da Encarnação Rosa, José Manuel Guerreiro da Costa, Silvério Serra, Josué da Conceição Matos, Vítor Manuel Pinto dos Santos, Maria Eugénia Romero Zambujo, Alberto Luís da Fonseca Moleiro, José Martins Lopes, Delfina de Matos Marçalo, José Joaquim Peneirol, António Luís Pascoal, Adermai Augusta da Costa Salgueiro, Manuel Luís Batalha, etc.

Desempenhada pelo grupo dramático do «Lusitano Ginásio Clube», de Évora.

● A mãe do Fernando queria que o filho fosse para a escola, que ele aprendesse a ler «— *é uma tristeza que me entra na alma lembrar-me que o meu Fernando fica sem saber ler!*».

Mas o pai de Fernando mandou-o para ajuda de ovelhas, já para fazer a vontade ao patrão «— *quem é pobre tem que andar a jeito de quem lhe dá o pão a ganhar* —» já para alívio da sua vida difícil de trabalhador de campo «— *sempre é uma boca a menos á mesa e o que ganhasse sempre ia chegando para lhe comprar uns sapatos, umas calças...*».

*

Uma tarde, o Fernando veio a casa para mudar de roupa e encontrou-se com o Joaquim Maria, rapazote da mesma idade — 10 anos — também filho de um trabalhador do campo, e que andava á escola e já sabia ler muito bem. O Joaquim Maria aponta e ensina.

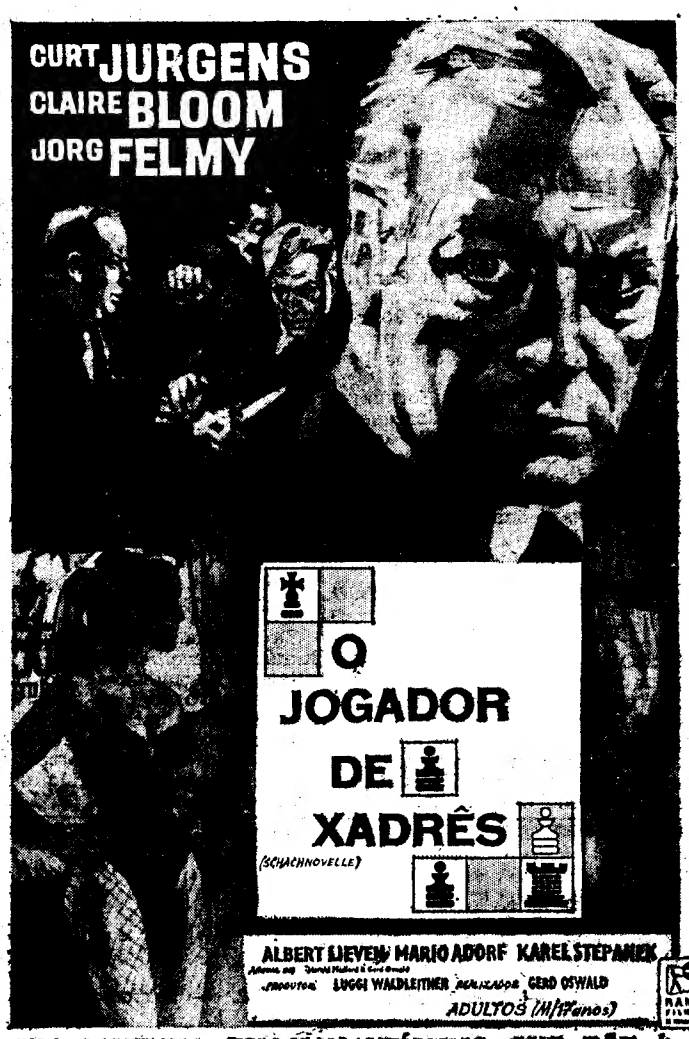
Daí em diante, o ajuda de ovelhas, nas horas lentas da solidão dos campos, atrás do rebanho, vai rezando: «a. e. i. o. u....» e ele, subido a umas pedras, fascinado, «quer apanhá-las com as mãos, quer agarrá-las».

Os divertimentos não roubam

(Continua na 6.ª página)

SÃO JORGE
TELEF. { B. 54154 / P. 54153

APRESENTA HOJE EM ESTREIA
UM FILME EXTRAORDINÁRIO
EXTRAÍDO DA FAMOSA OBRA DE
STEFAN ZWEIG



UM CONFLITO EMOCIONANTÍSSIMO QUE PÕE À PROVA OS NERVOS DE QUALQUER PESSOA POR MAIS HABITUADA QUE ESTEJA ÀS MAIS FORTES EMOÇÕES

AMANHÃ CAPITÓLIO
REABERTURA DO
COMO CINEMA DE ESTREIAS.
UM FILME ESPECTACULAR DE AUDÁCIA, AVENTURA E EMOÇÃO
O PRIMEIRO GRANDE ÊXITO DA LISTA METRO-GOLDWYN-MAYER
PARA A NOVA ÉPOCA!

COM
RORY CALHOUN
GIANNA MARIA CANALE
(M/ DE 12 ANOS)

UM EXTRAORDINÁRIO FILME PARA AS GRANDES MULTIDÕES AMANTES DOS GRANDES ESPECTÁCULOS!
AMOR!
TRAIÇÃO!
AVENTURA!
«SUSPENSE»!
EM
DYALISCOPE
EASTMANCOLOR

RONALD REGAN – RUTH HUSSEY – CHARLES COBURN
NUMA COMÉDIA QUE É UM DESFILAR CONSTANTE DE CENAS BURLESCAS!
HOJE
A's 21.45
AVIS
(M/ 12 anos)
DOPERFILME
A HISTÓRIA PICARESCA DE UMA AVÓ QUE QUER DESMENTIR O TEMPO... ENQUANTO DOIS CAVALHEIROS DISPUTAM O SEU CORAÇÃO MADURO!...

FEIRA POPULAR DE LISBOA
(A ENTRECAMPOS)
Só mais três dias do maior espectáculo da capital
TODAS AS ATRACÇÕES EM MOVIMENTO
EXPOSIÇÕES ABERTAS AO PUBLICO EM MAJESTOSOS PAVILHÕES ONDE HÁ MUITO QUE VER E APRENDER
«STANDS» DE EXPOSIÇÕES, DIVERTIMENTOS, ATRACÇÕES INFANTIS, RESTAURANTES, RETIROS, SORTEIOS, CINEMA, ETC.
ENTRADA: QUINZE TOSTÕES
TRANSPORTES FACEIS, DIRECTOS E ASSEGURADOS «ELÉCTRICOS», AUTOCARROS E COMBOIOS
ABERTURA ÀS 19 HORAS
Amanhã - Noite Socomir e Sonipol
COM UM VALIOSO SORTEIO DE UMA MÁQUINA DE FILMAR CANON - CINE 8 T

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

DELICIE-SE COM A COZINHA TÍPICA
E OUÇA OS MELHORES ARTISTAS DO FADO
da Nau Catrineta Tr. de S. Miguel ALFAMA Ar condicionado

FOI UM NOVO E ESTRONDOSO ÊXITO!

A ESTREIA ONTEM NO

VARIEDADES Telef. 26037
Emp.ª F. Ribeiro e H. Santana
PELA ALEGRE E MAGNÍFICA
COMPANHIA BRASILEIRA DE COMÉDIA

A's 21.45 h. P.ª M/ 12 anos

ANDRÉ VILLON — CILO COSTA
da irresistível e típica comédia brasileira

«ESPANTA GATO»

Um primor de interpretação

com ELZA GOMES, VANDA LACERDA, FRANCISCO DANTAS, MARILIA PERA, ALTAMIRO MARTINS, DOMICIO COSTA e GRAÇA MELO, FILHO

A Companhia viaja nos serviços da «PANAIR-T. A. P.» (Voo de Amizade)

COLISEU

Emp.ª Ricardo Covões (Herds.)
— Telef. 31997 —

Amanhã às 21.30

GRANDE COMPANHIA

Parada de atracções
Palhaços
Um mundo de alegria
Novidades--Fenómenos
BILHETES A' VENDA

LISBOA EM FESTA!

Inauguração
DA
Temporada
DE

CIRCO

O MAIOR ESPECTÁCULO DO MUNDO

Às 5.ªs Feiras, Sábados, Domingos e Feriados, Tardes, ás 16 h., com entrada gratuita a todas as crianças M/ 5 anos devidamente acompanhadas

CAMPO PEQUENO

AVISO

Devido ao mau tempo a corrida anunciada para hoje foi transferida para o próximo dia 5 de Outubro (feriado oficial), ás 15.30 horas, sendo válidos os bilhetes com a data de 28 de Setembro.

HOJE 21.30 NO POLITEAMA

SENSACIONAL ACONTECIMENTO DE ESTREIA

NUNCA SE VIU UM FILME TÃO CORAJOSO!

APAIXONANTE

REALISTA

UMA OBRA QUE REPRESENTA A MAIOR AUDACIA DO CINEMA EM REVELAR O DRAMA DE UMA JOVEM QUE REPUDIOU SER ESCRAVA DO PECADO...

NÃO QUIS VENDER OS SEUS BEIJOS MAS SOUBE SER MUITO MULHER SEM ATRAIÇOAR A PUREZA DO SEU CORAÇÃO!

EXCLUSIVO DA ASTÓRIA FILMES

A VOZ DO DESEJO

VERSÃO INTEGRAL DO DISCUTIDO ROMANCE DE TENNESSEE WILLIAMS

PRODUÇÃO WARNER BROS

A OBRA-PRIMA DE ELIA KAZAN
COM
CARROL BAKER
KARL MALDEN
ELI WALLACE

(M/ DE 17 ANOS)

baby doll

ANJO E MULHER... PUREZA E DESEJO... SONHO E PERFIDIA...

No Monumental

Laura Alves, num grande êxito de gargalhada

As enchentes continuam no Teatro Monumental, onde o publico ri à bandeiras despregadas todas as noites, com a divertida e maliciosa comédia francesa de Barillet & Grédy «Criada para todo serviço», no desempenho notável de Laura Alves, na figura de uma criada que tudo consegue na vida, pois que até adivinha as coisas que vão acontecer. A seu lado aparece Assis Pacheco, o «patrão», Maria Paula, a «esposa», Maria Dulce «uma rapariga moderna», e Artur Semedo, o «filho» trompetista, rapaz moderno. «Criada para todo serviço» representa-se todas as noites, ás 21 e 45.

RESTAURANTE TÍPICO

MARCIA CONDESSA

Praça da Alegria, 38 — Tel. 367093

Ao comemorar hoje o seu aniversário natalício, a proprietária deste restaurante convida todos os seus amigos e clientes a assistirem á abertura da época de Inverno.

JANTAR ESPECIAL
FADOS — VARIEDADES

Não deixe de marcar a sua mesa

Para maiores de 17 anos

A homenagem

a Paulo José, no Teatro ABC

Continuam a receber-se adesões de artistas para a festa de homenagem ao bailarino Paulo José, marcada para depois de amanhã, ás 16 horas, no Teatro ABC.

Como já referimos, além de um acto da revista «O trunfo é espadas», gentilmente cedido pelo empresário José Miguel, actuarão na simpática festa de homenagem áquele artista muitas vedetas do teatro, rádio e televisão. Entre as ultimas adesões espontaneas recebidas contam-se Amália Rodrigues, Irene Isidro, Helena Tavares, Maria Adelina, Mimi Gaspar, Tomé de Barros Queirós, Humberto Madeira, Raul Solnado, Carlos Coelho, Domingos Marques, José António, Simone de Oliveira, Rui Mascarenhas, Patrícia, Salvador e Artur Agostinho.

A venda de bilhetes para este espectáculo unico continua na bilheteira do ABC.

Aos sábados: 2 **SESSÕES** **Às 20.45 e 23 h.**—Aos Domingos: **À Tarde, ás 16 h. À Noite, ás 20.45 e 23 h.** (ADULTOS—M/ 17 anos)

ESTA SEMANA
Estreia
A's 21.45 h.

TEATRO Tel. 2 72 73
AVENIDA

PARA INAUGURAÇÃO DA NOVA ÉPOCA 1961/62

VASCO MORGADO apresenta
A SENSACIONAL REAPARIÇÃO DO POPULAR ACTOR
EUGÉNIO SALVADOR
NO TEATRO DECLAMADO, AO LADO DE
IRENE ISIDRO
NUMA DIVERTIDÍSSIMA COMÉDIA DE **JORGE LLOPIS**
Tradução e adaptação de **Sérgio Guimarães**

O DIABO É UM ANJINHO

No elenco: **SUSANA PRADO — CARMEN MENDES — BAPTISTA FERNANDES — BEATRIZ DE ALMEIDA — ALBERTO GHIRA — JOAQUIM MIRANDA — RUI LUÍS**
Encenação e dir. artística de **SALVADOR** — Cenas de **PINTO DE CAMPOS**

ATENÇAO

Em virtude da grande procura de bilhetes, as marcações só se **repeitam até ás 20 horas de HOJE**

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da 4.ª página)

um só momento ás suas horas de estudo. Até, para não perder uma edição, ele não vai ver passar os corredores da volta — «*primeiro está a lição*».

Um dia, alguém oferece-se para lhe arranjar um emprego — modesto, é claro, — em Lisboa, logo que faça o exame da quarta classe. Mas o Fernando agradece e não aceita «— *eu deixar a vida do campo para ir para Lisboa? Era o mesmo que me meterem dentro duma prisão... faz algum mal que um trabalhador tenha a quarta classe?... nasci a trabalhar no campo, quero morrer a trabalhar no campo.*

Assim, o Fernando quer honrar mais, dignificar mais, a sua profissão de trabalhador do campo com a luz que dimana das letras da sua quarta classe.

*

E assim era o tema, ontem desenvolvido na peça do sr. Rosado. Sem duvida, de grande interesse e utilidade nos tempos que vão correndo.

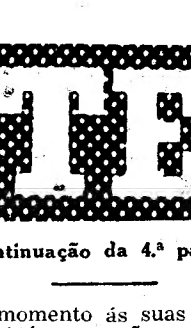
«ESPANTA GATO», NO VARIEDADES

Quatro figuras da peça vistas por Fernando Bento

A Companhia Brasileira de Comédias estreou ontem «Espanta Gato», de Luís Maranhão, Filho, o segundo original apresentado nesta sua temporada de Lisboa.

Digamos, desde já, que a estreia da companhia, não tendo sido auspiciosa, podia cair na repetição o que, a verificar-se, lhe criaria uma situação difícil já que, companhia deslocada propositadamente do Brasil a Portugal para aqui dar espectáculos, iria cair no sempre temível descalabro financeiro. No entanto, em relação ao espectáculo anterior, podemos afrimar que a actuação da companhia subiu de nível. Contudo, parece-nos que o problema das peças continua a ficar de pé, embora não seja agora difícil arranjar explicação para tal. «Espanta Gato», comédia regional brasileira desdobrada ao longo de 3 actos, é uma peça desigual. Tem momentos felicíssimos mas abundam nela os tempos mortos que cortam ao desenvolvimento da acção o interesse ideal. O seu 1.° acto é fraco, embora compensado pelos 2.° e 3.°

A sua temática tem um interesse relativo, mesmo quando, como na cena final do ultimo acto, o autor parece querer mostrar-nos que a peça não é um puro «divertissement», feito com motivos de província. O publico, sempre receptivo, riu frequentes vezes, particularmente com as intervenções desse grande actor que é André Villon. Ele foi, mais uma vez, o eixo sobre o qual girou todo o espectáculo. O seu pároco de província é um primor de intenção. Está de tal modo bem composto que muitas vezes tudo se anula á sua volta pela força da sua actuação. Francisco Dantas não teve, na primeira peça, grandes possibilidades de mostrar a sua capacidade de actor. Cilo Costa, continuou a não nos convencer. Elza Gomes teve um pequeno papel de importancia secundária e intermitente. Marília Pera e Graça Melo, Filho, fizeram o jovem par de namorados e, estamos certos, ao coração da plateia teria sido muito sensível a actuação dos dois jovens, particularmente nas cenas com André Villon. Especialmente Graça Melo, Filho, que ainda não víramos representar, não nos desiludiu. Os restantes intérpretes integraram-se fácilmente no conjunto. O espaço onde se desenrola a peça é aceitável, integrando-se no estilo geral da obra. O publico aceitou bem a peça e riu frequentes vezes. — *L. d'O. N.*



no teatro MONUMENTAL T. 55133—ADULTOS M/17 ANOS
TODAS AS NOITES AS 21.45 H

VASCO MORGADO apresenta **LAURA ALVES**
numa DIVERTIDÍSSIMA COMÉDIA FRANCESA
ao lado de ASSIS MARIA PAULA • MARIA DULCE e ARTUR SEMEDO
uma peça para RIR... mas RIR muito

SÁBADO — TARDE POPULAR, ás 16 h., preços red.
A' noite, 2 sessões, ás 20.45 e 23 h.
DOMINGO, á tarde, ás 16 h. A' noite, sessão única, ás 21.45 h.
(12 anos)

Em ensaios para espectáculos á tarde, a peça de Vasco Mendonça Alves «MEU AMOR É TRAIÇOEIRO»

Cartaz dos Cinemas

ESTREIAS DE HOJE — A VOZ DO DESEJO — POLITEAMA
— O JOGADOR DE XADRES — SÃO JORGE

SÃO LUIZ — Telefone 27172
A's 15.15 e 18.15 (Pr. red.) e 21.30
Um filme de «suspense» inesquecível!
ESPIÕES EM ACÇÃO
Mais do que um filme de acção... é um verdadeiro espectáculo!
Com **Juliette Mayniel** e **Bernard Blier**

POLITEAMA — Telefone 26305
Hoje ás 21.30 (M. 17 anos)
ESTREIA
a sensacional realização de **Elia Kazan**
A VOZ DO DESEJO
com **Carrol Baker** e **Karl Malden**
A corajosa história de uma jovem que repudiou ser escrava do pecado.
A's 18.15 — Ingrid Bergman em VIAGEM EM ITÁLIA.

MONUMENTAL — Telefone 55131
A's 15.15 e 21.30 (M. 12 anos)
A maior e mais espectacular obra que o cinema realizou com o melhor elenco até hoje reunido
SPARTACUS
com **Kirk Douglas** — **Charles Laughton** — **Peter Ustinov** — **Laurence Olivier** — **Jean Simons** — **John Gavin** — **Tony Curtis**

AVIS — Telefone 47162
A's 21.45 (M. 12 anos)
Ronald Regan
Ruth Hussey
Charles Cohwn
são os protagonistas de uma comédia cheia de espírito
LOUISA
Uma avó enamorada... e uma família em alvoroço.

RESTELO — Telefone 610375
A's 21.15 (M. 12 anos)
O ESCUDO NEGRO
com Tony Curtis e Janet Leigh

CASINO ESTORIL
A's 21.30 (M. 17 anos)
K A T I A
(O grande amor do Czar)
com Romy Schneider e Curd Jurgens

TIVOLI — Telefone 50595
A's 3 e 6.15 da tarde (p. red.) e 9.30 da noite
A famosa e espectacular obra-prima de **Gershwin**, realizada por **Otto Preminger**
PORGY E BESS
com **Sidney Poitier** e **Dorthy Dandridge**
(M. 12 anos)

EDEN — Telefone 20768
A's 15.30, 18.30 e 21.45
(M. 17 anos)
3.ª SEMANA
Um espectáculo de alta fantasia artística
O MUNDO DE NOITE
Tecnicolor — Technirama

CONDES — Telefone 22523
A's 15.15 e 18.15 (p. red.) e 21.30
(M. 17 anos)
Brigitte Bardot
Adorável! Maliciosa! Picante! em
UMA PARISIENSE
com **Charles Boyer** — **Henri Vidal**
AR CONDICIONADO — Technicolor

ALVALADE — Telefone 763080
A's 15.45 (p. red.) e 21.45
Um filme empolgante
ESPIÕES EM ACÇÃO
Um filme de verdadeiro «suspense» com a maravilhosa vedeta **Juliette Mayniel** e **Bernard Blier**

ROYAL — Telefone 865037
A's 15 h. e 21 h. (M. 17 anos)
PROFISSÃO PERIGOSA
NASCIMENTO DE UM IMPÉRIO

L I Z — Telefone 48560
A's 21 horas (M. 17 anos)
O COMBOIO APITOU 3 VEZES
TOMMY E A PRINCESA

CINEMA IDEAL — Telefone 24194
A's 21 (M. 12 anos)
OS BRAVOS NÃO VOLTAM COSTAS
TRÊS ESTAROLAS E UM FOGUETÃO

IMPÉRIO — Telefones 55134/5
A's 15.15 e 21.30 (Adultos)
Annette Vadim e **Elsa Martinelli**
no filme de **Roger Vadim**
O SANGUE E A ROSA
Technirama e Technicolor

SÃO JORGE — PLATEIA 54153 — BALCÃO 54154
A's 21.30
ESTREIA
(M. 17 anos)
O JOGADOR DE XADREZ
(Ver anuncio especial)
A's 18.15 — Ultima — M. 17 anos
— UM VOTO PARA JOHNNIE.

ROMA — Telefone 727778
A's 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
Uma comédia picante, alegre e maliciosa
UMA PARISIENSE
com **Brigitte Bardot** e **Charles Boyer**
nunca esteve tão maliciosa... ousada... amorosa e tão ingénua

ODEON — Telefone 26283
A's 15.15 e 21.15 (M. 12 anos)
A sensacional obra-prima galardoada com 9 «oscars»
OS MELHORES ANOS DA NOSSA VIDA
com **Frederic March**, **Myrna Loy**, **Dana Andrew**, **Teresa Wrigh** e **Virginia Mayo**
AVISO: O espectáculo da noite começa ás 21.15 devido á exibição integral do filme.

ESPLANADA PORTUGÁLIA — Telefone 47663
A's 21.15 (M. 12 anos)
NUNCA DIGAS ADEUS
E O SEGREDO DO CULPADO

TERRASSE — Telefone 20917
A's 21 h. (M. 12 anos)
UMA BALA PARA JOEY
O APRENDIZ DO DIABO

Atrás do reposteiro

- Os cenários que vão enquadrar a revista «Bate o pé», em ensaios no Maria Vitória, são pintados pelos cenógrafos Manuel Lima, Ernani e Rui Martins.
- Todo o guarda-roupa da tragédia «A Castro», que o elenco do Teatro Popular de Lisboa está a ensaiar, é cedido por um organismo oficial.
- Maria Olguim, Óscar Acursio, Carlos José Teixeira e Andrade e Silva, são os artistas que participam no desempenho da peça «O berço», em ensaios na TV.
- No ano próximo, deve ir em digressão ás ilhas adjacentes, uma companhia de revistas. Já a época passada houve negociações nesse sentido com o empresário José Miguel.
- No Barreiro, está a ser instalado o teatro desmontável da Companhia Rafael de Oliveira.

No Brasil

- Promovido pela «Secção Teatral» do jornal «O Globo», e patrocinado por Eduardo Farah, numa organização da Associação do Teatro Amador, vai realizar-se, em Outubro próximo, no Rio de Janeiro, o II Festival de Teatro Infantil da Guanabara.

No Avenida

Grande foi a afluência de publico ás bilheteiras do popular teatro da Avenida, onde Vasco Morgado apresenta amanhã, ás 21 e 45, a sensacional reaparição do popular actor Eugénio Salvador, para inauguração da nova época de 1961/62, trazendo assim este simpático artista para os palcos de comédia. O primeiro espectáculo da nova companhia de teatro alegre, que amanhã se apresenta ao publico, com a estreia da peça de Jorge Llopis, que Sérgio Guimarães traduziu e adaptou, é o segundo divertido espectáculo de Vasco Morgado desta temporada.

«O diabo é um anjinho» é uma comédia moderna, cheia do mais vivo interesse, representada com um ritmo deveras interessante, em que Salvador como encenador e director artístico pôs toda a sua dedicação.

A interpretação desta comédia tem, como primeira figura, a notável artista Irene Isidro, ao lado de Susana Prado, com Carmen Mendes, Baptista Fernandes, Beatriz de Almeida, Alberto Ghira, Joaquim Miranda e Rui Luís.

As cenas de «O diabo é um anjinho» foram executadas por Pinto de Campos, artista plástico, a quem se deve parte dos grandes êxitos do teatro português. A empresa chama a atenção do publico habitual das «primeiras», que tem de levantar os bilhetes até ás 20 horas de hoje, atendendo a que há grande procura de bilhetes, para a estreia.

Primeiras exibições

«O sangue e a rosa», no Império

Para fecho da sua temporada de Verão, o Império apresentou-nos ontem um filme sedutor. Baseado numa velha lenda segunda a qual uma jovem, vítima de taras congénitas, tem uma necessidade imperiosa de sugar sangue humano — vampirismo — o filme consegue aliar em si, servidos por excelentes imagens, o mistério e o amor.

Desenrolando-se num velho castelo romano, o filme torna-se, por isso, ainda mais atraente.

Produção franco-italiana dirigida por Roger Vadin, é interpretada pela bela Annette Vadin, segunda esposa do realizador, Elsa Martinelli, Alberto Bonucci e Gaby Farinon, com musica de Prochmides que contribuiu poderosamente para acentuar o clima da obra.

Filme sem duvida muito recomendável para todas as pessoas que gostam de temas fortes, impressionantes e misteriosos, «O sangue e a rosa» tem grandes motivos de interesse.

Bons complementos entre eles o documentário «Visor» e «Actualidades francesas». — *Visor 13.*

POLITEAMA

Integrado no ciclo «Os grandes romances de amor», o cinema Politeama exibe hoje, ás 18 e 15, em sessão para adultos, a discutida obra de de Rossellini, «Viagem em Itália», com Ingrid Bergman, George Sanders e Maria Mauban nos principais papéis. E' a apaixonante história de dois seres que se amavam loucamente e que só o descobriram através da separação. Em imagens de surpreendente beleza, «Viagem em Itália» descobre os mais típicos recantos da histórica cidade de Nápoles, a ilha de Capri, as ruínas de Pompeia, o templo de Apolo e o Museu de Escultura, um dos mais belos do Mundo.

Romance sedutor, cheio de imprevisto e rico de excitações, «Viagem em Itália», que se exibe agora pela ultima vez em Lisboa, resulta num espectáculo maravilhoso, suave e terno — um espectáculo para atrair as atenções do melhor publico da capital.

Festival

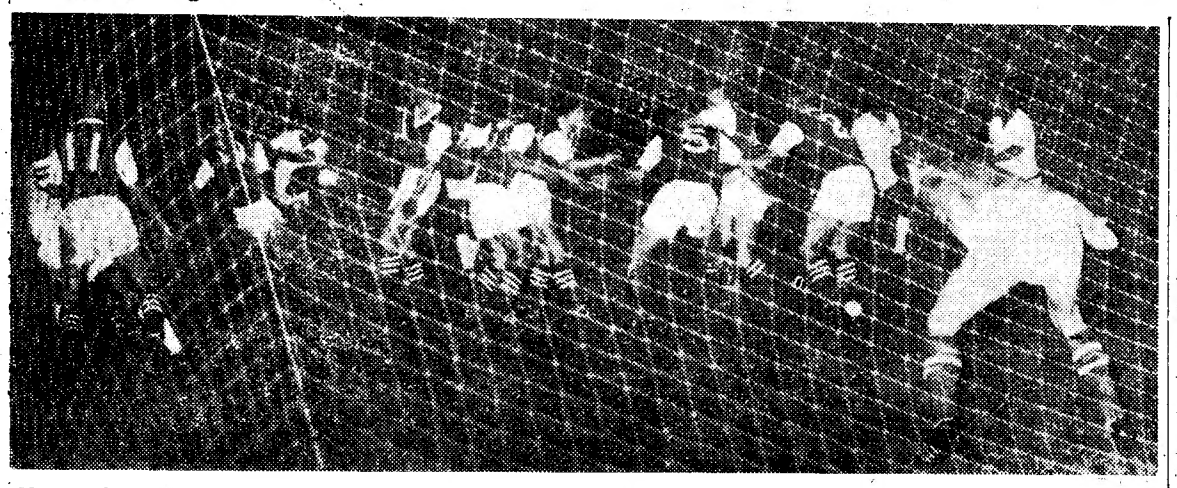
do fado na Ericeira

Realizou-se ontem, na Ericeira, no Restaurante Adega da Foz, um festival de fado a favor dos pobres protegidos pela Santa Casa da Misericórdia daquela vila, no qual gentilmente colaborou Amália Rodrigues que obteve mais um extraordinário êxito junto do publico que enchia sala. Amália interpretou vários numeros do seu vasto reportório perante o entusiasmo da assistência que pôde assim homenagear mais uma vez a grande artista.

Igualmente prestaram graciosamente a sua colaboração a este festival outros prestigiosos artistas: Carlos Ramos, sempre castiço, que ouviu calorosos aplausos; o jovem Vicente da Camara que foi inexcedível nas suas interpretações e Fernando Alvim.

Raul Solnado, um artista da cena portuguesa, sempre pronto a colaborar nas causas generosas, actuou de forma a despertar no publico o maior agrado, o que também se verificou com a estreia na Ericeira do guitarrista amador Carlos Paredes que, segue assim a carreira brilhante de seu pai, Artur Paredes.

DESPORTOS



Na transformação de um «livre» contra o Hibernian os escoceses parece que estão a jogar raguebi. Diga-se que o «temível» Matateu, o executante do «livre», justifica a confusão dos visitantes

"Perdemos bem sem qualquer atenuante"

— opinião do treinador do Belenenses

JOSÉ PEREIRA (guarda-redes) — Parece-me que sou acusado de ter consentido os dois ultimos golos dos escoceses. Ora eu não tenho duvidas em dar a mão á palmatória, mas apenas no primeiro dos referidos tentos. Não me perguntem por que falhei. Só sei que devia socar a bola e não o fiz. Acontece um dia a todos os guarda-redes, penso eu. Os escoceses são todos bons, especialmente o n.º 11. Em Edimburgo ainda jogaram melhor do que aqui.

HENRIQUE VEGA (treinador) — Contra uma equipa constituida por excelentes e velozes executantes como esta do Hibernian, o Belenenses, que reudeu aquilo que está dentro das suas possibilidades, não podia alcançar outro resultado do que o registado. Perdemos bem, sem qualquer atenuante.

SHAW («manager») — Tudo correu favorável para os meus jogadores — bom jogo e bom resultado. Não está nos meus hábitos apreciar o trabalho dos jogadores, mas ainda que o fizesse hoje apenas me limitaria a louvar a acção da equipa do Hibernian que jogou, realmente, como equipa. Quanto ao Belenenses, pareceu-me muito melhor em Edimburgo. De resto, nós tratámos de contrariar as armas deles. E fomos, no fundo, felizes...

BAIRD («capitão») — O triunfo encheu-nos de compreensível alegria, pois tinhamos enorme interesse em prosseguir na prova. O Belenenses foi, como esperava, um adversário difícil. Surpreendeu-me, porém, a quebra dos portugueses na 2.ª parte. O contrário, precisamente, de nós que repetimos a «explosão» de Edimburgo, também no período final do jogo...

BELENENSES, 1
HIBERNIAN, 3

Os escoceses deram tudo...

...mas a defesa dos portugueses também ajudou

Cumprimentos, em primeiro lugar, aos rapazes que envergaram a camisola verde e branca do Hibernian e uma exclamação de aplauso ao seu magnifico espírito de luta, que se integrou, admirávelmente, na interpretação (de campeonato) que o difícil jogo exigia. Esse punhado de escoceses, como que atraiçoaram uma tradição, não se mostrando avaros no dispendio de energias, ao mesmo tempo que desmentiram a requintada fleuma britanica, de que não estão alheados, exemplificaram sobre o relvado um potencial psico-fisiológico de impressionante pujança como se o velho nome, do bom vernáculo escocês — Hibernian — precisasse de mostrar ao Mundo que nas montanhas encadernadas de verdura latejam corações ardentes em jovens de indómita bravura.

Ontem, no Restelo, tivemos a nítida sensação de que a bela equipa, que eliminou o Belenenses da «Taça das Cidades com Feira», tinha na bancada uma densa multidão de prosélitos a estimulá-la, incessantemente. Verdade seja que o publico presente não se mostrou hostil aos visitantes, mesmo nos momentos em que eles mostravam a teoria de que a utilização do corpo é admitida na prática — consentido pelas regras. Mas a fogosidade dos «hibernians», aliada a um extraordinário apego, forneceram essa ilusão de estarem como na sua própria casa, em amenfim, sintomático...

●

A cronologia dos golos não se afasta muito da realidade dos acontecimentos, embora o 2-1, registado numa fase em que o Belenenses carregava (desordenadamente) tentando vencer os vigorosos como atléticos defesas com a bola pelo ar, tenha dado á partida uma feição definida. Aliás, contrastante com a toada animada, que foi característica anterior, mesmo descontando o desentendimento entre médios e defesas (especialmente, entre Cordeiro e Alfredo) sempre que se tratava de anular os «mortíferos» lançamentos dos dianteiros visitantes — á maneira da escola britanica.

O encontro começou em velocidade endiabrada, afirmando-se desde logo, notoriamente em relação aos escoceses, que um profissional, perfeitamente formado, ou se se quiser, modelarmente mentalizado, pode igualar e até superar o espírito desinteressado, mas de entrega absoluta, de um amador. Neste aspecto, frise-se, o Hibernian sentou-se na cátedra, revelando ainda que tem muito mais campeonato nas pernas e nos pulmões do que os belenenses...

Após uns lances afortunados para os locais, devido ás hesitações da defesa nas soluções que exigiam prontidão — esclareça-se que de um modo geral os homens do Restelo pecaram por demasiado estatismo ao preferirem receber a bola, parados, quando em várias circunstancias se impunha o movimento para ajudar e, simultaneamente, para contrariar o antagonista — surgiu o 1.º golo, aos 19 minutos. Marcou-o Baxter e nele colaborou, eficientemente, o décimo de segundo de paragem de Cordeiro, já que José Pereira (temos duvidas se entre os dois houve comando de vozes, que é recurso indispensável) estava condenado a ser derrotado...

O Belenenses não acusou o toque e foi para diante, mas inconsequentemente, e sem um padrão definido. A seguir, a um «tiro» de Salvador, Matateu, á meia-volta, afinal relembrando os seus mais resplandecentes momentos de oiro, bateu, espectacularmente, o ágil como desembaraçado guarda-redes escocês. Um golo que não ficará mal colocado na vitrine dos feitos gloriosos do incomensurável Matateu, a quem nem os anos fazem mossa.

●

Na segunda parte, já com o ritmo moderado, o que se verificou, seguidamente ao golo de Matateu, ao 29.º minuto, o Belenenses deu a noção de poder discutir a vitória, mas, após uma série de «corners» (os defesas visitantes não vacilaram na concessão desses «castigos»), Baxter, ao 51.º minuto, com a colaboração de José Pereira, que saiu paulatinamente e saltou mal, «picou» a bola, obtendo o 2.º golo. A partir de então, já não constituiu surpresa o 3.º golo, obra de Stevenson, a concluir, de cabeça, um «corner». Diga-se que nos dois tentos a defesa belenense não agiu com a presteza indispensável...

●

O jogo, que esteve longe de ser uma sensaboria, demonstrou vários pormenores interessantes. Um, insistimos, foi o temperamento latino exteriorizado pelos escoceses a que não faltou um admirável companheirismo. Outro, consistiu na capacidade atlética vinculada num coeficiente de resistência que reflecte adiantada rotina de jogos de competição.

No reverso das citações, veja-se a exemplificação dos lusitanos que, no entanto, lutaram até ao limite do que lhes era possível. Com vista ao futuro, aconselha mais «alma»...

A arbitragem, com o senão do preciosismo na repetição do «livre», foi também digna de apreço. Rapidez, critério aceitável, autoridade e total imparcialidade. No benefício ao infractor compreende-se o critério utilizado. De começo, é arriscado conceder largas...

Quanto a referências individuais, diga-se que nos preocupou a apatia de Yauca. Carência de forma ou má disposição? Matateu foi o melhor dianteiro entre os locais, apesar de contar só com a colaboração efectiva de Salvador, já que Estêvão e Carvalho agiram em nível modesto.

Dos visitantes, um «bom» para todos, muito embora Baxter, Frazer, Baird, Dawin e Grant se evidenciassem.

O Hibernian conquistou a taça «Feira Internacional de Lisboa», instituida para ser disputada ontem.

FERNANDO SOROMENHO

As duas equipas:

BELENENSES — José Pereira; Pires e Rosendo; Cordeiro, Alfredo e Vicente; Yauca, Carvalho, Matateu, Salvador e Estêvão.

HIBERNIAN — Simpson; Grant e McLelland; Dawin, Easton e Baird; Scott, Stevenson, Frazer, Baxter e McLeod.

ÁRBITRO — José Caballero (espanhol).

OS VISITANTES

pela sua aplicação entusiasmo e técnica

deixaram boa impressão

O guarda-redes Simpson arroja-se aos pés de Matateu. A bola ficou presa entre duas tenazes

A taça «Ericeira»

foi conquistada pelo Beira-Mar

Defrontaram-se, ontem, na Ericeira, dois mistos do Sporting e Beira-Mar que disputaram a taça «Ericeira» num jogo que foi presenciado por numeroso publico.

Os aveirenses venceram, por 3-2.

As duas equipas:

BEIRA-MAR — Violas; Lourenço e Girão; Valente, Evaristo e Jurado; Paulino, Belério, Correia, Calisto e Chaves.

SPORTING — Rodrigues; Castro e Pedro Gomes; Casaca, Graça e Ferreira Pinto; Figueiredo, Serranito, Alexandre, Baptista e J. Manuel.

Arbitro: Nuno Martinheira.

Marcaram os golos Correia e Calisto, na primeira parte; Correia, Ferreira Pinto («penalty») e Oliveira Duarte que, entretanto substituira Casaca.

A F. P. F. castiga

A comissão executiva da F. P. F. reunida ontem, em relação aos jogos efectuados no passado domingo, aplicou os seguintes castigos:

Repreensão por escrito — José da Silva Almeida, da Sanjoanense, por desacordo com as decisões de um fiscal de linha.

A Clubes — Ao Salgueiros, um jogo oficial de interdição e multa de 250$00, por apedrejamento que provocou ferimentos a um dos elementos da equipa de arbitragem do jogo com a Associação Académica de Coimbra; á Oliveirense, multa de 100$00, por arremesso de pedras para o rectangulo de jogo sem molestar os componentes da equipa de arbitragem do jogo com o Sporting Clube de Braga.

Peyroteo em Londres

A fim de assistir ao jogo que hoje se realiza entre a Inglaterra e o Luxemburgo, próximos adversários de Portugal, partiu ontem para Londres, o seleccionador nacional, Fernando Peyroteo.

O Farense joga hoje com o Ayamonte

No seu campo, ás 21 e 15 horas, o Sporting Farense defronta o Ayamonte F. C. em jogo da 2.ª «mão» da taça «Nossa Senhora das Angustias».

FUTEBOL NO ESTRANGEIRO

Para a «Taça das Cidades com Feira», em jogos realizados ontem, apuraram-se os seguintes resultados:

F. C. Colónia, 4-«Inter», 2
Espanhol, 2-Hanover, 0
M. T. K., 10-Estrasburgo, 2
Spartak, 2-Leipzig, 2
Birmingham, 2-Roma, 2
Heart, 3-U. St. Gilloise, 1

Estão apurados para fase imediata: M. T. K., Novidad, Espanhol, Hibernian e os isentos, Iraklis e Lausanne.

«Taça dos Vencedores das Taças»:
Dunfermline, 4-St. Patriks, 0
Ujpest, 10-Floriana, 2
Leicester C., 3-Glenavon, 1
A. Madrid, 4-Sedan, 2

«Taça dos Campeões Europeus»:
Juventus, 2-Panathinaikos, 1
Rapid, 2-Varna, 0

O Juventus ficou apurado para a fase seguinte.

Os basquetebolistas do Benfica e a equipa feminina de Benguela em dois torneios europeus

● Com a desistência do C. A. C. O. de continuar a praticar a modalidade (vítima numero um do falso amadorismo, que a nova lei não protege), o Sacavenense subiu á Divisão de Honra, juntando-se, assim, ao Sporting, Benfica, Algés, Belenenses, Liberdade, Queluz e Nacional.

● A Associação de Lisboa, que tem desenvolvido trabalho profícuo, especialmente, no aspecto do desenvolvimento do basquetebol na sua região, efectuou uma diligência na Camara Municipal, a fim do campeonato regional de juniores se disputar no Pavilhão dos Desportos, de Lisboa. A diligência parece ter sido bem sucedida, pois a entidade camarária facilitou á Associação lisboeta aquele recinto em condições muito agradáveis no aspecto económico.

● Foram já distribuidas por todo o País e pelas provincias ultramarinas as Novas Regras, que se apresentam excelentes no aspecto gráfico. Numa primeira análise parece-nos que os novos articulados estão claros, compreensivos, não deixando duvidas quanto á sua interpretação.

● O Benfica inscreveu-se na «Taça dos Clubes Campeões Europeus», enviando á F. I. F. A. um cheque de 50 dólares que corresponde á sua inscrição. Os «encarnados» para este torneio, que se inicia em Novembro, contam com os seguintes jogadores: Manuel Campos, Julio Campos, Carlos Alberto, Joaquim Coelho, Mário Machado, Furtado Santos, Galhoz, João Pires, José Alberto e outros.

● Também, a equipa feminina do Sport Lisboa e Lubango (Benguela), campeã nacional, representará o País, na «Taça dos Campeões Europeus Femininos». A sua inscrição na F. I. B. A. foi pedida por intermédio da Federação Portuguesa de Basquetebol. Aquela equipa jogará em Lisboa o encontro que lhe compete no conjunto das duas «mãos». O sorteio far-se-á na F. I. B. A. em princípios de Novembro. A final da Taça disputar-se-á na Alemanha Ocidental.

● Estavam previstos para esta época internacional três encontros: Holanda, Alemanha e Marrocos. Porém, devido ás costumadas dificuldades financeiras, os dois primeiros encontros não se devem realizar. O encontro com os marroquinos não se pode deixar de efectuar dado que existe um compromisso oficial que não pode ser anulado.

HOJE, À NOITE

Pugilismo — Torneio de Principiantes, ás 21.30 horas, no recinto do C. A. C. O.

Xadrez — No Clube Alekhine, ás 21.30 horas, «Torneio de Verão».

A VIDA NUM OUTRO MUNDO 1

Os ursos brancos de "Skansen"

por CÉSAR FAUSTINO

Centenas de moedas reluzem no fundo limoso do lago existente no Jardim Berzelli, em Estocolmo. O local não tem a majestade da «Fontana di Trevi». Mas, para compensação, ali não há quem violente a poesia, surripiando as peças mal os turistas as fazem ziguezaguear na água...

De qualquer modo, e em qualquer lugar, o que se reconhece através desse gesto romântico, embora futil, é o desejo humano de viver feliz e em paz, seja em que canto fôr da Terra. A moedinha simbólica é lançada num impulso de pureza. Fugaz ilusão apenas. Se não cair nas garras de algum exemplo desse materialismo insensível que tem contaminado o Globo, ficará para sempre silenciosa e perdida entre os limos do lago.

E' certo que, com o correr dos tempos, o Mundo se transformou numa bolinha muito comprimida e, por causa dos pontapés, também muito amachucada... Subsistem, porém, nas massas racionais que o habitam inumeros fenómenos que as tornam vincadamente distintas umas das outras.

Querem um bom exemplo? — a diferença entre Latinos e Escandinavos.

No entanto, se apesar da intensificação dos contactos, esse desencontro se afirma em multiplos aspectos, anímicos e materiais — vigoram nas duas raças, por outro lado, exactamente os mesmos instintos primários. Também nos deliciamos por ver uma criancinha ás cambalhotas na relva e, como os estudantes suecos e dinamarqueses, somos capazes de participar numa marcha de protesto contra a ameaça das bombas nucleares...

*

À Escandinávia pode ir-se de vários modos, incluindo as rotas marítimas dos vikings ou o «auto-stop» pela «E-3», que é a estrada que une Lisboa a Estocolmo. O mais rápido é, naturalmente, por «jacto», assim como o mais demorado seria andar verticalmente sobre as mãos, isto é, em pino...

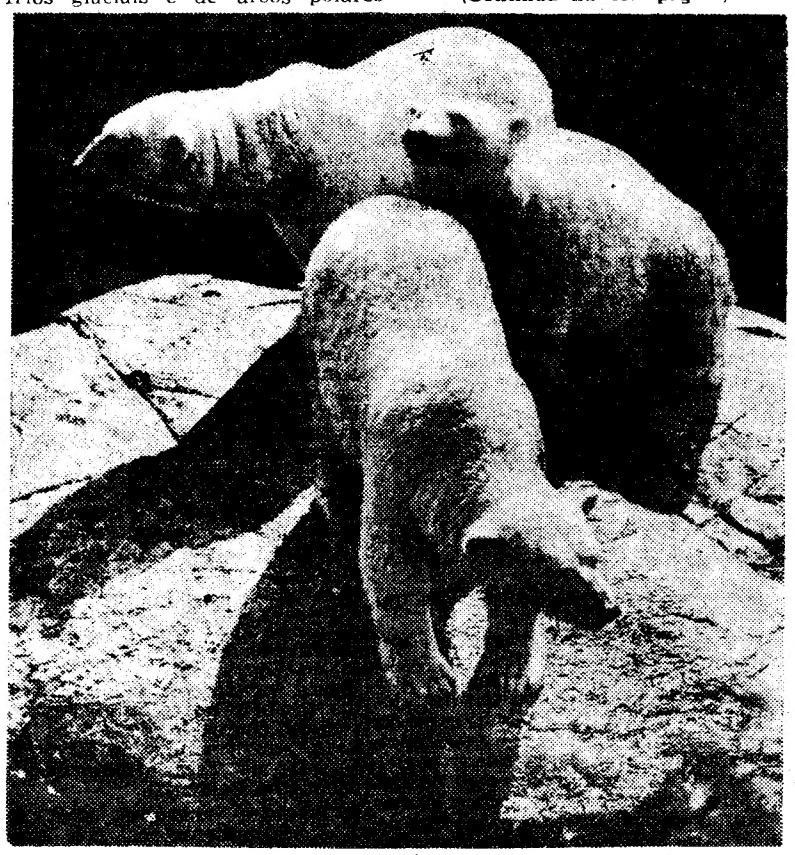
Ainda não há muito tempo que os Meridionais tinham certo receio de viajar até ao Norte da Europa. Ouviam falar de neves eternas, frios glaciais e de ursos polares caminhando pelas ruas das cidades... Hoje, porém, esses rumores fantasiosos estão completamente esquecidos. A neve não dura mais que escassos meses e gera encanto. O frio não é tão intenso como pensam e é amortizado pelo calor artificial que se sente por todo o lado e quase nos sufoca. E quanto a ursos polares — podemos admirá-los fácilmente no paradisíaco recanto de Estocolmo que é o «Skansen»...

E' impossível definir o «Skansen» em duas palavras que não sejam «uma maravilha». Quase todo o Mundo o conhece, pelo menos de nome. Algo diferente de tudo. Uma vasta colina de onde se desfrutam os mais belos panoramas da cidade e que é, ao mesmo tempo, o mais antigo museu etnológico ao ar livre, centro de folclore, exposição de artes populares, jardim zoológico, parque de diversões, sítio de comes e bebes e, sobretudo, documento vivo da cultura e das tradições de um povo desde muitos séculos atrás até aos nossos dias.

Três milhões de pessoas por ano visitam o «Skansen». Admiram a primitiva cabana dos lapões; a «stuga» e a fazenda características de cada província sueca representadas também por exemplares humanos de trajos regionais; as residências palacianas de personalidades ilustres; e os artistas do vidro e da madeira. Ouvem famosas orquestras e musicos e bailam ritmos modernos e folclóricos em pistas onde por cada duas danças se paga o equivalente a 2 escudos e 70. Os rapazes compram uma boa porção de fichas para dançar e vão convidando pela noite fora lindas raparigas que ali se aglomeram exactamente para isso...

As crianças preferem, no entanto, os animais. Se não montam dóceis elefantes ou os populares «ponnies» suecos, elas estão com certeza fascinadas pelos veados vermelhos, os sapos da scania, os lobos da Dalicália, as renas e as focas da Lapónia, os gansos iguais aqueles em que Nils Holbersson voou sobre todo o país ou pelos alces, que se encontram por todo o lado, pois em cada ano nascem 20 mil na Suécia. São, porém, os majestosos ursos brancos do Pólo que

(Continua na 15.ª página)



Os ursos polares são uma das principais atracções do Skansen

TROCO

os vossos móveis usados, por modernos ou de qualquer estilo. Grande variedade em exposição. Oficinas próprias para fabrico por encomenda ou restauros. Facilidades de pagamento.

ARMAZÉNS DE MÓVEIS JORGE

Av. Almirante Reis, 35 — Tel. 832161

(Quase em frente da igreja dos Anjos)

O BISPO DE MACAU almoçou na Nunciatura

O nuncio apostólico, monsenhor Giovanni Panico, ofereceu hoje, no palácio da Nunciatura, um almoço ao bispo de Macau, D. Paulo José Tavares, agora de passagem por Lisboa, vindo de Roma, a caminho da sua terra natal, os Açores.

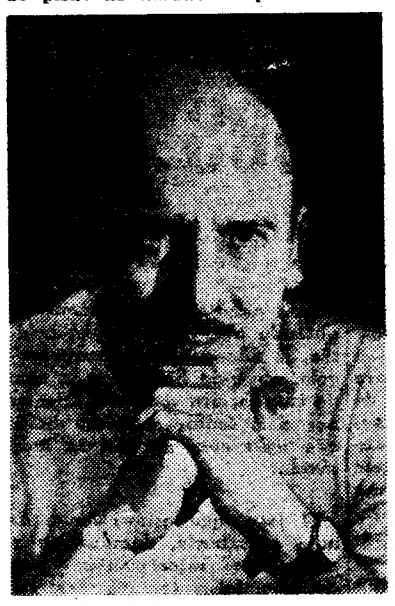
O almoço decorreu na maior intimidade.

A' procura de um Romeu

O Teatro Nacional de D. Maria II e o «Diário de Lisboa correm hoje o pano para o início do concurso «A' procura de um Romeu», destinado a encontrar o intérprete para a principal personagem masculina do «Romeu e Julieta», peça com que o nosso primeiro teatro abre a sua época. Deveria o concurso ter começado há já dez dias, logo que Cayetano Luca de Tena terminasse a encenação da peça que hoje deverá apresentar em Madrid. Sucedeu, porém, que um dos principais intérpretes houve que interromper os ensaios para ir participar, em Atenas, no desempenho de um filme. A não ser que se verifique qualquer imprevisto adiamento, Cayetano Luca de Tena chegará a Lisboa amanhã. E amanhã mesmo deverão iniciar-se as provas do concurso «A' procura de um Romeu».

Em que consiste o concurso? Seleccionou o Teatro Nacional sete jovens, todos já com alguma prática de pisar as tábuas do palco e com as condições mínimas para a interpretação do papel de «Romeu». Consistirá o concurso na escolha do jovem actor a quem será confiada a representação do Romeu. Haverá provas de figura e de voz, como provas de arte de dizer. A cada um dos candidatos foram já distribuídos os textos que terá de interpretar, os mesmos para todos: a entrada de Romeu no primeiro acto, os diálogos do balcão (antes e depois de Romeu pernoitar no quarto de Julieta), a cena de atroz desespero em que Romeu toma conhecimento da morte de Julieta. As provas, que não serão publicas, serão prestadas perante um juri, presidido por Luca de Tena e em que estará representado o nosso jornal.

E' um empreendimento ousado este a que se lançou o D. Maria II. O «Diário de Lisboa» ao dar inteira cooperação a esta oportunidade oferecida aos nossos mais jovens actores, reafirma a sua confiança no futuro do teatro português. E dá novamente o seu contributo á corajosa tarefa de dignificação da cena portuguesa a que se lançou há tempo a empresa Robles Monteiro-Amélia Rey Colaço.



LUCA DE TENA

Luca de Tena

tornará aceitável o «Romeu e Julieta» como fenómeno dramático real

Cayetano Luca de Tena será o encenador de «Romeu e Julieta», peça que já apresentou no «Teatro Español, de Madrid. São do programa do espectáculo espanhol as palavras seguintes, que revelam a orientação que presidirá á encenação do Nacional.

«Uma versão moderna de «Romeu e Julieta» suscita, exacerbado, o problema de adaptação á actualidade, um desprezo pelo permanente, que é obrigado a tentar toda a obra que aspira a ser actuante. O permanente em «Romeu e Julieta» é a poesia do amor, concebido como fulminante resultado de um primeiro olhar; quinta essência de uma total afinidade que atrai irresistívelmente a alma e o corpo e que se exprime por meio de um arrebatamento lírico, concretizado na metáfora gigante. Tarefa fundamental da versão foi respeitar esta qualidade profunda, vesti-la literáriamente em linguagem moderna e tentar torná-la aceitável como fenómeno dramático real.

A redução das dimensões da obra conseguiu-se, principalmente, por adaptação e síntese, mais que pelo corte de cenas ou quadros, ainda que se tenham realizado alguns cortes assim como certas alterações de lugar, de modo a reduzir-se o numero de mutações. Trabalhou-se directamente sobre o texto inglês da edição de Cambridge e adicionaram-se dois pequenos monólogos do coro, ao princípio das nossas segunda e terceira jornadas, para conservar esse grato artifício utilizado por Shakespeare nas suas primeira e segunda jornadas.

Todo o esforço da versão dirige-se a servir o espírito da imortal tragédia, podando o acessório e circunstancial, próprio do gosto de um momento, para deixar só a grandiosa fábula com toda a sua poesia transbordante e o seu trágico desenrolar de paixões. Que no final possa dizer o publico, como o autor, que jamais houve história mais triste, e de acordo com a emoção de tantas gerações, que jamais houve mais bela história que a de «Romeu e Julieta».

A modernidade de Shakespeare

por LUÍS DE SOUSA REBELO

Poucos são os autores, considerados clássicos universais, que mais presentes estejam na cultura do nosso tempo do que Shakespeare. Esta aura não provém, como supõem alguns, de certa tradição literária que, sentindo-se vexada com a sua própria incompreensão no século do Romantismo, decidisse fazer emenda honrosa, passando a demonstrar as excelências do dramaturgo. Ela nasce, com efeito, da descoberta directa da sua obra e num momento em que uma consciência crítica de formação classicizante procura sinceramente libertar-se dos seus prejuízos. Outros há, como Molière e Corneille, que, devido a uma unidade artística mais evidente, ofereciam maior grau de acessibilidade ao espectador médio. Mas o «ethos» e a paixão, a desmesura dramática das personagens shakesperanas, contrapontadas com a pavorosa sensatez dos seus bufões, traduziam um excesso e uma grandeza que repeliam um gosto nutrido de lógica e bom-senso.

Já na Inglaterra, mais liberta dos pruridos académicos que atormentavam a França e do arcadismo que os nossos romanticos beberam com o leite materno, a glória de Shakespeare nunca chegou a conhecer zonas crepusculares. Aí a continuidade da representação manteve o espírito da obra sempre vivo e, quando a França seguiu o exemplo britanico, apresentando a obra do poeta ao seu próprio publico, ela enreigou tão profundamente que hoje contam-se ás dezenas as traduções de Shakespeare, não havendo quase ano em que uma das suas peças não seja reposta com franco aplauso.

Ora donde vem este fervor pela obra de Shaskespeare, fervor que se estende das Américas á União Soviética e se tem revelado ultimamente num bom numero de versões cinematográficas de alto nível? Como explicar esta popularidade que irmana numa mesma emoção estética uma burguesinha da Quinta Avenida e uma camponesa do «kolkoze»?

Entre os vários e complexos factores que se poderiam enumerar ressalta o sentido de acuidade trágica da época que vivemos, a consciência de que o «tempo está fora dos eixos». *(The times are out of joint)*, de que oculta larva vai carcomendo o reino da Dinamarca.

Há ao mesmo tempo em muitas peças de Shakespeare a noção da amplitude histórica, que engolfa no

(Continua na 13.ª página)

Confiança no futuro do Teatro português —afirma Amélia Rey Colaço

A sr.ª D. Amélia Rey Colaço, a quem a cena portuguesa deve um esforço prolongado e tenaz, inteligente e frutuoso, justifica assim o arrojado e generoso empreendimento em que se lançou o Teatro Nacional de D. Maria II:

«No momento em que tanto se agita o problema do Teatro e se manifesta a natural ansiedade da juventude, parece-me oportuno aproveitar uma série de circuns-

AMÉLIA REY COLAÇO

tancias para reatar uma tradição que sempre nos entusiasmou, a meu marido e a mim.

Aproveitando, mais uma vez, a colaboração do «Diário de Lisboa», que tão gentilmente me ofereceu o seu apoio, e a apaixonada sugestão de Cayetano Luca de Tena, vou dar, novamente, ocasião a dois jovens artistas de provarem as suas possibilidades numa obra de grande envergadura. Trata-se das figuras imortais de Romeu e de Julieta. Para a intérprete feminina não me foi difícil, depois das provas já prestadas, encontrar a artista que se me afigura ajustada. Será Teresa Mota. Restava encontrar o intérprete masculino, e é neste sentido que nos vamos lançar num empreendimento certamente arriscado, mas que terá, pelo menos, o valor de estímulo e de confiança no futuro do Teatro.

A minha esperança é que o artista que vai ser lançado agora, venha a ter no Teatro português a mesma projecção de todos aqueles que connosco começaram a sua carreira».

O «

e po

Seisc

co

a bo

O sr. Pre
acompanhad
lhas e por
demoradame
«Infante Do
panhia Colo
no dia 4 de
carreiras pa
guesas de A

O Chefe d
horas, ao ca
nhia, na Ro
dos, onde c
ministros d
da Justiça, d
das Obras P
nete do min
Previdência
Estado do C
de Estado d
nistração U
tes-gerais da
e um repres

A cobrança do im

sobre consumos s

preocupa os proprie

de pastelarias, confeitaria

Um grupo de proprietários de pastelarias, confeitarias e leitarias dirigiu ao director-geral das Contribuições e Impostos uma exposição acerca de certas duvidas suscitadas na aplicação do decreto-lei n.º 43 764, de 30 de Junho ultimo, que criou o imposto sobre o consumo de alguns produtos e serviços considerados supérfluos ou de luxo, bem como do respectivo regulamento.

Acentuando as dificuldades com que deparam, tantos os que têm de pagar, como até os que têm de cobrar o imposto, diz a exposição «O publico, a vasta clientela destas pastelarias, confeitarias e leitarias reage firmemente contra o pagamento do imposto relativo aos consumos ou aos serviços, visto que todas as pessoas que ai consomem os produtos ou utilizam os serviços — simples serv
nimemente
não consom
ços relativo
ou de luxo,
artigos de p
locais e estab
dade mais o
rente, mas
sificar-se de
pois são be

As duvida
interpretaçã
40 da tabel
n.º 43 764, q
do imposto
outros cons
bebidas em
«dancings»,
restaurantes

(Contin

erante um
de Tena e
do o nosso

ousado es-
laria II. O
lar inteira
ortunidade
mais jo-
sua con-
tro portu-
seu contri-
dignifica-
a que se
esa Robles
aço.

le

are

BELO

ias do dra-
efeito, da
ua obra e
uma cons-
ão classici-
te libertar-
Outros há,
e, que, de-
stica mais
r grau de
dor médio.
, a desme-
ngens sha-
adas com
seus bu-
sso e uma
um gosto
senso.
ais liberta
que ator-
lo arcadis-
nticos be-
rno, a glór
ca chegou
culares. Aí
resentação
ora sempre
a seguiu o
centando a
prio publi-
undamente
dezenas as
e, não ha-
e uma das
posta com

ervor pela
fervor que
s á União
ado ultima-
de versões
nível? Co-
ridade que
oção estéti-
Quinta Ave-
do «kolko-

plexos fac-
enumerar
uidade trá-
os, a cons-
o está fora
are out of
va vai car-
amarca.
em muitas
noção da
engolfa no

página)

O Chefe do Estado e um grupo de convidados no «hall» principal do navio

O «Infante Dom Henrique»

foi visitado pelo Chefe do Estado e por oito membros do Governo

Seiscentos convidados a bordo

O sr. Presidente da Republica, acompanhado pelas suas duas filhas e por um neto, visitou hoje, demoradamente, o novo paquete «Infante Dom Henrique», da Companhia Colonial de Navegação, que, no dia 4 de Outubro, inicia as suas carreiras para as províncias portuguesas de Africa.

O Chefe do Estado chegou, ás 11 horas, ao cais privativo da Companhia, na Rocha do Conde de Obidos, onde o aguardavam os srs.: ministros do Estado, da Marinha, da Justiça, da Educação Nacional e das Obras Publicas; chefe do gabinete do ministro das Corporações e Previdência Social; secretário de Estado do Comércio; subsecretários de Estado do Exército e da Administração Ultramarina, comandantes-gerais da G. N. R. e da P. S. P. e um representante do comandante-geral da Guarda Fiscal; governador civil de Lisboa; presidente e vice-presidente da Camara Municipal de Lisboa; dr. Soares da Fonseca, almirante Filipe Castela, Raul Vieira, tenente-coronel José Raposo Pessoa, Jaime Pinho e comandante Armando Loura, respectivamente presidente do conselho de administração, administradores e inspector da companhia; almirante Nuno de Brion, dr. José Correia de Barros, presidente da Corporação dos Transportes e Turismo; comandante Jerónimo Henrique Jorge, presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante; almirante Newton da Fonseca, director-geral da Marinha; governador militar de Lisboa; comandante da Academia Militar; comandantes da P. S. P. de Lisboa, da Polícia Marítima e da Polícia da Administração-Geral do Porto de Lisboa; capitão do Porto de Lisboa; almirante Vasco Lopes Alves; comodoro Gabriel Teixeira, dr. Silva Tavares, comandante Celestino Ramos, comandante Simões Maia, comandante do paquete «Santa Maria», eng. José Frederico Ulrich, presidente da Junta de Energia Nuclear; embaixador José Nosolini, engenheiros José Manuel de Melo, Vaz Pinto, Albano Homem de Melo, Santos Pedroso, Mário Costa e Rogério Vargas Moniz; dr. Francisco Cortês Pinto, dr. Afonso Marchueta, eng. Melo e Castro, presidente do conselho de administração do Metropolitano de Lisboa; tenente-coronel Alvaro Salvação Barreto, D. Francisco Xavier de Echarri, conselheiro de Imprensa da Embaixada de Espanha; conde de Monte Real, Jorse de Kerchove d'Ousselghem e Paul Lambert de Pouvroit, representantes dos Estaleiros Cocquerille, de Antuérpia, onde foi construído o paquete, etc.

O almirante Américo Tomás — que era acompanhado pelo general da Força Aérea Humberto Pais e pelo comandante Benvindo da Fonseca, chefe da sua Casa Militar e ajudante de campo, foi recebido, ao portaló, pelo comandante Paulo Baptista, após o que iniciou a sua visita, acompanhado pelas entidades referidas e pelos outros convidados, em numero total de seis centenas.

Foram visitados, sucessivamente: o «hall» de entrada, a capela, camarotes de luxo, camarotes simples e a piscina da 1.ª classe; a piscina da classe turística e os seus salões-bares; salas das crianças da 1.ª classe e da turística; o salão-bar e o salão de festas da 1.ª classe; a sala de jantar da 1.ª classe; a cozinha e as suas dependências de padaria, pastelaria, o hospital e o salão da classe turística, onde foi servido um vinho de honra.

O dr. Soares da Fonseca, em nome da Companhia, saudou o Chefe do Estado, agradecendo a sua visita a um grande paquete que é o ultimo fruto do verdadeiro milagre

(Continua na 15.ª página)

nça do imposto

consumos supérfluos

os proprietários

ias, confeitarias e leitarias

ietários de
e leitarias
l das Con-
ma exposi-
vidas susci-
creto-lei n.º
ultimo, que
o consumo
erviços con-
u de luxo,
ivo regula-

ldades com
que têm de
têm de co-
xposição «O
tela destas
e leitarias
ra o paga-
vo aos con-
visto que to-
onsomem os
serviços —

simples serviços de bandejas—unanimemente afirmam e clamam que não consomem ou recebem serviços relativos a artigos supérfluos ou de luxo, pois apenas adquirem artigos de primeira necessidade em locais e estabelecimentos de comodidade mais ou menos modesta e corrente, mas que jamais podem classificar-se de supérfluos ou de luxo, pois são bem essenciais».

As duvidas resultam do facto da interpretação da letra da rubrica 40 da tabela anexa ao decreto-lei n.º 43 764, que diz serem passíveis do imposto «refeições ou quaisquer outros consumos de alimentos ou bebidas em *casas de chá*, bares, «dancings», «boites», casinos e em restaurantes ou hoteis de 1.ª classe

(Continua na 13.ª página)

Numerosos empregados de mesa vivem exclusivamente à custa das gorjetas dos clientes

No vasto sector dos empregados na industria hoteleira e similares, há diversas espécies de trabalhadores em situações distintas. Se aqueles que trabalham em hoteis estão sujeitos a um horário desumano, capaz de os forçar a um período ocupacional de cerca de 18 horas, como já vimos, outros, que exercem as suas funções em «cafés», leitarias, pastelarias e certos bares, vivem em regime diferente. Têm já um regime de 8 horas de trabalho.

Se este período de serviço, já de si pesado, terá de classificar-se como *vantagem*, em relação ao outro, dizem-nos que, quanto a remunerações, o sistema chega a roçar pela indignidade, dado um mau costume que se adoptou, principalmente, no Sul do País.

Enquanto no Norte, os proprietários desses estabelecimentos instituiram a cobrança obrigatória da percentagem de 10 % sobre todas as despesas dos clientes, revertendo ela para pagamento dos honorários do pessoal, no Sul nunca se assentou num critério uniforme. A maioria dos estabelecimentos do género impede, até, a cobrança dessa percentagem. O caso é tão flagrante que se verifica, mesmo, em numerosos restaurantes.

Em consequência, há muitos milhares de empregados de mesa que vivem das gorjetas dos clientes, que passam, assim, a ter o carácter de esmolas, já que, se estes nada quiserem dar, ninguém os pode coagir a tal. Ora, ninguém de boa formação achará legítimo nem digno que tanta gente trabalhadora viva de uma esmola, que é ou não dada consoante a consciência, a educação, ou a disposição de quem é servido. E quantas vezes não são os que menos pagam por esses serviços aqueles que mais exigem e mais mal tratam o pessoal?

A percentagem é a mesma mas a vida aumentou

A carta de um empregado de mesa, que a seguir transcrevemos, põe em relevo quanto acima dizemos:

«Só quem trabalha nesta industria é que sabe e pode dar valor ao que se passa com horários, ordenados, alimentação, fiscalização e outras coisas mais. Estamos em 1961 e a percentagem mantém-se como foi fixada em 1944 — 10 %. Eu acho que isto não está certo, pois a vida aumentou e de que maneira!

Se nós tivessemos um ordenado certo, já faziamos conta com aquilo que recebiamos e estava estipulado. Não se dava o caso de termos de estar em cuidado com a solução desta incógnita — chegará, não chegará?

Poderia evitar-se, assim, o recurso á garjeta, que o mesmo é dizer á esmola. Este sistema só pode dar origem a espectáculos tristes.

(Continua na 14.ª página)

O sr. Lazare Leon lendo o contrato dos filmes que a M. G. M. reservou para o Capitólio. Distingue-se, em segundo plano, um cartaz do famoso filme «O Ladrão de Bagdad» que vai ser ali exibido brevemente

A nova empresa do Capitólio assina o contrato dos filmes a estrear

O Capitólio vai entrar mais uma vez na lista dos cinemas de estreia, da qual desaparecera há tempos para mal das nossas fracas disponibilidades em matéria de espectáculos. A programação do popular cinema do Parque Mayer está exclusivamente a cargo da M. G. G. e da Leo-Filmes Estudios, duas firmas distribuidoras que em Portugal têm o seu nome ligado a muitos dos maiores êxitos cinematográficos exibidos entre nós. A sua participação na programação do Capitólio constitui só por si uma inestimável garantia da qualidade das obras a estrear no Capitólio, que em boa hora regressa ás primeiras filas das salas de exibição lisboetas.

O contrato foi assinado ontem, estando presentes, por parte da nova empresa exploradora do Capitólio, os srs. dr. Gustavo de Mendonça e Elisio Correia Ribeiro e, por parte da M. G. M., o sr. Lazare Leon.

A inauguração do Capitólio como cinema de estreias verificar-se-á amanhã, dia 29, com o filme em dialiscope e eastmancolor, «O Segredo de Monte Cristo».

A recepção no Brasil à caravana minhota do «Voo da Amizade»

RIO DE JANEIRO, 28.—Constituiu grande acontecimento a chegada ao aeroporto do Galeão dos jornalistas e presidentes das Camaras do Minho. Foram recebidos pelo dr. Felner da Costa, director do Centro de Turismo de Portugal; António Sarda, presidente do Conselho da Colónia Portuguesa no Brasil, directores da Casa do Minho no Rio de Janeiro, representantes da embaixada e do consulado de Portugal e altas individualidades da colónia portuguesa.

Após a chegada, o grupo visitou a embaixada de Portugal e o Centro de Turismo Português, tendo sido obsequiados com doces e vinhos regionais portugueses.

Hoje, a caravana minhota visita as autoridades locais, o governador Carlos Lacerda, a Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara, a Associação Brasileira de Imprensa e a Federação das Associações Portuguesas.

Durante a sua permanência no Brasil, a caravana minhota visitará, também, as cidades de Teresopolis e de Petropolis e, mais tarde, Brasília, onde será recebida pelo presidente João Goulart.

Os visitantes vão ser alvo das homenagens das associações e conjuntos folclóricos portugueses.—(A. N. I.).

O CALIFA-GERAL DO ISLÃO

foi recebido pelo ministro dos Negócios Estrangeiros

O califa-geral do Islão na Africa Negra, no prosseguimento da visita ao nosso País, onde veio a convite da Agência Geral do Ultramar, visitou, esta manhã, o Museu Nacional de Arte Antiga. Dali dirigiu-se ao Palácio das Necessidades onde, ás 12 e 30, foi recebido pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, a quem apresentou cumprimentos.

RELÓGIOS
De todas as marcas, máxima garantia, preços de concorrência
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Pasta Medicinal Couto
TRATA — Gengivas descarnadas ou sangrentas
EVITA — Estomatites mercuriais ou bismuticas
MATA — Os micróbios da boca

PROPRIEDADES

VENDAS

PRÉDIO 12 inq. e quintais, isento, rende anual 79.000$00. Preço 1.200.000$00 tem na Caixa 400 contos que pode ficar ao juro 4 %. Trata: LARANJO, ALEGRO & GARCIA, Praça Alegria, 58-2.º, Sala E. Telef. 26718.

LOJA — De rendimento a dar 8 % no melhor local da Amadora, construção moderna. Preço 120 contos, está alugada, óptima aplicação de capital. Vende: EMPRESA PREDIAL NORTENHA — Praça da Alegria, 58-2.º — Telef. 366812-362228.

EMPRESTAMOS

sobre automóveis e camions, as melhores condições. Rapidez e sigilo, uma consulta e terá a confirmação. Rua Conceição da Glória, 66-A T 23031. (A Av. da Liberdade)

Prédios de rendimento:

AO LUMIAR, bom imóvel c/ 4 pisos, para 10 inquil. c/ 3 boas casas assoalh. Todos os requisitos modernos. Transporte á porta. Rende 8%. PREÇO 800 CONTOS, s/ oferta.

AOS ANJOS, prédio de construção de há 20 anos, de construção impecável. 5 pisos, 10 inquil. Esplêndido local. Rendimento muito bom. PREÇO 1.100 CONTOS, s/ oferta.

EM ALGÉS, em acabamentos, excelente prédio de 4 pisos, para 8 inquil. a 3 boas casas assoalh. c/ todos os requisitos modernos. Bom rendimento. PREÇO 1.400 CONTOS, s/ oferta.

A PENHA DE FRANÇA, de construção antiga em excelente estado de conservação. De 5 pisos, para 11 inquilinos, a 4 grandes casas assoalh. c/ todas as comodidades. Excelente rendimento. PREÇO 1.650 CONTOS, s/ oferta.

A BENFICA, bom imóvel, acabado de construir, 4 pisos para 16 inquil. a 3 casas assoalh. Boa situação. Rendas baixas. Bom rendimento. PREÇO 1.950 CONTOS, s/ oferta.

A ALCANTARA, imponente imóvel, 6 pisos em muito bom local. C/ todos os requisitos modernos. Possui 14 apartamentos de rendas baixas. Elevador e monta cargas. Boa aplicação de capital. PREÇO 2.300 CONTOS, s/ oferta.

ALÉM DOS PRÉDIOS INDICADOS TEMOS OUTROS MAIS PARA VENDA, PELO QUE NO V/ PRÓPRIO INTERESSE E ANTES DE QUALQUER TRANSACÇÃO DEVEM CONSULTAR A

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

PORTO:
Praça D. João I, 25-1.º, Dt.º
Tel. 26706 — 30181 — 31038

LISBOA:
Praça da Alegria, 58-2.º
Tel. 362228 — 366812 — 366731

DINHEIRO

A FINANCIADORA
COMPANHIA NACIONAL DE CRÉDITO
S. A. R. L.

Tem o gosto de informar o Ex.mo Publico interessado de que se incumbe da colocação de capitais, quaisquer que sejam as importâncias com garantia em 1.as hipotecas e juros anuais de 8 % pagos adiantadamente. Os financiamentos realizados por seu intermédio sobre propriedades não excedem geralmente 50 % dos valores reais, valores prèviamente verificados e atribuidos por peritos idóneos, pelo que se pode responsabilizar inteiramente por todas as transacções que efectua, orienta e acompanha até completo recebimento.

PARA MAIS INFORMAÇÕES CONSULTAR ESTA COMPANHIA

SEDE EM LISBOA: AVENIDA DA LIBERDADE, 3

SUCURSAL NO PORTO: PRAÇA DA LIBERDADE, 12

DEPENDÊNCIA EM COIMBRA: RUA FERREIRA BORGES, 15

COLOCACAO DE CAPITAIS

A EMPRESA PREDIAL NORTENHA, chama a atenção de todas as pessoas interessadas numa EFICIENTE E RENDOSA APLICAÇÃO DE CAPITAIS, para o facto de estar apta a colocar quaisquer quantias, por meio de financiamento em transacções hipotecárias e SEMPRE EM 1.ª HIPOTECA. Estas transacções dão um juro adiantado de 8% e, gratuitamente, tem o interessado toda a assistência da n/ parte, desde a avaliação das propriedades a onerar, até ao completo reembolso do capital. As inumeras transacções deste género, realizadas por n/ intermédio em todo o País, são a afirmação do cuidado e garantias que só uma grande Empresa pode oferecer. Por isso e no v/ próprio interesse, consultem a

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

COLHAM REFERÊNCIAS

PORTO — PRAÇA D. JOÃO I, 25-1.º — TELEF. 26706 - 30181 - 31038
LISBOA — PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2.º — TELF. 362228-366731-366812

PROPRIEDADE HORIZONTAL

NA DAMAIA

Rua General Fernando Tamagnini, lote 160
Avenida Padre Himalaia, lotes 78-90-92
140.000$00 a 160.000$00

Magnificas habitações com 3 e 4 casas assoalhadas em prédios modernos de boa construção e impecáveis acabamentos PRONTOS A HABITAR E A FAZER ESCRITURA

Mostram-se nos locais todos os dias

EM LINDA-A-VELHA

Avenida do Brasil, lote 7

Habitações de 3 boas casas assoalhadas em prédio moderno. Óptimo local. Restam poucas fracções. A 155.000$00

Mostra-se no local

NOTA: Os preços acima indicados são com sisa e escritura a cargo dos vendedores

TRATA

F. FERNANDES & COSTA, L.DA

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 104, 2.º — LISBOA
Telefs. 736111/2/3

CAPITAIS

HIPOTECAS

Sobre propriedades ou automóveis. Em todo o País. Rapidez e sigilo

A FINANCIADORA
Companhia Nacional de Crédito
S. A. R. L.
Av. da Liberdade, 3 — Telef 24446
LISBOA

Capitais

Precisa-se

1.as hipotecas de prédios em Lisboa e Arredores, ao juro da lei. **Laranjo, Alegro & Garcia, Ld.ª** — Praça da Alegria, 58-2.º — Telef. 26718.

IBERIA-EXPRESSO

Comunica-nos a C. F. que por motivo da mudança da hora legal e com o fim de assegurar a necessária ligação, na estação de Fuentes de Oñoro, é antecipada de 1 hora, no dia 1 de Outubro próximo, a marcha do comboio «Ibéria-Expresso».

A partida deste comboio de Lisboa (Santa Apolónia) no citado dia far-se-á, portanto ás 22 e 25.

AO COMÉRCIO

Está a terminar o prazo para o registo das sociedades e demais actos correspondentes. Consulte: INTERPOSTO DO CONTRIBUINTE, Rua da Glória, 63, 1.º, D. — Tel. 368987.

PIANOS

Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
Est. Valentim de Carvalho, Lda.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

Sociedade «ESTORIL»

VENDA DE BILHETES PARA OS COMBOIOS DOS DOMINGOS

Esta venda começar-se-á a fazer às sextas-feiras na estação do Cais do Sodré.

Aos domingos, tanto do lado da Avenida 24 de Julho, como do lado do Jardim, funcionarão outras bilheteiras destinadas aos Srs. passageiros que se dirijam a Santo Amaro, Oeiras, Carcavelos e Cascais, mantendo-se nas bilheteiras normais a venda para todas as estações

PERNAS E BRAÇOS ARTIFICIAIS

Rigorosa técnica de adaptação a actuar com os mais aperfeiçoados e recentes modelos. Eficiência comprovada. Garantia absoluta **APARELHOS ORTOPÉDICOS, CINTAS MEDICINAIS E ORTOPÉDICAS, FUNDAS, MEIAS ELÁSTICAS, BENGALAS, MULETAS, ETC. CADEIRAS E CARROS PARA DOENTES.**

CONSULTE O:

CENTRO ORTOPÉDICO

RUA DO ARCO DA GRAÇA, 51 (á entrada do Hospital de S. José) — Telef. 861925 LISBOA

Senhores Proprietários e Capitalistas:

Na compra de Propriedades, Quintas, Prédios de rendimento, Moradias, Terrenos para construção em Lisboa, arredores ou em qualquer parte do País, antes de efectuarem qualquer transacção consultem sempre

A ALENTEJANA que também se encarrega da colocação dos vossos capitais em hipotecas, ao juro da lei. **A ALENTEJANA** é a mais completa organização do País ao serviço de V. Ex.as. Em carros desta casa sem dispêndio algum para V. Ex.a poderá ver qualquer propriedade em que esteja interessado. Trata de todo o serviço nas Repartições Publicas com pessoal competente.

● A unica organização que tem advogado privativo. Não faça pois qualquer transacção sem primeiramente consultar a **A ALENTEJANA**, na **Praça da Alegria, 6-2.º, Esq.º. Telefones 366662-366087 — LISBOA**

◆ Pequenos anúncios ◆ Pequenos anúncios ◆ Pequenos anúncios ◆

AUTOMÓVEIS

VENDAS:

CARRO USADO: em estado de conservação e de mecanica impecáveis a preço módico, vende-se com facilidades de pagamento. CITROEN 2 CV. Tratar pelo Telefone 26350.

CARROS USADOS

PROVENIENTES DE TROCAS

DA

AUTO RALI, LDA.

CONCESSIONÁRIOS

FORD

STAND

Automóveis . Chandler Limitada

Rua Rodrigues Sampaio, n.º 43
Telefone 45996

OPEL CARAVAN 1700 ...	EA-32
PREFECT	DC-23
ARMSTRONG	OH-17
FIAT 600	GD-87
CITROEN DS 19	CI-60
FIAT 1100	CI-34
B. M. W.	HE-60

FURGONETAS

MORRIS MINOR STATION	IA-23
THAMES utilitária	LC-53
FORDSON 350 kg	EC-16
CITROEN 2 CV	HI-60
MORRIS	HD-13

Há mais unidades em stock
Facilidades de trocas e pagamentos

DINHEIRO EM UMA HORA

Sobre automóveis, em condições e facilidades únicas

COLHAM REFERÊNCIAS

NORTENHA

PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2.º
366731/366812

ALUGUER:

- **AV. JOÃO CRISÓSTOMO, 89-A. Telef. 50060.**
- **LARGO ST.ª BÁRBARA, 5-B. Telef. 734657.**

AUTOS DE ALUGUER S/ CONDUTOR

SOAUTO

aluga, como novos, Taunus, 17-M. Neckares, NSU, 600. L.º de St.ª Bárbara, 5-B, Tel. 734657.

AUTOS DE ALUGUER S/ CONDUTOR

AUTOMÓVEIS AMOREIRAS

Ricos carros a ópt. preços. Volkswagen, Rekord, Chevrolet, etc. Avenida João Crisóstomo, 89-A. Telefones 50060 e 51047 (Junto á antiga Feira Popular).

FEIRAS, FESTAS E ROMARIAS a realizar NO MÊS DE SETEMBRO

Para as estações que servem as localidades onde se realizam, no decorrer do presente mês, as feiras festas e romarias que a seguir se indicam, a C. P. vende, em algumas das suas estações, bilhetes a preços reduzidos.

TORTOZENDO—Feira Anual, no dia 29.

SOUSEL—Feira Anual, nos dias 29 e 30.

FAMALICÃO—Feira Anual, nos dias 29 e 30.

CORUCHE — Festas e Feira de São Miguel, nos dias 30 de Setembro e 1 de Outubro.

Os cartazes anunciadores destes serviços especiais podem ser consultados nas estações.

FIAT

AGENTES OFICIAIS DAS PEÇAS FIAT para LISBOA

STOCK PERMANENTE PARA OS PRINCIPAIS MODELOS

peças legítimas

AUTO-LUSITANIA

AV. DA LIBERDADE, 73-79
LISBOA

EXPOSIÇÃO AGRO-PECUARIA e FEIRA DE SÃO MATEUS em ABRANTES

(nos dias 24 de Setembro a 2 de Outubro de 1961)

A C. P. vende nos próximos dias 23 do corrente a 2 de Outubro para a estação de Abrantes, bilhetes especiais, de ida e volta, a preços reduzidos, nas estações e apeadeiros desde Entroncamento até Belver e até Torre das Vargens.

AR CONDICIONADO

COM CONDICIONADORES

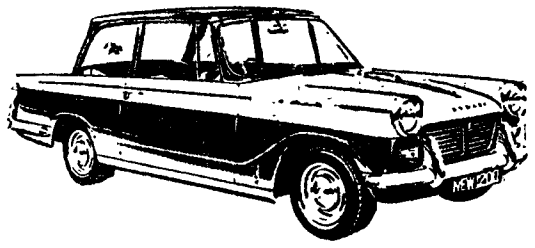
Carrier

silenciosos
resistentes
económicos

Eng.º J. Nunes Correia

R. DO ALECRIM, 29 — TELF. 30901/4 — LISBOA
R. DA FIRMEZA, 482 — TELF. 28034 — PORTO

AGORA POR ESC. 60.867$00



Preço	54.850$00
Art.º 251.º Fundo de Fomento de Exportação	5.114$50
Art.º 2.º Decreto 43770 R. G. Est.º	902$50
	60.867$00

o novo

TRIUMPH herald 1200

carro utilitário de grande luxo

Importadores:

AUTO-PUMA, LDA.
R. Castilho, 167-A
LISBOA

STOCK, LDA.
R. Santa Catarina, 1391
PORTO

O congresso DA F. I. F. A. ESTÁ REUNIDO E VAI ELEGER O PRESIDENTE

LONDRES, 28. — Na abertura do congresso extraordinário da Federação Internacional de Futebol Association (FIFA), o presidente em exercício, E. Thommen, disse esperar que a China comunista será em breve autorizada a ingressar na F. I. F. A. «Não nos interessam os aspectos políticos dessa questão, mas apenas os seus aspectos desportivos».

O presidente lamentou, também, que os delegados da Alemanha Oriental não tivessem podido obter os vistos necessários para aparecerem no congresso. «Lamentamos que os assuntos políticos tenham repercussões no mundo do futebol».

O congresso decidiu proceder, desde já á eleição do seu novo presidente, rejeitando, deste modo, o parecer do seu executivo. Pedira esta que a eleição se fizesse apenas quando do congresso ordinário da F. I. F. A., a reunir-se em Santiago do Chile, no próximo ano. Mas a decisão aprovada esta manhã pela assembleia geral estipula que o novo presidente cessará as suas funções quando daquele congreso.

A Federação Italiana, favorável ao adiamento da eleição do presidente até 1962, retirou a candidatura do seu presidente, o dr. Ottorino Barassi. Restam, portanto, três candidatos em presença: «sir» Stanley Rous (Grã-Bretanha), o prof.

Feira de S. Miguel em Penela

PENELA, 28 (Pelo telefone) — Começou, hoje, a tradicional feira de S. Miguel, que foi anunciada em toda a vila com toques de alvorada pela Filarmónica Penelense, seguida de uma salva de morteiros.

Ás 21 horas, exibir-se-á o Rancho Folclórico Infantil de Almeirim e o Rancho Típico de Palião.

Amanhã, ás 9 e 30, é esperado, nesta vila, o ministro do Interior, que vem reunir-se com o governador civil do distrito e os presidentes das Camaras. Depois desta reunião, o ministro do Interior visitará a povoação de S. Sebastião.

Em ALCANENA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Agência de JOAQUIM RAMOS VIEIRA.

Linha de CASCAIS

Cinemas

ALGÉS — *Stadium* — Às 21: «A mulher e o fantoche» e «O vale das mil montanhas» (17 anos).

OEIRAS—*Oeiras-Cine*—Às 21: «O ladrão do Grande Hotel» (17 anos).

PAREDE — *Royal-Cine* — Às 21: «Salomão e a rainha do Sabá» (17 anos).

ESTORIL—*Casino*—Às 21 e 30: «Katia» (17 anos). *Cine-Esplanada* —Às 21 e 30: «O gendarme desconhecido» (12 anos).

CASCAIS—*S. José*—Às 21 e 30: «Os 11 do Oceano» (17 anos). *Académico*—Às 21: «Viagem de Noivos» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS—*Miramar*—R. Ernesto da Silva, 81-83 (Tel. 012048).

CAXIAS — *Nova* — R. Bernardim Ribeiro (Tel. 042839).

PAÇO DE ARCOS — *Godinho da Silva*—Av. Patrão Lopes, 4 (Telef. 042039).

OEIRAS — *Central*—R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 043058).

PAREDE — *Brandão*—Av. da Republica, 77 (Tel. 047054).

ESTORIL—*Marques dos Santos*—Rua Ferreira J. A. 15—Alto Estoril (Tel. 060116).

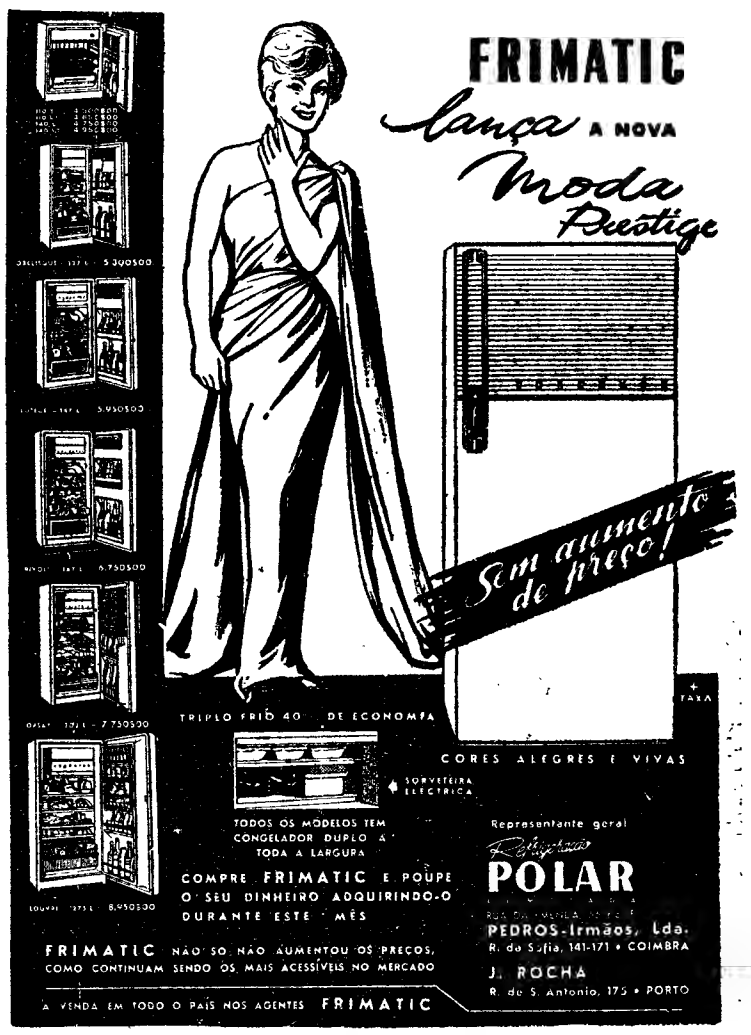
CASCAIS—*Misericórdia*—Rua do Regimento, 19 (Tel. 080141).

ESPECTÁCULO A FAVOR DAS VÍTIMAS DE ANGOLA

E' já no próximo sábado que se realizará, no Pavilhão dos Desportos, gentilmente cedido pela Camara Municipal de Lisboa, o espectáculo para apresentação ao publico da capital do «Conjunto Assis», notável agrupamento folclórico angolano que se encontra, há algum tempo, entre nós, a fim de angariar donativos para as vítimas dos acontecimentos em Angola.

O «Conjunto Assis», que ainda há alguns dias se exibiu, com assinalado êxito, perante os Congressistas da União Seguradora Marítima, num jantar que reuniu mais de oitocentos convivas e que se realizou na Feira Internacional de Lisboa, vai ter agora a oportunidade de contactar, directamente, com o grande publico lisboeta.

Os bilhetes para este espectáculo serão postos á venda num dos próximos dias.



STAND
Av. Almirante Reis, 94 C Tel. 73 37 55

Defenda a sua saúde, combatendo o excesso de peso com

minVitine

O excesso de peso é prejudicial à saúde, visto que sobrecarrega inùtilmente o organismo.

O novo alimento MINVITINE permite que se liberte ràpidamente do excesso de peso.

Sem sensação de fome
Sem perda de energia

O princípio da cura de emagrecimento MINVITINE consiste na substituição das refeições normais por refeições MINVITINE.

Cada refeição MINVITINE fornece apenas ao organismo 225 calorias. Como esta quantidade não chega, o organismo vê-se pois obrigado a ir buscar as calorias de que necessita às suas próprias reservas, ou seja às gorduras que as pessoas fortes têm em excesso. A MINVITINE actua, pois, por simples redução calórica, mas, em contrapartida, fornece ao organismo todas as vitaminas, sais minerais e albuminóides de que ele necessita.

A MINVITINE tem um grande poder saciante, evitando assim toda e qualquer sensação de fome. A energia não diminui, antes pelo contrário, aumenta à medida que o organismo vai perdendo peso.

A perda de peso atinge cerca de 250 g por dia, no caso de **regime estrito:** substituição das refeições normais por 4 refeições MINVITINE de 225 calorias, cada uma.

O regime moderado (substituição diária de 1 ou 2 refeições normais por 2 refeições MINVITINE) provoca uma perda de peso suave de cerca de 1 quilo por semana.

O regime ocasional permite manter o seu peso.

Pode confiar na MINVITINE. A MINVITINE é um alimento dietético WANDER, o fabricante da mundialmente conhecida OVOMALTINE.

3 aromas
de paladar muito agradável:
Café, Chocolate, Neutro.

À venda em latas de 225 grs. dando para 4 refeições a Esc. 32$50
e em caixas de 8 carteiras para 8 refeições individuais a Esc. 60$00

Pode confiar na minVitine. A minVitine é um alimento dietético WANDER fabricante da mundialmente conhecida OVOMALTINE

A modernidade de Shakespeare

(Continuação da página central)

seu movimento os destinos individuais, tantas vezes capazes de lhe mudarem o curso, quando entendem a deriva da corrente, ou de o aprisionarem transitoriamente no triunfo do seu próprio capricho. As consequências do acto ressurgirão mais tarde no desenvolvimento do esquema dramático, mas, no mundo hábil em que vivemos, o homem é a medida de todas as coisas. Quer sejam as molas que o impelem as da ambição do mundo político, como em Ricardo III, ou em Macbeth, cuja usurpação vai contra a «necessidade» histórica da unidade nacional, quer sejam elas ainda a incompreensão do Mundo em que se vive esse logro de existir, como em Lear ou em Othelo, o homem só responde perante si próprio. As incertezas e as agonias da escolha são vividas á medida da sua própria grandeza.

Cabe a Shakespeare e aos Isabelinos esta atitude arrojada de recuperação do humano em face da tragédia antiga. Ao passo que no mundo cruel em que Édipo sucumbe se mantêm as leis ocultas que os deuses estatuíram, Shakespeare põe em causa a ordem do Universo. Na tragédia clássica o homem pode cair, mas os deuses ficam de pé. No drama shakespearano o homem é agente do seu destino e é só devido á sua propria actuação por não entender ou não saber prever os actos dos outros, que se deixa enredar nas malhas do acontecer. As forças destinais que lhe comandam a sorte, quando elas prorrompem na intriga dramática, são menos fruto do acaso do que da falta de lucidez. E esta fraqueza não é só por insuficiência do entendimento mas também pela complexidade das paixões que o sitiam constantemente. O plano que deria a felicidade a Romeu e Julieta é gorado pelo concurso de um incidente do acaso e pela torrente de paixões que ele desencadeia. No fundo é o sentido da responsabilidade do homem (se excluirmos, claro está, as peças do poeta em que a preocupação metafísica e o jogo da fantasia tornam a interpretação plurivalente), que avulta no teatro de Shakespeare, bem como desse outro extraordinário dramaturgo que é Marlowe.

Ora as filosofias da existência e a dramaturgia do nosso tempo chamam insistentemente a atenção para estes aspectos, que são uma das molas capitais da acção no teatro de Shakespeare. O problema da escolha é sucessivamente reposto pelas suas personagens com sentido e implicações diversas. A consciência de um estar em «projecto», prorrogando a cada instante a moratória que adia a execução da pena do destino, adquire por vezes, em Hamlet, uma percuciente angustia, que se avizinha singularmente da que é experimentada por Antoine Roquentin na *Náusea*, de J. P. Sartre. Mas a riqueza e a complexidade da obra shakesperiana apresentam multiplas facetas que se reflectem no simbolismo e na fascinação da magia (*A Tempestade*), no bobo de *Lear* consciência reflexa da *solidão* do velho dementado, que lembra, na sua recusa de toda a ilusão, no seu rompimento com as sucessões logicas e temporais, uma das personagens de Samuel Beckett.

Por outro lado, em Shakespeare, reflecte-se também o sentido do absurdo, embora de um modo diferente e em graus diversos daquele que encontramos num Heidegger. É o absurdo do mundo em que vivem que levam *Lear* e *Ofélia* á loucura. Mais próximo ainda da «metafísica» heideggeriana — o reconhecimento lucido da absurdidade da existência, ou sejas uma das reacções possíveis do homem perante a náusea — está o comportamento de Iago no *Otelo*. Alimentando o enredo de acordo com a convencional orientação dramática e fazendo, ao mesmo tempo, uma experiência sobre as causas e as consequências do ciume, Iago desenrola a intriga no plano lírico do qual permanece até o fim uma contra-figura ao mesmo tempo irónica e agressiva. A particularidade desta sua função foi penetrantemente salientada por um notável critico shakespeariano, Henri Fluchère.

Outra faceta desta singular modernidade do poeta revela-se no enquadramento da acção individual com a corrente de um movimento histórico. As maquinações do cardeal Wolsey no *Henrique VIII*,

SHAKESPEARE

assim como as de um Macbeth, são inseparáveis dos acontecimentos e da história do mundo em que vivem. Estes fios subtis que enleiam o indivíduo ao meio social integram-se com justeza no jogo dramático de Shakespeare, que assim precede, de longe, o teatro de Brecht. A vida do Galileo de Brecht é inseparável da politica das republicas italianas e do poder papal que nelas comanda. A queda de Wolsey é provocada pela sua oposição ao soberano britanico, convencido de que favoreceria a sua ambição ao sólio pontifício, quando tomava o partido da rainha, Catarina de Aragão.

Há ainda em muitas obras de Shakespeare uma captação vigilante dos sintomas de desagregação, que vão minando sub-repticiamente a ordem estabelecida. A subversão dessa ordem, então factor impeditivo da centralização do poder nacional, tem dado azo a interpretações brilhantes, que só pecam pela descontinuidade que estabelecem entre a necessidade histórica da época isabelina e a de outras eras. Mas o sentido de crise e de angustia é bem nosso.

É por todas estas razões, necessariamente rápidas e apenas esboçadas, que a obra de Shakespeare tem para nós uma actualidade premente. Ela responde a muitas das nossas preocupações, força-nos a uma nova meditação e abre-nos surpreendentes perspectivas que até aqui haviam sido ignoradas. Daí a sua universalidade e a sua presença na consciência do nosso tempo, tornando imperativa a sua leitura e a sua representação entre nós.

O imposto de consumo

(Continuação da página central)

ou de luxo, ou em quaisquer das suas dependências ou anexos».

Como a expressão «casas de chá» está definida pelo S. N. I., os signatários da exposição acentuam que o problema está em esclarecer se as pastelarias, confeitarias e leitarias poderão ficar legalmente classificadas como *casas de chá*.

Ora, em face de toda a legislação que diz respeito a este assunto, parece não poder restar qualquer duvida de que assim não é. Com efeito, dizem, a lei n.º 2073, de 23 de Dezembro de 1954, que conferiu aos Serviços de Turismo do S. N. I. competência para designar os estabelecimentos hoteleiros e similares estabelece que essas designações são: «Restaurantes e casas de pasto; *casas de chá*, cafés, cervejarias e botequins (bares); «cabarets» e salões de dança («dancing»).

Estipula ainda a mesma lei que «as designações e classificações atribuídas aos estabelecimentos hoteleiros e similares *serão publicadas no «Diário do Governo»*, dizendo-se noutra disposição que «em todos os diplomas e mais documentos emanados do Estado e dos Corpos Administrativos e bem assim dos organismos corporativos e de Coordenação Económica, observar-se-ão sempre e apenas as designações constantes desta lei».

Ora, o S. N. I., acrescentam, «arrogando-se competência de designação dos estabelecimentos de pastelaria, confeitaria e leitaria já existentes á data da publicação da referida lei, bem como dos que posteriormente se criaram, os designou por *casas de chá*, sem atender, porém, ao preceituado no disposto no § 2.º do mesmo artigo 1.º da referida lei, que determina: serão definidas em regulamento, provido o respectivo organismo corporativo, de características e requisitos mínimos dos estabelecimentos a que corresponde *cada designação* e classificação».

E afirmam: «Dado que o regulamento referido na lei não foi publicado, nem existe a designação efectuada pelos Serviços de Turismo, é puramente arbitrária e não surte quaisquer efeitos jurídicos».

Seguindo, depois, um raciocínio perfeitamente claro e baseado numa série de disposições em vigor, os signatários dizem que «considerando que nos estabelecimentos em causa se não consomem artigos supérfluos ou de luxo, nem se prestam tais serviços, lógico é concluir que neles se não deve cobrar o aludido imposto».

Ao terminarem, os proprietários das pastelarias, confeitarias e leitarias manifestam o desejo de que sejam emitidas, pelo Ministério das Finanças, instruções para que estes estabelecimentos não sejam abrangidos pelo diploma relativo ao citado imposto, visto que «o sr. ministro das Finanças, ao criar o imposto de consumo, só quis tributar consumos e serviços referentes a artigos supérfluos e de luxo, mas não provocar directa ou indirectamente um aumento do custo de vida neste sector da alimentação publica».

CORPORAÇÃO DA INDÚSTRIA

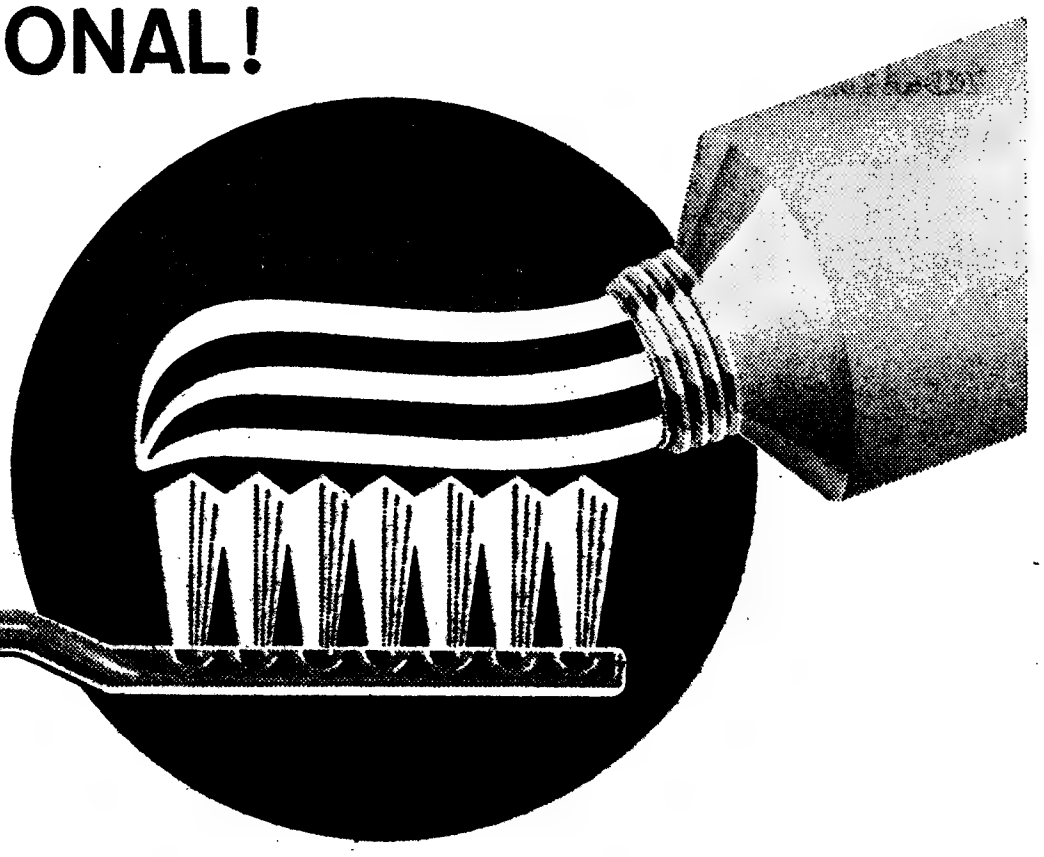
Sob a presidência do sr. Frederico Gorjão Henriques, vice-presidente em exercício reuniram-se, na sede da Corporação da Industria, os industriais refinadores de açucar do Continente, a fim de designarem um seu representante para fazer parte da comissão criada por despacho conjunto dos ministros do Ultramar e da Economia e secretário de Estado da Industria, que irá definir o regime açucareiro a partir do ano cultural de 1966-1967.

Estiveram presentes ou representadas quase todas as firmas existentes, ao todo 21, que designaram o sr. eng. Manuel Alves da Silva, sócio-gerente da Refinação de Açucar e Confeitaria de Belém, Lda., para fazer parte da referida comissão.

O sr. eng. Manuel Alves da Silva é presidente da Corporação do Comércio, procurador á Camara Corporativa, vereador da Camara Municipal de Lisboa e foi presidente da direcção do Grémio Nacional dos Industriais de Confeitaria.

PROGRESSO SENSACIONAL!

Signal o dentífrico com elixir nas riscas



Para salvaguardar completamente a saúde de toda a sua boca, V. tem agora Signal que é dentífrico e elixir ao mesmo tempo. Signal contém nas riscas vermelhas um poderoso elixir, à base de Hexaclorofene, que actua em toda a boca como um anti-séptico; acção essa que completa a limpeza perfeita relizada pela pasta branca de Signal. Por isso, além de dar aos seus dentes a brancura cintilante que tanto os embeleza, Signal purifica toda a boca, graças ao Hexaclorofene das riscas vermelhas. Passe desde já a usar Signal e garanta a si e a toda a sua família a perfeita pureza da boca que tão benéfica é para si e para os outros. E com Signal é fácil convencer as crianças a lavar os dentes – elas adoram o aspecto e agradável sabor deste maravilhoso dentífrico.

Signal DÁ-LHE PUREZA TOTAL DA BOCA

INDÚSTRIAS LEVER PORTUGUESA, LDA. SACAVÉM

A situação do pessoal
da indústria hoteleira

(Continuação da página central)

Há muitos colegas meus a quem só falta tirar o dinheiro dos bolsos dos clientes, pois servem-se de todas as artimanhas. Ora isto não nos deixa bem colocados. Mas não será isto legítimo? Como se concebe que um profissional tenha de mendigar do cliente a paga do serviço que lhe presta?

É claro que, como nem todos têm feitio para mendigar, lá ficam prejudicados nos proventos a receber por um trabalho digno.

Agradeço-lhe, sr. director a atenção dispensada e muitos anos de vida é que eu lhe desejo e a todos os que se batem por uma causa justa como a nossa».

A impossibilidade de fiscalizar a percentagem cobrada

Nesta outra carta, levanta-se um problema delicado:

«Pedem-se há muito providências a quem de direito, sem que se vislumbre uma forma de elas serem concretizadas. Dar-se-á o caso de alguns hoteleiros possuirem forças irresistíveis, capazes de sempre impedirem esta infeliz classe de poder usufruir os seus pequenos direitos?

Deixemos os problemas dos horários e outros, já esclarecidos de modo a que o público possa julgar por si. Somos, porém, obrigados a insistir numa coisa que sempre temos pedido — a integral satisfação daquilo que já nos é concedido por um contrato antiquado e desumano.

O grupo que se lhe dirige representa aquela parte de 60 % do pessoal *gratuito*, ou seja sem qualquer ordenado fixo. Tomaram os proprietários o compromisso de a sua remuneração ser feita pelos tais 10 %, cobrados nas contas dos clientes. Infelizmente, há estabelecimentos que não fazem a cobrança. Também existem hoteis que só procedem a ela fora dos prazos indicados pelo tal infeliz acordo ou contrato. As contas não são cobradas todos os oito dias, pelo menos a alguns hóspedes. A outros, a cobrança é feita ao fim de dois, três, quatro meses ou mais e o pessoal nunca poderá saber se a conta foi ou não recebida, pois não lhe é dada qualquer satisfação.

Em resultado de tal organização de serviço, sucede haver empregados que trabalharam para esses clientes e, tendo deixado de prestar serviço nesse hotel, por qualquer motivo, nunca chegam a ser reembolsados da dita importancia.

Pergunta-se, e com razão, porque se não obrigam os proprietários a pagarem dos seus cofres as importancias que, por sua culpa, deixaram de ser cobradas aos clientes em devido tempo?

Hoteleiros há que, em sua defesa, apregoam estar bem remunerado o pessoal! Querem, com essa afirmação, sugerir que estão a par dos hoteis com gerências estrangeiras — os unicos que cumprem integralmente o estipulado no velho contrato, quanto a alimentação, remunerações, meios de segurança e higiene do pessoal».

Alguns escudos de gratificação por despesas de centenas

E ainda esta:

«Eu e meus colegas vimos por este meio agradecer a V. a atenção que tem prestado a este assunto.

Nós, empregados de mesa na industria, não temos ordenado, nem sequer a firma onde trabalhamos nos autoriza a meter a taxa de serviço, que aliás nos é devida. Certas contas chegam a atingir duzentos e trezentos escudos e o cliente apenas dá uns míseros dez ou quinze tostões, visto nós não podermos incluir a respectiva taxa. Muitas vezes, o cliente está convencido de que a taxa já está incluída.

Como se este facto não fosse já altamente lesivo dos nossos interesses ainda há clientes desonestos, que comem e bebem, e fogem sem pagar a respectiva conta. E somos nós, empregados, que temos de pagá-la á caixa!

Não acha que seria bem imposta a obrigatoriedade de cobrança da taxa de serviço?

Parece-nos ser a unica solução para este problema».

O PORTO pelo telefone

Obras da cidade
visitadas esta manhã
pelo secretário da Indústria

PORTO, 28 *(Pelo telefone)*.—O secretário de Estado da Industria esteve hoje nesta cidade onde efectuou várias visitas. Acompanhado pelo director-geral de Minas e Serviços Geológicos, eng.º Castro e Solla, e pelo chefe da Circunscrição Mineira do Norte, eng.º Soares Carneiro, visitou a rede dos serviços da Circunscrição Mineira e a do Fomento Mineiro, na Rua Santos Pousada.

Depois, acompanhado do eng.º Guimarães dos Santos, director dos Serviços de Fomento Mineiro, visitou as futuras instalações daqueles serviços na Amieira, junto á «Via Norte». Trata-se de um amplo edifício que ocupa uma área de 1130 metros quadrados, com 4 pisos, projectado e construído propositadamente para o fim a que se destina e que se encontra quase concluído.

Já completamente montado e a funcionar em regime de ensaio existe, num anexo, uma cavaria-piloto de preparação mecanica de minérios, com laboratório que compreende uma área de 1110 metros quadrados.

Graças ás novas instalações, o Serviço de Fomento Mineiro poderá, em breve, dar integral cumprimento á sua missão que consiste na prospecção e pesquisa de jazigos de minério, inventariação das suas reservas e estudo do beneficiamento dos respectivos minérios.

Em ultima fase, depois de construído o edifício, serão também construidas oficinas de serralharia e carpintaria, garagens, refeitórios, etc.

O secretário de Estado da Industria percorreu demoradamente as instalações, tendo-lhe prestado todos os esclarecimentos o sr. eng.º Guimarães dos Santos.

LILY PONS
abandona o «Metropolitan» após trinta anos de actividade

NOVA YORK, 28. — O nome de Lily Pons não figura, pela primeira vez desde que a diva se estreou em 2 de Janeiro de 1931, em Nova York, no elenco dos artistas do «Metropolitan», ontem publicado. Deste modo, confirma-se a notícia, que já corria há algum tempo, de que a artista pretendia aposentar-se.

Lily Pons, que participará na próxima semana numa «soirée» de gala na Opera de San Francisco, tem a intenção de continuar a cantar em publico «uma vez por outra». — (F. P.).

Foi preso quando se preparava para fugir com o dinheiro roubado

O sr. Alberto Oliveira Salomé, sócio-gerente de uma tipografia e encadernação, do Campo dos Mártires da Pátria, incumbiu o seu empregado, Joaquim Almeida da Silva, residente na Rua do Zambeze, de ir levantar a um banco desta cidade, três cheques no valor de 72 contos, que deveria depois depositar noutros estabelecimentos bancários. Aconteceu que aquele empregado levantou o dinheiro, ausentando-se depois para parte incerta. Ontem, cerca das 23 horas, estava o sr. Alberto de Oliveira na estação de S. Bento q uando viu o Joaquim da Silva a comprar um bilhete para Lisboa. Chamou um guarda, que prendeu o infiel empregado, o qual na 1.ª esquadra confessou o abuso de confiança que praticara, sendo-lhe apreendidos ainda cêrca de 69 contos e uma mala com roupas que comprara.

Doença súbita e mortal

No Albergue Distrital da Mendicidade, onde se encontrava internada, foi acometida de doença subita e mortal a sr.ª Joaquina Rosa Ribeiro, de 65 anos, solteira.

Queda de uma bicicleta

Ao Hospital de Santo António, recolheu o carpinteiro José Oliveira Rodrigues Pereira, de 26 anos, residente em Crestuma, Gaia, que caiu de uma bicicleta, sofrendo traumatismo craniano.

Espectáculos de amanhã

SÁ DA BANDEIRA — A's 21 e 45 — Uma bomba chamada Etelvina» (17 anos).
COLISEU — Às 21 e 30 — «Raça» (17 anos).
RIVOLI — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30: «Suspeita» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — Ás 15 e 15 e ás 21 e 15: «Momento de perigo» e «Pala negra» (17 anos).
TRINDADE — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30: «Paris, etc. e tal» (17 anos).
VALE FORMOSO — Ás 21 e 30: «Diplomata em apuros» (12 anos)
OLIMPIA — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30: «O mata sete» (12 anos).
AGUIA DE OURO — Ás 15 e 30 e e ás 21 e 30: «Traficantes» (17 anos).
JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «Noites de Rasputine» (17 anos).
S. JOÃO — Ás 15 e 30 e 21 e 30: «Um trono para Cristina» (17 anos).
RATALHA — A's 15 e 30 e 21 e 30: «O capitão Moyan» (12 anos).

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda a partir das 21 horas, nas tabacarias de MATOZINHOS, FOZ, AVENIDA DA BOA VISTA, ROTUNDA DA BOA VISTA, CARVALHOSA, PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL, RUA DE COSTA CABRAL, CONSTITUIÇÃO, PRAÇA DA REPUBLICA e BOMFIM.

todos de acordo...

...sobre a roupa interior

Máximo de conforto, de bem-estar de saúde e mínimo de trabalho: eis o que lhe garante esta etiqueta concedida pela Sociedade Rhovyl à roupa interior de todas as marcas que, composta de clorofibras Rhovyl puras ou combinadas, satisfaça os contrôles efectuados por esta sociedade.

A clorofibra Rhovyl — a mais apropriada a todos os climas e a mais sã das fibras têxteis conhecidas — tonifica a epiderme, evita e afasta as «dores».

É fácil manter branca a roupa interior «recomendada por Rhovyl»: basta lavar em água fria ou tépida, com um detergente moderno e não precisa ser passada a ferro.

OVIC-AD

RHOVYL ®

Esta etiqueta é um certificado de garantia!

o têxtil do bem estar e da saúde

A vida num outro mundo

(Continuação da página central)

mais as atraem quando eles executam as suas cabriolas inocentes.

O «Skansen» é ainda o local onde toda Estocolmo celebra o seu «Midsommar».

«Midsommar» das superstições...

Traduzindo, «Midsommar» é «meio do Verão». Rigorosamente, contudo, o que os Suecos festejam é a chegada do Estio ou, ainda com maior propriedade a vinda do Sol a esta terra que passa a maior parte do tempo envolta na penumbra e dominada por um clima melancólico.

A magia do «Midsommar» atinge a alma do povo. Depois do Natal é talvez a época mais feliz da Suécia. A das maiores deslocações humanas, da mais intensa circulação dos transportes, da mais fecunda produção literária e musical e do maior numero de promessas amorosas. Fundamentalmente a da mais profunda comunhão em torno da Natureza.

Na noite de São João os Suecos bailam canções típicas em redor de um gigantesco mastro florido. Todas as estrofes são de louvor ao astro-rei ao Verão e ás flores. E' a noite mais clara do ano. Nela vigora uma estranha luz de azul e purpura. E' ainda aquela em que sempre acontecem coisas fantásticas. Para sonhar com aquele que desejam, as raparigas colocam sete espécies diferentes de flores debaixo do travesseiro... Ou para «verem» o rosto de quem as tornará felizes por toda a vida correm a mirar as águas do lagozinho mais próximo...

O lirismo do «Midsommar» tem, todavia, um cruel adversário — o álcool. Geralmente macambuzios, os Escandinavos aproveitam todas as oportunidades festivas para beber. Segundo um próprio humorista nórdico, quando um dinamarquês toma três copos de vinho começa a cantar; quando bebe seis fala fluentemente o inglês; e quando toma nove não quer mais, mas aceitará sempre um outro se alguém insistir... Quando um sueco bebe três copos convida alguém a comer com ele e, se engere meia duzia, inclui-o como membro da família, chamando-o de irmão, e quando toma doze chora desesperadamente... se o impedem de engolir outra duzia.

Vinte e quatro alcoólicos em cada mil suecos

O problema do alcoolismo na Suécia é, porém, muito sério. Só no ultimo fim de semana a policia de Estocolmo prendeu 169 pessoas em total embriaguez, entre as quais 14 automobilistas e 40 desordeiros. E os jornais noticiaram o facto como «um «record» alarmante».

As cabinas telefónicas e os mictórios têm sempre garrafas de vinho ou de cerveja vazias. Três senhoras já idosas, de chapéu e porte burguês, todas de braço dado e fixando o chão chocaram bruscamente comigo, á 1 da madrugada, e perguntaram-me onde era a rua em que precisamente estávamos. Um repugnante hálito de álcool esclareceu-me...

Apesar de todas as disposições preventivas e compulsivas, os perigos do alcoolismo parecem não diminuir na Suécia. E' proibida a existência de bares e tabernas e a entrega de bebidas alcoólicas sem refeições nos restaurantes especialmente autorizados. E estes só as poderão servir depois do meio dia. A venda de vinhos, licores e cervejas fortes é efectuada por um organismo estatal, sem intuitos comerciais, e apenas entre as 9 e as 18 horas. O preço mínimo de um litro de vinho ordinário é de 30 escudos. A cerveja normal contém só 2,8 por cento de álcool. A publicidade a favor do consumo de vinho e limitada. Nas escolas e associações e através da Imprensa, da rádio e da televisão desenvolve-se a apologia da abstinência. Os estudos científicos e sociais do problema são permanentes. As punições para os inveterados severas. O «contrôle» das autoridades é rigoroso. Há 700 mil organismos de temperança, que dispenderam 104 mil contos em 1959, e cerca de 2500 leitos em 10 instituições especiais para tratamento dealcoólicos.

No entanto, quase 400 pessoas morreram o ano passado de cirrose no fígado. Em 1959, de cada mil habitantes, 24 eram controlados pelo Estado devido a embriaguez habitual e 14 responderam em tribunal por delitos derivados do álcool. Havia 79 mil indivíduos contactados e 46 mil doentes, dos quais 7216 internados. No mesmo ano, o consumo de bebidas por habitante foi de 3,07 litros de vinho, 5.88 de licores e 32,36 de cerveja.

Estes numeros tendem a aumentar, segundo os ultimos apuramentos. As razões são muitas. Além do clima, da hereditariedade, da temperamentalidade, etc., inclui-se nelas a subida do nível de vida do povo sueco, e em especial a melhoria dos salários dos jovens — que formam a maior parte dos desregrados — C. F.

A visita do Chefe do Estado ao "Infante Dom Henrique"

(Continuação da página central)

que, dentro do nosso ressurgimento economico, representou a renovação da Marinha Mercante, que tanto ficou devendo á acção do almirante Américo Tomás, como ministro. Respondeu a várias críticas, entre as quais as dos que consideram aquele paquete «luxuoso de mais para as carreiras de Africa», como se os Portugueses que ali vivem e labutam não merecessem todo o conforto, e as dos que consideram anacrónico construir paquetes, na era do avião, quando, afinal, este não chega para tudo, e até no ponto de vista da defesa nacional, não pode substituir o barco, para transporte de militares e de material. Disse confiar no critério e no bom-senso do ministro da Marinha e dos dirigentes da Marinha Mercante, quanto aos destinos desta.

— E que o timoneiro forte que V. Ex.ª foi, como ministro da Marinha, e o timoneiro hábil que V. Ex.ª é, na direcção dos destinos da Nação, saiba levar esta a bom rumo, no mar encapelado e louco que é o Mundo de agora.

O presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante anunciou que dentro de três semanas, outro barco, do mesmo género, embora mais pequeno, será entregue, na Dinamarca, á Empresa Insulana de Navegação, para as carreiras de passageiros entre a Metrópole e as Ilhas Adjacentes—numa nova afirmação de que prosseguirá o nosso indispensável fomento marítimo:

— A Marinha Mercante — afirmou — é a pedra basilar da obra da unidade nacional, moral e territorial.

Acentuou a contribuição que a Marinha Mercante deu para a causa da própria sobrevivência nacional, destacando o que ela deve ao almirante Américo Tomás e ao ministro da Marinha.

O almirante Quintanilha Mendonça Dias disse estar certo de que o almirante Américo Tomás fez esta visita com grande satisfação, como Chefe do Estado, como marinheiro e como ministro impulsionador da renovação da Marinha Mercante.

Disse que se não se tivesse procedido a essa renovação não haveria divisas que chegassem para pagar as companhias estrangeiras os indispensáveis transportes dos militares e do material destinados á defesa da integridade do território nacional.

— Não vi ainda qualquer programa, qualquer razão de peso que nos obriguem a mudar de rumo.

E terminou, felicitando todos os artistas que, com tanto gosto e tanto êxito, trabalharam no paquete.

O Chefe do Estado afirmou que nada teria a acrescentar ao que disseram, com conhecimento de causa, entidades que á Marinha Mercante tanto têm dado, em dedicação e em enteusiasmo.

Afirmou que, após esta visita, tinha o prazer de elogiar a concepção e a decoração do navio, pelos quais podem estar de parabens a Companhia e o País, e que não podia deixar de dirigir uma palavra de agradecimento aos artistas que tanto deliciaram os olhos de todos.

Lembrou Bernardino Correia, fundador da Companhia, para quem o «Infante Dom Henrique» constituiu o ultimo sonho da vida:

— E' um barco bonito e vai ser imensamente util ao povo português. A sua necessidade foi prevista há 10 anos. Passou-se muito tempo. Devia ter aparecido mais cedo ao serviço da Nação, como o seu irmão, o «Príncipe Perfeito». Não vieram então; mas vieram agora. Esqueçamo-nos do atraso do tempo, e lembremo-nos apenas da realização verificada.

Acentuou que a entrada ao serviço do «Infante Dom Henrique» marca um progresso nítido sobre os barcos anteriormente empregados nas carreiras de Africa, e que, se nunca defendeu o luxo, entendeu sempre que era indispensável melhorar o conforto, melhorar as condições de viagem:

— «Para trás não se volta!» — escrevi muitas vezes. — Para trás não se voltará!

Lembrou as críticas feitas aos navios anteriores, acentuando que, entre nós, «tanto dizemos mal, como dizemos muito bem com a intenção de dizer mal»:

— E já que a Providência nos permitiu ter uma Marinha Mercante decente — graças a Salazar, a mim próprio, aos armadores, aos tripulantes, ao actual ministro da Marinha e a Junta Nacional da Marinha Mercante, temos também de possuir uma mentalidade decente, para encarar o aproveitamento destes navios nas suas verdadeiras finalidades.

Não devemos — disse — lembrar-nos de Santa Bárbara, apenas quando troveja:

— Trovejou na ultima guerra mundial. Trovejou em Angola. E é possível que venha a trovejar ainda mais, e mais intensamente. Por isso, não podemos estar á mercê de estrangeiros. Temos de nos bastar, para termos vida própria, para continuarmos a ser alguém no Mundo, como fomos no passado. Nunca perco a oportunidade de lembrar a todos, a começar pelos armadores, que a Marinha Mercante é uma necessidade nacional, um meio de vida da Nação, que tem de ser ajudado por todos. Não se compreende que volte a haver navios amarrados ás boias do Tejo, para servirem apenas quando há uma necessidade urgente.

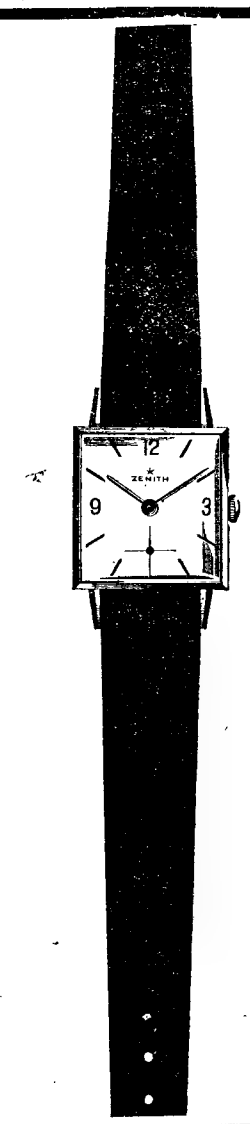
O Chefe do Estado abordou, depois, o problema da necessidade de construirmos todos os nossos navios em Portugal:

— Temos amplamente as possibilidades para isso. Possuímos engenheiros e operários. Podemos e sabemos construir, tão bem como os outros. Para isso é indispensável, porém, ter um estaleiro, no qual se construam e reparem todos os barcos — estes e os seus continuadores. Assim, ficará no País grande parte do dinheiro que, com tais fins, tem ido lá para fora.

Disse que se alegrou muito ao saber que o Grande Estaleiro Naval do Porto de Lisboa vai ser uma realidade:

— Tudo leva tempo a construir! Para ter o «Príncipe Perfeito» e o «Infante Dom Henrique» esperámos 11 anos. Para ter o estaleiro, já estamos á espera desde 1954, ano em que D. Manuel de Melo, que muito considero e estimo me apresentou o respectivo requerimento, dizendo que ele vinha de encontro ás minhas sugestões, expressas em despachos e discursos. A ideia é dele. O seu requerimento visava tornar em realidade as minhas sugestões para uma construção digna do nosso País e do nosso passado marítimo:

— Que ele não se demore muito e que fique perto dessa grande obra que é a Siderurgia Nacional. Serão essas grandes obras que proporcionando maior riqueza e maior bem-estar ao povo, farão calar a boca dos muitos «Velhos do Restelo» que ainda existem em Portugal».



Mais caro
Mais precioso
Mais exacto

Criação individual
Elegância perfeita de linhas
Superioridade da arte relojoeira
Famoso mundialmente desde 1865
Precisão atestada por 838 primeiros prémios de Observatórios
São todas as qualidades que o conhecedor exige dum relógio fabricado e assinado por

ZENITH

CURSOS PRÁTICOS
— DE —
CORRESPONDENTES ESTENO-DACTILÓGRAFOS
— EM —
PORTUGUÊS — FRANCÊS — INGLÊS
Ambos os sexos, a horas diferentes
AULAS DIURNAS E NOCTURNAS
Pedir folheto elucidativo à
ESCOLA PORTUGUESA DE COMÉRCIO
EXTERNATO
Director: Prof. MÁRIO DO CARMO PERES
40, Rua Antero de Quental, 42 — Telefone 42073 — LISBOA-1

O movimento revolucionário sírio

estende-se ao território do Egipto

e o marechal Amer aderiu aos revoltosos

— segundo revelou a emissora de Damasco

(Continuação da 1.ª página)

golpe de Estado, transmitido pela emissora local:

«Esta manhã, o vosso Exército, que era e sempre será o apoio vigilante da pátria, da sua segurança, liberdade e dignidade, sublevou-se para demolir a corrupção e a tirania e restituir ao povo os seus direitos legítimos».

«Proclamamos que este movimento nacionalista não tem relação alguma com qualquer personalidade ou classe particular. E' um movimento que tende a modificar uma situação ilegítima».

«Povo árabe: confiai no vosso Exército. Somos fortes, com a ajuda de Deus. Batemos a todas as portas para obtermos reformas, antes de nos revoltarmos, mas não encontrámos outro meio para nos livrarmos do explorador e trilhar o caminho da liberdade. Tivemos de recorrer á força para restituir ao povo a sua liberdade e ao Exército a sua dignidade. Doravante, não admitiremos que a bandeira do arabismo sirva de capa a qualquer situação ilegítima. Estamos prontos a derramar o nosso sangue. Tomamos o compromisso de viver dignamente».

O texto remata com a invocação: «Deus é grande. Honra aos árabes». — (F. P.).

OS REVOLTOSOS DOMINAM A SITUAÇÃO

BEYRUTH, 28. — Um comunicado da Rádio Damasco afirma que os chefes do golpe militar detêm o domínio da situação e acrescenta que o movimento confia em que o povo sírio proteja os seus irmãos egípcios e os trate com gentileza. O «alto comando revolucionário esmagará» os sabotadores e os intriguistas.

O êxito do movimento — segundo aquela emissora — é completo em toda a Síria.

E' tranquila a situação nas cidades e na província. Não se registou uma unica baixa, graças á solidariedade entre o povo e o Exército.

Entretanto, a Rádio do Cairo continua a retransmitir o discurso de Nasser, em que este declara que não dissolverá a Republica Árabe Unida e que ordenou ao I Exército que marchasse sobre Damasco. — (R. e F. P.).

JAMAL FEYSAL E SARRAJ A' FRENTE DO MOVIMENTO

BEYRUTH, 28. — A Rádio de Damasco anunciou que o golpe militar triunfou sem ter sido disparado um tiro.

Depois de acusar o Governo de «atraiçoar as responsabilidades nacionais» e de criar um Estado policial, o «alto comando revolucionário» anunciou: «Somos pela unidade árabe, desde o Golfo Pérsico ao Oceano Atlantico».

Segundo anunciou também a emissora, á frente do movimento separatista encontra-se o general Jamal Feysal, comandante supremo do Exército sírio, e Sarraj.

Foram lidos aos microfones telegramas de apoio dos diversos comandantes das regiões militares sírias. — (A. N. I.).

NASSER NÃO ESCONDE A GRAVIDADE DA SITUAÇÃO

CAIRO, 28. — O presidente Nasser, ao falar pela rádio, para dar a conhecer ao povo da R. A. U. «que uma pequena força do Exército, tendo partido da base de Katana, ao Sul de Damasco, entre a fronteira israelita e a capital síria, ocupara a Rádio de Damasco e sitiara o alto comando do I Exército sírio», não escondeu a gravidade da situação.

«Encontramo-nos em face de acontecimentos muito mais graves que os de 1956 (o ataque ao Canal de Suez)» — declarou o coronel Nasser. «Hoje — acrescentou — são os nossos próprios irmãos que se levantam contra nós».

Depois de anunciar que enviara o Exército para liquidar a revolta síria, Nasser acrescentou: «Alguns pensam que dissolverei a R. A. U. Não o posso fazer. Os nossos inimigos reclamam-no: Israel, os imperialistas e seus agentes».

«Jamais dissolverei a União por minha iniciativa» — repetiu várias vezes o presidente Nasser. — (F. P.).

ENTUSIASMO POPULAR

BEYRUTH, 28. — A Rádio de Damasco anuncia grandes manifestações populares espontaneas. A multidão aclama o Exército e reune-se em frente dos grandes edifícios do «alto comando», de que os oficiais revoltosos se apoderaram esta manhã.

«O «alto comando» difundiu um apelo á população para que cesse as manifestações e as reuniões, «a fim de não permitir que os oportunistas explorem os movimentos da multidão». — (F. P.).

TERMINOU A REVOLUÇÃO

AMAN, 28 — A rádio de Damasco anunciou, ao meio-dia, que a revolução provocada por um grupo de oficiais sírios terminara.

A emissora acrescentou que o movimento revolucionário terminou depois do marechal Hakim Amer ter prometido tomar decisões imediatas para atender os pedidos dos oficiais sírios que chefiaram a revolta.

O marechal, segundo a emissora, teria mostrado inteira compreensão pelas reivindicações dos oficiais.

A rádio de Damasco, que durante toda a manhã transmitira comunicados revolucionários e musica militar, voltou depois á normalidade e iniciou o seu boletim de notícias com o indicativo «Rádio da Republica Arabe Unida, estação de Damasco». — (R.).

ISRAEL AGUARDA O RESULTADO DA «PROVA DE FORÇA»

JERUSALÉM, 28. — «Se a revolução síria triunfar, será o fim de Nasser» — escreve o quotidiano israelita «Yeidiot Acharonot», comentando a situação em Damasco.

Por seu lado o jornal «Maariv» pede ao Governo que se mostre «ultravigilante ao longo das fronteiras» e alude aos aviões estrangeiros que, na noite passada, sobrevoaram o território israelita.

Os jornais da tarde apareceram hoje com duas horas de antecedência, por causa da situação na Síria, e anunciam-se edições especiais para relatar o que for captado pelos escutas das estações de rádio árabes.

Do lado oficial recusam-se, de momento, a fazer comentários. Dá-se sòmente a entender que se espera o resultado da «prova de força».

Por outro lado, foram mantidas as precauções tomadas para garantir a segurança e a ordem nas regiões da Galileia, onde é numerosa a população árabe. — (F. P.).

Afirma-se em Estocolmo

que mais dois ocupantes

do avião do sr. «H»

foram alvejados a tiro

bem como o próprio aparelho

ESTOCOLMO, 28. — A autópsia revelou que dois dos soldados suecos mou Hammarskjoeld tinham, também, balas no corpo, tal como o sargento norte-americano — afirma o jornal «Dagens Nyhether», sem revelar a origem da sua informação.

O jornal acrescenta que peritos balísticos estão agora a examinar orifícios encontrados em pedaços da fuselagem do avião, os quais se assemelham a orifícios feitos por balas.

Oe ferimentos de bala encontrados nos corpos dos três homens serão examinados mais cuidadosamente em Londres, para se verificar se os projécteis foram disparados ou explodiram devido ao incêndio do avião. — (A. N. I.).

A RODÉSIA REBATE A OPINIÃO DOS PERITOS SUECOS

LONDRES, 28. — A Casa da Rodésia, em Londres, disse, a noite passada, que recebera um comunicado do Governo Federal de Salisbury, rejeitando as opiniões dos técnicos suecos de que as balas encontradas no corpo de um dos guardas encarregados da segurança de Hammarskjoeld, tinham, forçosamente de provir de uma arma.

A mesma fonte, declarou que peritos da Scotland Yard e do Exército britanico tinham, ontem, concordado em que as balas poderiam ter vindo de uma explosão de munições no aparelho — ideia que os suecos classificaram de «pura tolice».

O comunicado acrescentava que L. C. Nickolls, perito de balística da Scotland Yard, corroborava esta opinião. — (R.).

PEDE-SE A DISCUSSÃO DO CASO NA O. N. U.

NOVA YORK, 28. — Foi apresentado, a noite passada, na Assembleia Geral da O. N. U., um pedido de investigação internacional ás circunstancias em que se verificou a queda do avião em que pereceu Hammarskjoeld.

A proposta foi feita, conjuntamente, por Ghana, India, Republica Arabe Unida e Venezuela.

Pediram á Assembleia Geral que colocasse a questão na sua agenda, com carácter urgente e importante.

No seu memorando, os proponentes especificam que o inquérito deverá determinar as circunstancias exactas do «trágico acidente, as condições que compeliram o secretário-geral e a sua comitiva a empreender o voo de Ndjili para N'Dola, á noite, sem adequada escolta ou medidas preventivas, e bem assim, quaisquer outros assuntos em relação com o acidente».

A O. N. U. deveria procurar a cooperação de «todos os implicados», no decurso desta investigação. — (R.).

O CORPO DO SR. «H» CHEGOU Á SUÉCIA

MALMOE, 28. — Escoltado, desde o limite do espaço aéreo sueco, por um grupo de caças a jacto, o aparelho que transporta os corpos de Dag Hammarskjoeld e das outras vítimas do acidente de N'Dola chegou, esta manhã, ao aeroporto de Malmoe Bulltofta, vindo de Genebra. Pouco depois, seguiu para Estocolmo.

A bordo do aparelho, vinham Pierre Spinelli, representante da O. N. U. na Europa, Sture Linner, chefe da missão civil da O. N. U. no Congo, Knut Hammarskjoeld, sobrinho do secretário-geral das Nações Unidas, e o coronel Stig Mauritz Moellerswaerd, representante das forças da O. N. U.—(F. P.).

Próximo de Elisabethville

travou-se luta

entre balubas e katangueses

ELISABETHVILLE, 28. — Ontem, á noite, elementos balubas atacaram soldados katangueses estacionados eb Kipushi, cidade mineira a 30 quilómetros de Elisabethville. Há, até agora, 12 mortos, dos quais 2 gendarmes e 2 soldados katangueses.

O incidente começou, ontem, á noite, ás portas do bairro operário. Os balubas, por razões ainda desconhecidas, atacaram á machadada alguns polícias katangueses. Rápidamente, grupos de rapazes katangueses armaram-se de facas de mato, baionetas e barras de ferro e desataram a perseguir os balubas. Estes, tendo conseguido desarmar polícias katangueses, abriram fogo. Já se contaram doze mortos e muitos feridos estão internados. Reforços de tropas katanguesas partiram de Elisabethville para Kipushi.

Os europeus, até agora poupados a estes recontros violentos entre katangueses e balubas, não parecem preocupar-se com o sucedido, limitando-se a fazer o reparo de que «é a primeira vez que o sangue corre em Kipushi». — (F. P.).

O CORONEL PARA-QUEDISTA QUERIA UMA INDEMNIZAÇÃO

PARIS, 28.—O coronel Trinquier, dos pára-quedistas franceses, contratado pelo Governo katanguês para organizar o seu Exército, perdeu uma acção judicial que intentara por lhe ter sido rescindido o contrato, firmado, no princípio do ano, com Tschombé.

O motivo para a rescisão foi Trinquier ter sido impedido de partir para a Katanga.

No princípio do presente mês, Trinquier obtivera uma ordem judicial que congelava 400 mil novos francos — cerca de 2400 contos — pertencentes á missão katanguesa em Paris.

O tribunal que apreciou a queixa de Trinquier contra o Governo katanguês, julgou, porém, que a missão nada tem a ver com o caso e descongelou essa quantia. — (A. N. I.).

DOIS MORTOS E 58 FERIDOS

no primeiro incidente eleitoral na Turquia

ANCARA, 28. — Dois mortos, oito feridos graves, cinquenta feridos ligeiros e oito prisões, é o balanço do primeiro incidente eleitoral importante, que pôs em presença uns 300 combatentes membros do Partido Republicano Nacional e do Partido Republicano do Povo, em Uzunavcar, aldeia da subprefeitura de Kaman, na Anatólia Central. A Polícia interveio para restabelecer a ordem. — (F. P.).

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco excepto no litoral Oeste em que era moderado do Sul e o céu estava muito nublado por acção de uma massa de ar transportada na circulação de uma depressão centrada a oeste do Cabo Mondego.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS: Bragança, 13°; Beja, 18°; Porto, 16°; Penhas Douradas, 15°; Lisboa, 17°; Ponta Delgada, 17°; e Funchal, 18.

TEMPERATURAS VERIFICADAS ÀS 10 HORAS, NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 21°,8; na água do mar: 17°,5.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE, EM LISBOA, ATÉ ÀS 16 HORAS — máxima, 19°,2; mínima, 17°. No mesmo dia do ano passado: máxima, 22°,1; mínima, 15°.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu encoberto, diminuindo progressivamente de nebulosidade; vento moderado de Sul, rondando para Noroeste durante a tarde; períodos de chuva, passando a regime de aguaceiros.

MANIFESTAÇÃO de automobilistas em ARGEL

ARGEL, 28. — Rebeldes argelinos raptaram e mataram o vice-presidente do Município de Boufarik, René Sprang, e seu filho Gerard, que foram encontrados com a garganta cortada — revelou a Polícia.

Entretanto, os automobilistas de Argel obedeceram aos apelos da «Organização do Exército Secreto», para imobilizarem durante meia hora os seus automóveis, tocando com as buzinas as notas de «Algerie Française».

O transito no centro da cidade era, todavia, muito inferior ao normal, parecendo que muitos automobilistas deixaram os seus carros nas garagens. — (R.).

MOEDAS ANTIGAS

de ouro, prata e cobre. Compram-se aos melhores preços na **Ourivesaria Santos Catita, Ld.ª**, Rua das Porta de Santo Antão, 44.

CURSO GUARDA-LIVROS

POR CORRESPONDÊNCIA

Remeta este anúncio, receberá grátis o folheto "Cursos por Correspondência"

EXTERNATO LUSITANO DE COMÉRCIO

Rua dos Anjos, 2-1.º Telef. 40297

LISBOA

vida literária

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» NÚMERO 166

LIVROS CAROS
—uma das razões da limitação do movimento editorial espanhol

MADRID (Por José Reis) — Se faltam valores positivos no panorama literário de Espanha podem alegar-se muitas e variadas razões. Contudo, não será lícito afirmar que os novos lutam por encontrar incentivo para prosseguirem, mais além da tentativa incerta dos primeiros passos.

Não faltam prémios literários. Mais ou menos valiosos, mas todos ao alcance de quem escreve. São muitos os prémios que se outorgam, desde a capital á mais modesta cidade da província! — afirmam alguns entendidos.

Apela-se para um menor numero em benefício da qualidade e da expansão. Apela-se... mas a perfeição é difícil de atingir. Com todos os possíveis defeitos de *excesso* têm a virtude de ser preferível ao *nada*. Ou melhor, possibilita a escolha dos prémios a que pode interessar concorrer. Enquanto... não os havendo... tudo é impossível.

— Creio que temos prémios literários em quantidade excessiva. Uma grande parte, sem projecção nacional, premeia concorrentes de pouco valor. Claro, os nomes da literatura ou as revelações não vão mandar os livros a concursos que se limitam á projecção de cidade ou província onde são outorgados.

— Mesmo assim com a «limitação» são prémios que têm pelo menos o valor da intenção.

Conversamos com um jovem escritor: Armando Lopez Salinas.

— Mais ainda, servem de estímulo.

Aqui, o nosso interlocutor reconhece que a quantidade excessiva de prémios acaba por ser aceitável.

E, diz-nos:

— São muitos prémios literários, é verdade mas não podemos esquecer que constituem uma possibilidade de revelação para aqueles neo-escritores que não sendo fonte segura de um bom negócio editorial estariam ainda ignorados.

Armando Salinas declarando-se contra o «excesso de prémios literários» mostrou o seu desejo de que exista uma maior expressão nacional para esses prémios. Valiosos ou não mas que sejam autênticos. Depois acabou por reconhecer que os novos precisam de incentivo.

O ambiente que rodeia esta entrevista não é calmo. Está longe do sentido normal de sossego e quase inteira quietude.

Conversamos nas «Cuevas Sesamo». Há de mistura com musica va-

(Continua na ultima página)

«Mulheres», de Pepi Sanchez

Vai ser publicado
um ensaio sobre a obra *de Fernando Namora*

Mário Dias Ramos e Dórdio Guimarães preparam um livro acerca da obra de Fernando Namora. Não quisemos deixar de ouvir numa breve entrevista os dois jovens poetas que vão dedicar a um dos nossos mais destacados escritores um estudo interpretativo e documental da sua obra.

Fomos encontrá-los na casa editora onde trabalham e fizemos a primeira pergunta a Mário Dias Ramos.

— A que se deve a ideia dum ensaio sobre Fernando Namora e qual a editora que o lançará?

— Bom: deve-se a um simples plano estabelecido entre mim e Dórdio Guimarães. Pensamos que estava chegada a hora de se estabelecer paralelos, de se fazer um balanço aos tão discutidos escritores neo-realistas. Dois nomes surgiram a prender a nossa atenção. Por isso propusemos a uma editora de Lisboa a realização de um livro biobibliográfico sobre Manuel da Fonseca, integrado na sua colecção «A Obra e o Homem». O outro projecto era a realização de um outro livro que apresentasse as coordenadas principais da obra romanesca de Fernando Namora. O primeiro — muito embora permaneçamos atentos á sua realização — ficou para segundo plano, dado, até agora, — e já vão decorridos alguns meses — não termos recebido qualquer resposta dessa editora. Quanto ao segundo e àquele que, intrinsecamente, nos traz maiores responsabilidades, começámos já a sua preparação. Trata-se de uma obra que tem de ser muito pensada, bem equacionada, uma vez que a personalidade literária do autor de «Fogo na Noite Escura» se apresenta como uma das mais vincadas — talvez a mais definida — do movimento neo-realista. Fernando Namora, o prosador por excelência, o escritor vibrátil e profundo observador da vida e dos homens, chegou, parece-me, a um dos pontos mais culminantes da sua carreira de ficcionista. Traduzidas para vários idiomas, as suas obras atingiram uma escala universal e, entre nós, contam-se por milhares os leitores que lhe dedicam a sua admiração. Aqui tem, em poucas palavras, o que pretendemos fazer. Quanto á casa que poderá editar o nosso trabalho, isso é ainda uma incógnita. Primeiro teremos de acabar o livro — e essa é a nossa tarefa mais urgente.

Não quisemos deixar de ouvir, em seguida, Dórdio Guimarães.

— Em que plano situa a obra de Fernando Namora, nos ultimos 30 anos de literatura portuguesa?

— Revelou-se bem cedo, Fernando Namora, como um expressionista do neo-realismo. Através dele, exprimiu os mais vitais problemas do homem moderno, a urgência de permanecer, a inquietação social, o paroxismo e a crise do divisionismo, a solidão, o absurdo do negativismo humano, a falência dos valores mais reais perante a instabilidade da razão. A fase inicial de «As Minas de San Francisco» já revelavam profundamente e com visão segura o processo que se iria desenvolver. Integrando-se num movimento a que nunca se aliou como discípulo, teceu e construiu uma obra de firme validade que, embora longe de definitiva, já afirmou uma personalidade e uma presença marcante no romance contemporaneo português. Assim... mas isso será precisamente o livro que nos propomos escrever. Por considerarmos o caso Fernando Namora um dos momentos mais altos do nosso romance actual, e por conseguinte um dos mais sólidos representantes dos ultimos trinta anos de ficção nacional, dedicamos com o mais sincero interesse a nossa atenção sobre ele. É um trabalho a que ele tem inteiro merecimento.

A nossa entrevista estava no final. Mário Dias Ramos e Dórdio Guimarães voltavam ao seu trabalho e nós colhiamos a notícia que desejávamos obter como confirmação de uma obra que se impunha no panorama literário português.

ALFREDO CARDOSO

Os autores do novo livro conversam com o nosso colaborador

Andrés Eloy Blanco
— o caso de um poeta popular

Há aproximadamente um ano ou, antes, a partir do dia 21 de Maio, começou a surgir na correspondência aérea expedida da Venezuela algo insólito: os selos traziam uma efígie desconhecida cujo nome — Andrés Eloy Blanco — aparecia acrescentado pela legenda «Poeta de América» e umas datas limite: 1896-1955. Quem viu em Portugal tais selos deve ter ficado assaz perplexo, por dois motivos: o primeiro porque não estamos acostumados a ver poetas modernos glorificados pelos lauréis filatélicos, e depois porque o nosso canhestro conhecimento das literaturas sul-americanas, principalmente as do idioma hispanico, é deficientíssimo e até, em certos casos, indecoroso. Continuamos muito voltados para a Europa, atraídos pelo magnetismo de Paris, seduzidos e cegos pelo esplendor da civilização europeia, incapacitados de relancear a vista pelos mais jovens povos latinos do novo continente. Como se explicará o facto de só agora ter começado a circular entre nós, traduzido, um Rómulo Gallegos, sério candidato ao prémio Nobel do ano passado e o maior novelista sul-americano vivo?

Para debelar no possível aquela perplexidade e também com o fito de assinalar a passagem do 6.º aniversário da morte de Eloy Blanco, tentarei traçar uma apresentação sumária do poeta que a Venezuela lembra nas suas franquias postais. Não se trata de um «poeta nacional», quer dizer, oficial, de um país, ou precisamente de um poeta popular. A poesia de Andrés Eloy Blanco move-se de preferência entre dois polos: o amor e a morte. Poesia de circunstancia (no prefácio a um livro A. E. B. confessou haver sido um poeta de concursos e jogos florais), limitou-se a colher a «flor del instante» de Darío.

Surgido em 1921 com «Tierras que me Oyeron», o poeta venezuelano enquadra-se na conhecida Geração de 1918, junto com José Tadeo Arreaza Calatrava, Alfredo Arvelo Larriva, Jacinto Fombona Pachano e Fernando Paz Castillo, geração que impôs o Modernismo naquele país e pugnou por uma revalorização estética dos valores humanos autóctones, em prejuízo da influência francesa até então preponderante. Disse atrás que não se tratava precisamente de um poeta popular, mas a verdade é que a sua poesia adquiriu uma popularidade evidente. Andrés Eloy falava a linguagem do povo, incarnava, por assim dizer, a alma do povo venezuelano num transe difícil da vida nacional,

(Continua na página seguinte)

John Galsworthy
um dos maiores romancistas e dramaturgos ingleses

por A. C. WARD
(escritor e antigo director da Imprensa da Universidade de Oxford)

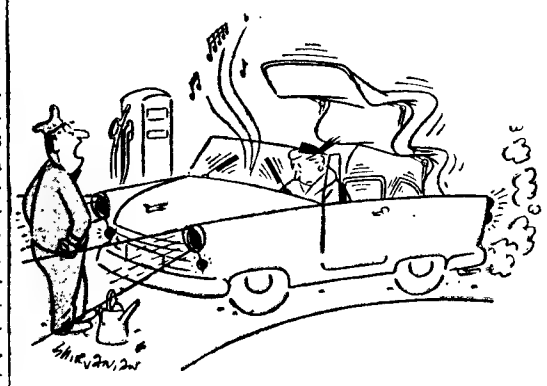
No princípio do presente século, John Galsworthy firmara-se entre os quatro maiores escritores, em cujas mãos estava o futuro do romance tradicional inglês. Os outros três — H. G. Hells, Arnold Bennett e Joseph Conrad (polaco de nascimento, mas um mestre autodidacta da língua inglesa) — conseguiram alcançar nos meados do século, a categoria de clássicos. A deplorável fecundidade de Wells deu cabo do seu talento, razão por que não deixou mais do que uma mão-cheia de livros de mérito perdurável. Bennett escreveu sómente um grande romance — «The Old Wives Tales». Quanto a Galsworthy, tendo alcançado popularidade muitíssimo maior do que poderia sequer sonhar a princípio, porém, já mesmo antes da sua morte, ocorrida em 1933, sofria da inconstancia da opinião crítica e da moda intelectual. Que, porém, o leitor comum permaneceu, de um modo geral, fiel a Galsworthy, é prova a continuada venda do seu romance multiplo, «The Forsyte Saga», que, não obstante não ser presentemente do gosto dos críticos da novíssima geração, constitui uma perdurável contribuição para a li-

(Continua na página central)

pequeno MAGAZINE

Primeiros vidros

Os primeiros vidros que se empregaram nas janelas das igrejas eram pequenos e redondos. Estavam unidos por meio de pedaços de chumbo. Sobre eles pintavam-se cenas da vida de Jesus, da Virgem e dos Santos. Mas os vitrais, próprimente ditos, só apareceram no século XII.



—Para abrir o «capot» é o terceiro botão a partir da esquerda.

A ORDEM DO TEMPLO

No século XII, alguns cavaleiros, levados pela sua fé cristã, criaram uma Ordem, cujo fim era assegurar a passagem pelos caminhos que conduziam á Terra Santa e expor, se necessário fosse, a sua vida em defesa do Cristianismo. A Ordem do Templo — assim se chamava — já não existe.

MATERIAL PRECIOSO

O rádio é dificílimo de encontrar: São precisas 50 mil toneladas de pedra e terra para obter, ao fim de longos meses de tratamento, 2 gramas e meio de rádio. Mas a verdade é que um só grama vale uma fortuna.

Um poeta popular

(Continuação da página anterior)

com o seu romanticismo algo decadente e sentimentalão (a nossos olhos), o seu amor heróico á liberdade e á democracia, o seu permanente bom humor polvilhado de ironia fresca. A sua poesia resulta sempre bastante assimilável para o povo que não gosta de promover esforços aturados de compreensão e ama versos epigramáticos, os trocadilhos, as metáforas sentimentais. Juan Bimba, personagem mítica que simbolizou o povo na sua permanente dor e luta, sua esperança e dignidade, animava-se exaltadamente daquela humanidade então comprometida pela ditadura gomecista e entoava hinos á esperança de redenção:

«Compañeros de la tierra donde
[haya hambre en el mundo,
vengan los hombres con hambre
que la novia de Juan Bimba tiene
[las manos de pan.
Compañeros de la tierra donde haya
[sed en el mundo,
vengan los hombres con sed
que la novia de Juan Bimba tiene
[un río entre las manos.
Companeros.
alque se le acabe el fuego tome el
[camino del sol.
Andando se va a la casa de la novia
[de los pueblos.»

Um poema—«Angelitos Negros»—, que não é o melhor de sua lavra, percorreu vários países depois de ter sido musicado; e este pormenor dá o módulo da popularidade que atingiu. Possuía em alto grau uma facilidade excepcional de versejar. Porém, se um grande numero de suas poesias nasceram com o pretexto de autografar albuns, as poesias do livro «Barco de Piedra», por exemplo, nasceram do seu errar por vários cárceres políticos quando a esperança seria para ele uma razão de sobrevivência. Bastantes composições tiveram a pena do fogo e por isso Andrés Eloy Blanco escreveu: «Queimar um poema é tão desalmado, tão inutil e tão mesquinho, como matar um menino. Se o poema é bom, mata-se um menino bom. Se o poema é mau, mata-se um menino mau. Os meninos maus não se matam Tornam-se a escrever»

Uma sentimentalidade á flor dos versos, mas que não era superficial, arvorou o poeta em reu dos «malos pasos de señoritas con empleados de oficina». Mas a técnica da sua poética, embora singela e espontanea, é firme. Nota-se, certamente, a facilidade de versejar. Mas se Eloy Blanco pôde algum dia figurar como poeta popular, tal facto não se deve atribuir a motivos intrínsecos da sua poesia; os motivos foram externos a ela, estiveram na contextura do momento histórico que a Venezuela viveu A sua popularidade resultou, por isso de uma coincidência de poeta e publico; aquele deu, no preciso momento, a poesia viva que este anelava. Poeta popular então? Não. Melhor, poeta popularizado.

De qualquer modo, a preocupação de melhorar a técnica do seu verso manteve-o em permanente insatisfação. No livro «Baedeker 2000» Eloy Blanco esboçou uma tentativa de novo estilo poético que denominou «colombismo», ao qual, mais tarde, dedicaria um volume de ensaios — «Introdução ao Colombismo» — que chegou, pelo menos, a anunciar. Em «Poda», no excelente «Canto a Espanha», em «Giraluna», ou em «A un Año de tu Luz» (elegias á mãe morta) e «Canto a los hijos» (espécie de testamento espiritual), o alto nível estético da sua poesia surge-nos sempre multiforme e convincente. Era um poeta medular, autêntico, que jamais esquecera o augurio do mexicano José Juan Tabalada que, quando ele se doutorou na Universidade Central de Caracas, lhe disse: «Já tem você um escudo para a vida. Que esse escudo não pese muito sobre o coração!»

Bardo ao bom modo, Andrés Eloy Blanco situou-se perto de um povo com fome de justiça, de pão e de luzes. Dele fez o compatriota Gonzalo Alvarez o seguinte juizo, em 1955, quando desapareceu: «Foi um grande poeta elegíaco, o nosso maior poeta elegíaco, muito superior ao já clássico José Antonio Maitín» E Mariano Picón-Salas, outro escritor venezuelano, também disse: «Ele foi o ultimo rapsodo errante, nesta época em que a poesia se transformou em negócio críptico, de gentes que continuavam a saber sintaxe, mas olvidaram o coração». E Rómulo Gallegos: «Admirável, admirável só Andrés Eloy Blanco, bem construído por dentro, (dotado de) luminosa claridade interior» E Alfonso Reyes: «Poeta autêntico que parecia, em sua doçura e limpeza, uma acusação vivente contra todas as violências e as injustiças do Mundo. Nítido e bravo, de fino aço e de fina têmpera».

Foi este o poeta e o homem que na noite de 21 de Maio de 1955 morreu num estupido acidente de viação ocorrido á saída de um teatro mexicano, deixando inacabado, no seu exílio, o «Canto a América» que um jornalista do México, Luís Manuel Peñalver, qualificou de «inconclusa sinfonia». Ele já escrevera, clarividentemente: A' pátria «el hijo grande se le muere afuera».

ARSENIO MOTA

Prosseguiram os trabalhos das Jornadas Teológicas ontem iniciadas no Colégio de Pio XII

Prosseguiram, hoje, os trabalhos das Jornadas Teológicas, ontem iniciadas no Colégio de Pio XII, e que decorrem com grande interesse, dada a importancia dos assuntos apresentados. O dia foi ocupado, também, por três sessões de estudo, a que presidiu o sr. arcebispo-bispo de Coimbra.

A primeira sessão começou ás 10 e 30, tendo usado da palavra o rev.º dr. António Ferreira Marques, professor do Seminário de Vizeu, que dissertou sobre «Os Problemas de Eclesiologia».

O orador começou por fazer notar que o eclesiólogo deve ter em conta o homem concreto do seu tempo, sob pena de cair num monólogo estéril.

O movimento de renovação eclesiológica mergulha as suas raízes no romantismo alemão, introduzido na Teologia. Seu grande inspirador foi o teólogo de Tubinga, J. A. Moehler, que influenciou notávelmente alguns dos mais célebres professores romanos. O pouco favor encontrado no Concílio do Vaticano pela concepção da Igreja como Corpo Místico de Cristo afrouxou o movimento. Este veio, porém, a reactivar-se após a primeira guerra mundial, contribuindo para isso vários factores.

Depois do almoço prosseguiram os trabalhos da tarde, com a segunda sessão do dia, que foi preenchida pela dissertação do rev.º dr. Vitorino de Sousa Alves, professor da Faculdade de Filofosia de Braga, sobre «Os problemas do evolucionismo». Na terceira sessão, que principiará ás 18 horas, o rev. dr. Urbano Duarte, professor do Seminário de Coimbra, orientará um colóquio sobre «Os compêndios de teologia».

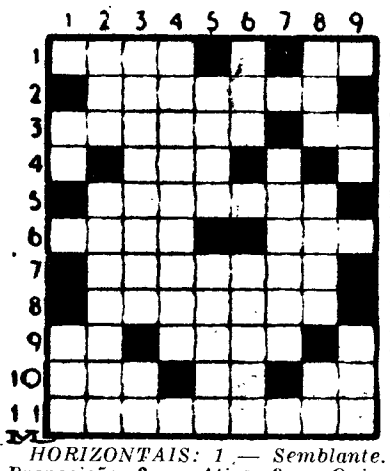
A conferência encerra-se amanhã, de tarde.

Máscara de bronze, do escultor Atila Mendly, que há anos reside em Portugal. Esta máscara, com três metros de altura, faz parte de um conjunto de baixos-relevos existente no teatro do Colégio Liceal de Benavente

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 2446



HORIZONTAIS: 1 — Semblante. Preposição. 2 — Atira. 3 — Quintal anexo á residência de um pároco. Grito de dor. 4 — Doçura. 5 — Mortalha. 6 — Castiguei. Mil e sessenta em romano. 7 — Rio ou pequeno canal navegável, no Brasil. 8 — Cora. 9 — Nota de musica. Agastamento. 10 — Partida. Símbolo químico do alumínio. Ofereça. 11 — Pancadas nas canelas.

VERTICAIS: 1 — Nome de letra grega. Textualmente. 2 — Rio da Itália, afluente do Pó. Homicida de si próprio. 3 — Rezingo. Prefixo de privação. 4 — Cercara. 5 — Conversa. Ramificação. 6 — Bilis. Incita a morder. 7 — Jactancioso. 8 — Conceder. Líquido gorduroso. Preposição e artigo. 9 — Frequentar. Imaginas.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 2445

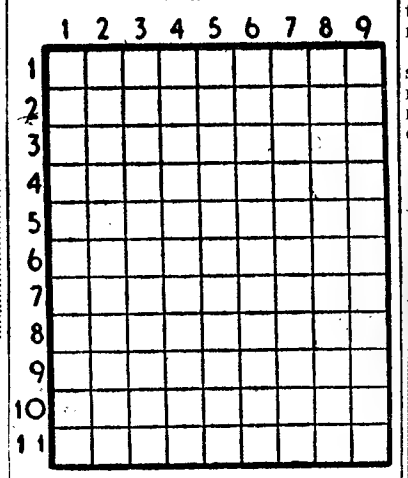
HORIZONTAIS: 1 — Ocas. LOBO. 2 — Sarem. Ir. 3 — Remata. 4 — Ad. Passa. 5 — Pó. Ranca. 6 — Está. Tara. 7 — Óleo. Cr. 8 — COM. Coi. 9 — Idas. FOME. 10 — Sei. Tomas. 11 — Ia. Azes.

VERTICAIS: 1 — Os. Apelais. 2 — CARDOS. Dei. 3 — Are. Tocaia. 4 — Sem. Ralos. 5 — Mapa. Em. Tá. 6 — Tanto. Foz. 7 — Asca. COME. 8 — Bi. Sarcomas. 9 — Orla. Aries.

(Provérbio: LOBO COM FOME CARDOS COME).

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 4492



HORIZONTAIS: 1 — Avistam. Lago de Itália. 2 — Partir. Apelido do autor de «O crime do padre Amaro». Símbolo químico do ouro. 3 — Peso antigo equivalente a 459 gramas. 4 — Nome de homem. 5 — Pedras de lagar. Recusa. 6 — Antes de Cristo. Pronome pessoal. Graceja. 7 — Capital do Tonquim. 8 — Molusco gastrópode de concha em espiral. 9 — Apelido. Protela. 10 — Viração. Rente. 11 — Pronome demonstrativo (pl.).

VERTICAIS: 1 — Observei. Certas. Pátria. 2 — Data. Língua antigamente falada ao Sul do Loire. Atmosfera. 3 — Chefe etíope. Cidade e porto de França. 4 — Simples. Diversas. 5 — Cidade de Angola. 6 — Pesquisa. Esmurrara. 7 — Cavaleiro Carlos de Beaumont que se fazia passar por mulher. Cobres de iodo. 8 — Assim que. Parecença. Rio de Portugal. 9 — Alternativa. O pico mais alto da serra de Monchique. Preposição e artigo (pl.).

Solução do problema n.º 4491

HORIZONTAIS: 1 — Notívago. 2 — Aires. 3 — Rs. Ais. Pé. 4 — Mal. Mas. 5 — Aias. Réus. 6 — Ramal. 7 — Avô. Sr.ª. 8 — Ana. Ova. 9 — Ró. Tui. Os. 10 — Atra. Doca. 11 — Lá. Loa. A's.

VERTICAIS: 1 — Normal. Aral. 2 — Saí Anota. 3 — Cá. Larva. 4 — Tia. São. Tal. 5 — Iris. Tu. 6 — Vês. Rás. Ida. 7 — A's. Melro. 8 — Pau. Avoca. 9 — Odessa Asas.

A CAMÉLIA

A camélia é oriunda da China e deve o seu nome ao padre Camelli, jesuita, que, em 1739, a enviou para a Europa.

QUEM CANTA seu mal espanta...

Os teus peitos são dois ninhos
Muito brancos, muito novos,
Meus beijos os passarinhos
Mortinhos por pôrem ovos.

ANTÓNIO NOBRE

DIZ QUEM SABE

O hipócrita é o mais atrevido dos pecadores, pois peca contra Deus e com Deus, que toma como instrumento para pecar.

*** Se o diabo alguma vez se ri, deve ser dos hipócritas, que servem-no bem e não recebem salário.**

HENRY BILLINGS

*** O pecado não é tão pecaminoso como a hipocrisia...**

MADAME DE MAINTENON

ALIMENTO DIÁRIO

O arroz procede da Ásia, em especial da China. Foi trazido pelos árabes para a Europa. Nos países asiáticos é alimento quotidiano, isto é, de todos os dias, para as classes pobres.

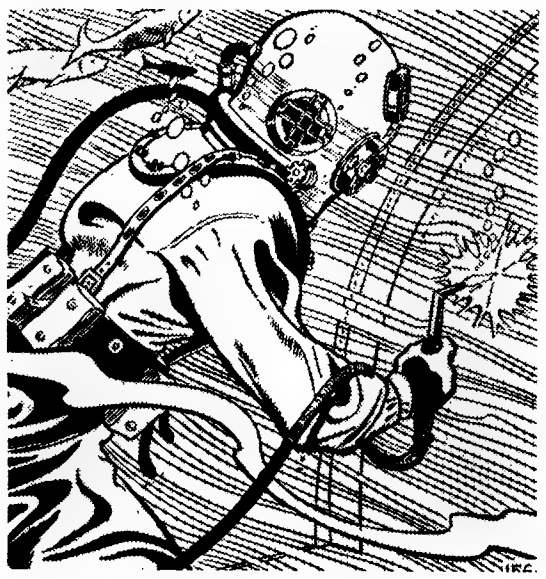
VIDA RELIGIOSA

O 13.º aniversário da morte do padre Cruz

Passando no próximo dia 1 de Outubro o décimo terceiro aniversário da morte do popular e querido padre Cruz, será celebrada missa, ás 9 horas na capela do cemitério de Benfica, estando durante o dia aberto o jazigo onde repousam os seus restos mortais.

Drama em profundidade

por WILLIAM VANCE



Folhetim semanal do

Diario de Lisboa

15

RESUMO DOS CAPÍTULOS ANTERIORES — Clint Lisbon procurava refazer a sua vida como mergulhador, após estar preso. Foi procurado por um indivíduo chamado Buckner, que lhe propôs um trabalho aparentemente desonesto. Lisbon recusou em princípio, mas acabou por aceitar. Tratava-se de mergulhar no local onde caíra um avião e retirar de lá uma bolsa de lona. Logo no primeiro mergulho, Clint localizou o avião e verificou que a tarefa ia ser difícil.

CAPÍTULO IV

Clint Lisbon subiu, e permaneceu boiando ao lado do casco do navio, enquanto Olaf lhe removia o lastro. Uma vez despojado do colete de chumbo, subiu fácilmente e, num momento, Olaf tinha-lhe tirado o capacete e os sapatos de chumbo.

— Então? — perguntou Charles Buckner.

— O avião jaz no fundo, de lado, mesmo sob o navio. — Parou de falar quando Olaf lhe meteu na mão um torrão de mel. Chupou o torrão, observando atentamente Buckner que, após dar umas passadas pela coberta, veio parar á sua frente.

— Pode lá voltar agora? — perguntou. — Pode trazer hoje a bolsa?

— A maré começou agora a subir — respondeu Clint — e é perigoso descer agora. Talvez dentro de duas horas. Talvez as minhas mãos já não estejam tão entorpecidas. — Meteu o torrão todo na boca e ergueu as mãos azuladas e engelhadas, mostrando ainda as marcas dos elásticos nos pulsos peludos.

Buckner praguejou, virou-se bruscamente e afastou-se.

— Aquele tipo tem alguma encasquetada no bestunto, não te parece, Clint? — perguntou Olaf.

— Parece. Ajuda-me a despir o fato.

Depois de tirar o fato térmico, encaminhou-se para o beliche. Ouvindo o mar rugir nos recifes, envolveu-se no robe e deitou-se no catre. Sentia-se cansado. Muito mais do que um mergulho de trinta ou quarenta minutos a sessenta braças o cansaria.

17

Olaf empurrou a porta e entrou.

— Não estou a gostar disto, Clint.

— Que queres dizer, Olaf? — perguntou Clint. Sabia muito bem o que o maquinista queria dizer, mas sentia-se impotente e queria ver o que pensava Olaf daquilo tudo.

— Enquanto estavas lá em baixo, Curt Slacker veio cá a bordo numa canoa automóvel. Esteve muito tempo a conversar com Buckner. Slacker está metido nisto, Clint, podes ter a certeza.

Lisbon acenou a cabeça. Não se sentia surpreendido. Curt Slacker, de uma forma ou doutra, sempre se atravessaria na sua vida para o resto dos seus dias. Suspirou profundamente. Só havia uma coisa a fazer — retardar a coisa o mais tempo possível. Mas teria de prevenir as autoridades. Tinham de ser prevenidas antes de fazer segundo mergulho. Uma coisa parecia certa: Buckner tencionava que o segundo mergulho fosse o ultimo da carreira de Lisbon.

— Ouviste falar no desaparecimento de algum avião, Olaf?

— Ouvi. Um avião da Alaska World Airlines. Ouvi a notícia pela rádio. Um quadrimotor. O avião fora fretado pela Força Aérea, Clint. O aparelho comunicou com uma estação — Sandspit, julgo eu — e depois disso deixou de dar notícias.

Clint permaneceu de cabeça baixa. Era o mesmo. Sabia agora que era o AWA desaparecido e pensou no que poderia conter a bolsa de lona, tão cobiçada por Buckner. Ergueu-se, atou o cordão do robe em torno da cintura e disse:

— Vou á cabina de comando, Olaf. Vê se entretens o Buckner. Mantem-no longe da cabina. Compreendido?

Olaf acenou a cabeça.

O maquinista abriu a porta e parou. Do outro lado estava Buckner. Empunhava uma pistola que apontava orã para um ora para outro.

18

— Retire-se Olaf — disse Buckner.

Olaf olhou para Lisbon e o mergulhador acenou a cabeça, engolindo em seco. Uma palavra sua e Olaf carregaria sobre o outro, armado e tudo.

— Obedece, Olaf — disse Clint.

Olaf soltou um grunhido e começou a afastar-se.

— Espere aí! — ordenou Buckner, e havia na sua voz a nota de um homem pronto a matar. Olaf parou.

— Escute, Clint — disse Buckner lentamente. Você vai acabar o trabalho, ou acabá-lo-á Curt Slacker. Com a diferença de que você não chegará a sabê-lo Deixe-se de parvoíces! Agarre a bolsa, receba os cinco mil dólares e esqueça o resto.

— Já lhe disse que faria o trabalho — respondeu Lisbon, acenando a cabeça.

— Ouve-o, Olaf? — perguntou Buckner, e Olaf soltou um grunhido.

Buckner estendeu a mão para a chave da porta de Clint, tirou-a da fechadura e deu um passo atrás.

— Agora, vá descansar, camarada. Logo que a maré esteja cheia, você mergulha e trás-me a bolsa. Nada de espertezas, hã? — Fechou a porta e Clint ouviu o girar da chave.

Tornou a deitar-se no catre, esforçando-se por relaxar os musculos, pensando que, de uma maneira ou de outra, a partida estava perdida. Só podia fazer o jogo de Buckner e rezar por uma oportunidade.

Lá fora, acima do rugir do mar, rugiu um poderoso motor; provàvelmente o da canoa automóvel em que Curt Slacker viera, enquanto ele estava lá no fundo. O pensar em Slacker quase lhe deu volta ao estômago e, por momentos, sentiu-se tomado de uma cólera impotente. Continuou deitado no catre, a tremer convulsivamente. Um homem só pode beber até uma certa medida. E perguntou a si próprio se não estaria já saturado. Procurava em vão uma resposta quando uma voz chamou baixinho:

19

— Mr. Lisbon!

Clint rolou sobre a barriga e deparou com uma cabeça despenteada, que emergia por baixo do catre. Era Eddie Trimble.

Clint enterrou a cabeça no travesseiro.

— Oh, não! — gemeu com amargura e tornou a levantar os olhos. Não era sonho. Eddie Trimble, a nadar num «pulover» de gola alta, olhava-o gravemente.

— Eu ouvi o que ele disse, Mr. Lisbon.

Clint sentou-se.

— E sabes o que eles fazem de ti se te encontram?

Eddie acenou solenemente a cabeça.

— Mandam-me desta para melhor — declarou.

— Justamente! Mandam-te desta para melhor! Que fazes tu a bordo?

— Quero ser mergulhador. Escondi-me e pensei...

— Escuta — disse Clint, com desespero. — Percebes alguma coisa de rádio?

— Decerto Se até um dia construi um. Uma galena...

Mas Clint abanou a cabeça.

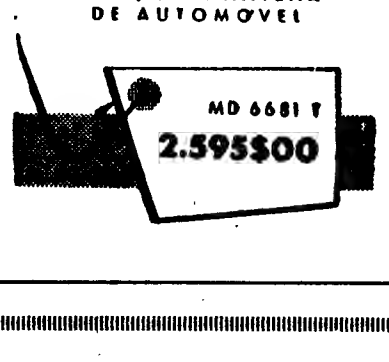
— Refiro-me a um transmissor radiofónico. Ouve com atenção, Eddie... — Agarrou um lápis e uma folha de papel, fez uns rápidos desenhos e mostrou a Eddie os interruptores e as bandas de frequência do rádio de bordo. Depois, industriou o rapaz sobre quem devia chamar e o que devia dizer.

— Tenho de fazer outro mergulho e vou lá ficar em baixo o mais tempo possível. Depois que eu tiver descido e logo que te seja possível, vai á ponte de comando e começa a manobrar o rádio. O natural é que estejam todos interessados no que eu vou trazer para cima e que não sejas notado. Mas se fores... — Calou-se e olhou para Eddie.

(Continua)

PORTATIL DE ALTO RENDIMENTO COM 3 GAMAS DE ONDA

ALVEOLO PARA LIGAÇÃO A ANTENA DE AUTOMOVEL



O serviço ferroviário de «FIM-DE-SEMANA»

é económico e repousante

Em qualquer estação do ano as estações ferroviárias estão ás ordens de V. Ex.ª para lhe venderem bilhete de «fim-de-semana», pois durante o ano há 48 «fins-de-semana» e o direito de repousar conquista-se pelo trabalho, que é uma instituição universal do ano inteiro.

Mas V. Ex.ª só pode descansar na descontracção

Descontracção significa ausência de preocupações, musculos lassos sob o domínio de um espírito tranquilo que não receia os caminhos pelos quais se meteu.

Os Caminhos de Ferro podem assegurar-lhe essa tranquilidade com a maior economia.

Compre bilhete de «fim-de-semana» desde as 17 horas de sexta-feira até ás 12 horas de domingo (se a sexta-feira for dia de feriado oficial, pode adquiri-lo desde as 17 horas da quinta-feira anterior) e regresse desde as 12 horas de domingo até ás 24 horas da segunda-feira seguinte (se a segunda-feira for dia de feriado oficial, pode regressar até ás 12 horas de terça-feira seguinte).

Os preços dos bilhetes, **por passageiro e quilómetro** de ida e volta, são os seguintes:

Em 1.ª classe, $73,6; em 2.ª classe, $64; em 3.ª classe, $48.

Estes preços, de ida e volta, de base quilométrica constante, multiplicam-se pelo numero de quilómetros do percurso simples para o qual se adquira bilhete.

A sua modicidade pode ser verificada nos exemplos seguintes:

Lisboa, (T. P.) — Barreiro, em 1.ª classe: 7$50 e em 3.ª: 5$00; a Setubal: 29$00 — 19$00; a Beja: 121$00 — 79$00; a Evora: 93$50 — 61$00; a Faro: 219$00 — 143$50; a Coimbra: 162$00 — 106$00; ao Porto (S. Bento): 250$50 — 163$50. De Porto (S. Bento) a Braga: 42$00 — 27$50; a Viana do Castelo: 63$00 — 41$00.

Um bilhete de ida e volta a preço tão baixo abre a V. Ex.ª o caminho repousante para um «FIM-DE-SEMANA» sem problemas!

Vá utilize todas as semanas este serviço C. P.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre de absoluta necessidade, em praxes protocolares, para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto.

ANIBAL - Gravador

Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA

A casa que melhor trabalha

PARA PROTEGER A VELHICE

HYPERSEX

COMPLEXO FOSFO-GLANDULAR HIPERTÓNICO

Esgotamentos nervosos, inapetência e astenias da idade senil, etc.

Propaganda (grátis) da *FAL* — Apartado 2.142 — LISBOA

FACULDADES E INSTITUTOS

REPETIDORES UNIVERSITÁRIOS

Licenciados em Matemáticas e Físico-Químicas

LIÇÕES INDIVIDUAIS E EM PEQUENOS GRUPOS

MATEMÁTICAS GERAIS, GEOMETRIA DESCRITIVA, CÁLCULO INFINITESIMAL, FÍSICA GERAL, QUÍMICA GERAL, FÍSICA E QUÍMICA MÉDICAS, ETC.

ADMISSÃO ÀS UNIVERSIDADES

Rua do Conde de Redondo, 56, 3.º, Dt.º **Telefone 736380**

SURDEZ?

Experimente os modernos aparelhos auditivos unicos no Mundo garantidos por 3 anos.

BONOCHORD

Peça folhetos grátis

MICRO-SOM, LDA.

LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.º

PORTO: Praça da Batalha, 3-4

A vida e a obra de John Galsworthy

(Continuação da 17.ª página)

teratura e história social do século XX.

Como dramaturgo, a fama de Galsworthy, durante muitos anos, era apenas inferior á de Bernard Shaw. Porém, temos aqui também que registar uma diminuição de interesse pelas suas peças, não obstante não acreditarmos que no futuro se deixará de reconhecer que, pelo menos duas delas — «The Strife» e «The Skin Game» — com excepção das de Shaw, não têm rival entre as obras contemporaneas de teatro.

Será, assim, Galsworthy vítima inocente do preconceito crítico e do menosprezo da nossa época?

Inocente é com certeza, mas talvez nem sempre completamente irresponsável.

John Galsworthy, cujos pais eram da média burguesia, nasceu no condado de Surrey em 1863. Frequentou uma das melhores «public schools» da Inglaterra e da Harrow, transitando depois para uma das mais antigas e famosas universidades, Oxford. Seu pai era solicitador e Galsworthy foi educado de forma a seguir a carreira de jurista, mas em vez disso, dedicou-se ás letras e publicou em 1897 um volume de contos, sob um pseudónimo — John Sinjohn — com o qual lançou os seus seguintes livros de ficção. O seu primeiro sucesso chegou em 1906, com a publicação, já com o seu nome verdadeiro, do romance «The Man of Property» e com a representação da sua peça de teatro «The Silver Box». «The Man of Property», não obstante nenhuma indicação haver disso, veio a ser o primeiro duma série de romances e contos, coligidos num unico volume em 1922, sob o título de «The Forsyte Saga», série que mais tarde, em 1929, ficou concluída com três outros romances agrupados sob o título de «A Modern Comedy».

Entretanto, Galsworthy continuara a escrever peças, apresentadas com grande êxito nos teatros de Londres. Uma delas — «Justice» — apresentada em 1910, originou o abrandamento das condições prisionais na Inglaterra, porque (dizia-se), tendo Winston Churchill, então ministro do Interior e portanto responsável pelas cadeias, assistido a uma representação, se deixara comover pela apresentação feita por Galsworthy da desumanidade da prisão maior celular. Já numa peça anterior, «Strife» (1909), Galsworthy demonstrara a futilidade do antagonismo entre patrões e empregados, apresentando-os numa longa greve numa fábrica metalurgica do País de Gales — greve que terminou com prejuízo para ambas as partes.

Mas porque a recente perda de favor de Galsworthy entre os críticos se deve, principalmente, a uma qualidade especial (que alguns consideram de defeito) do seu temperamento, vamos limitar os nossos comentários a duas das suas obras, que ilustram esta característica.

O factor primordial da formação mental e emotiva de Galsworthy foi a sua preocupação pelos deserdados da fortuna — não apenas pelos que trabalhavam demasiado e eram mal pagos, mas também por todos aqueles que, pertencendo a um nível social diferente, eram privados dos privilégios da liberdade individual nas suas relações pessoais.

A acção do «Forsyte Saga», como foi originàriamente concebida, gira á volta do desejo do «proprietário» Soames Forsyte, de estabelecer uma tirania, correspondente á posse absoluta, da sua jovem esposa Irene, e por ele considerada como sua propriedade humana. A atracção emotiva sentida por ela a outro homem conquistou as simpatias de Glasworthy, apesar do constante esforço do autor de apresentar as pessoas e os problemas com imparcialidade. Aqui, como sempre, o desapaixonado intelecto de Galsworthy entrava em luta contra as suas emoções tendenciosas, agravando-se o conflito á medida que os personagens da família Forsyte iam entrando pelos anos adentro, ao mesmo tempo que o equilíbrio emotivo do seu criador pairava ao alto. As mudanças sociais e éticas resultantes da Primeira Grande Guerra produziram uma geração nova, com padrões de comportamento ódiosos á alma sensitiva e ao espírito aristocrático de Galsworthy.

Por contraste, portanto, o outro ra desprezível Soames passou agora a parecer quase admirável, colocado entre a nova geração do pós-guerra — mal podendo nós fugir á impressão de que Galsworthy abandonara as suas antigas convicções.

A verdade é que Galsworthy não tinha um temperamento suficientemente forte a ponto de aceitar, com imparcialidade, as realidades duras e por vezes brutais que sustentam um exame meramente teórico dos problemas de justiça social. Tendo estabelecido para si um elevado padrão de refinamento e de gentileza, não podia suportar as pessoas falhas destas qualidades. Quando surgiu a geração do pós-guerra (de 1914-18), conspícuamente grosseira e malcriada, Galsworthy ficou profundamente chocado e por isso regressou aos padrões das eras vitoriana e eduardiana, representados pelos Forsytes mais velhos, que por mais gananciosos e opressivos que fossem, ao menos eram cavalheiros.

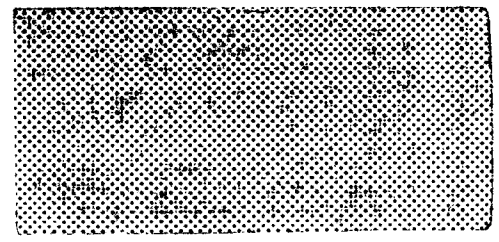
Na sua peça «The Skin Game» (1920), surge a mesma dificuldade O ex-oprimido Hornblower conseguiu alcançar posição e poder através de riquezas adquiridas subitamente, ao passo que os ex-ricos Hillcrists cairam em maus tempos. O oprimido ganhou os seus «direitos», mas é agressivamente desrespeitador dos direitos dos outros. Por outro lado, os Hillcrists perderam os seus privilégios, mas conservaram os seus padrões éticos e as suas maneiras corteses de pessoas bem nascidas.

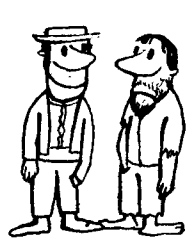
Galsworthy era, em si, um dilema. Os oprimidos que ele há tanto defendera e idealizara, revelaram-se ser pessoas que chocavam a sua delicada sensibilidade, ao passo que as que ele considerava de «exploradores» dos pobres e caídos em desgraça eram — tanto no nascimento, como na educação e comportamento — os unicos que tornavam o mundo tolerável para a sua maneira de ser.

A sua sensibilidade estética acha-se reflectida na lucidez e clarividência (embora também em certa forma de preciosismo) do seu estilo de prosa. E porque o seu dilema pessoal, apanhado como foi entre dois mundos, era o de toda uma geração, os seus livros irão certamente, na altura oportuna, reconquistar a atenção séria, não só como notáveis obras literárias, mas também como documentos reveladores duma sociedade em transição, se não em dissolução.

A SEMANA DE PARIS

por FREDERICO MENDES





Jean-Luc Godard, «meteur-en-scène» N. V., autor de «About de Souffle» e «Une femme est une femme», foi entrevistado pelo «L'Express». Revelou:

«Há um snobismo do «meteur-en-scène». O «meteur-en-scène» é bem visto nos salões, enquanto que antes era considerado como um operário. Antes da guerra tipos como Duvivier e Carné eram artesãos Não eram considerados como Proust e Malraux, mesmo se o valessem.

Hoje entrevistam os «meteurs-en-scène», consideram-os, nos salões! Eu sei-o!».

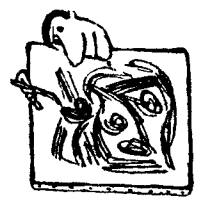
E, ultima das revelações...

«Aluguei um «chalet» na praia a uma dama. Disse ela:

— «*Ah, «meteur-en-scène»!...*» — Ela tão bem como banqueiro».

Ah! é bom, é grande, é magnífico ser «meteur-en-scène», ser N. V., ser Godard!

* * *



Uma mulher, filha de um célebre pintor austríaco, que foi mulher de um musico — Malher, depois a amante de um pintor — Kokoschka, depois mulher de um arquitecto — Walter Gropius, e depois mulher em terceiras nupcias de um escritor da Alemanha pré-nazi — Frank Werkel... e que conviveu com Richard Strauss, com Schönberg, e que estudou musica, filosofia e religião... e amou... uff!...

...Essa mulher... escreveu um livro!

Um livro de memórias — «A minha vida». Literàriamente mediocre, mas nem por isso menos fascinante... A vida fantástica de uma mulher extremamente bela contada pela protagonista (até onde possível). Enfim. Um livro de férias.

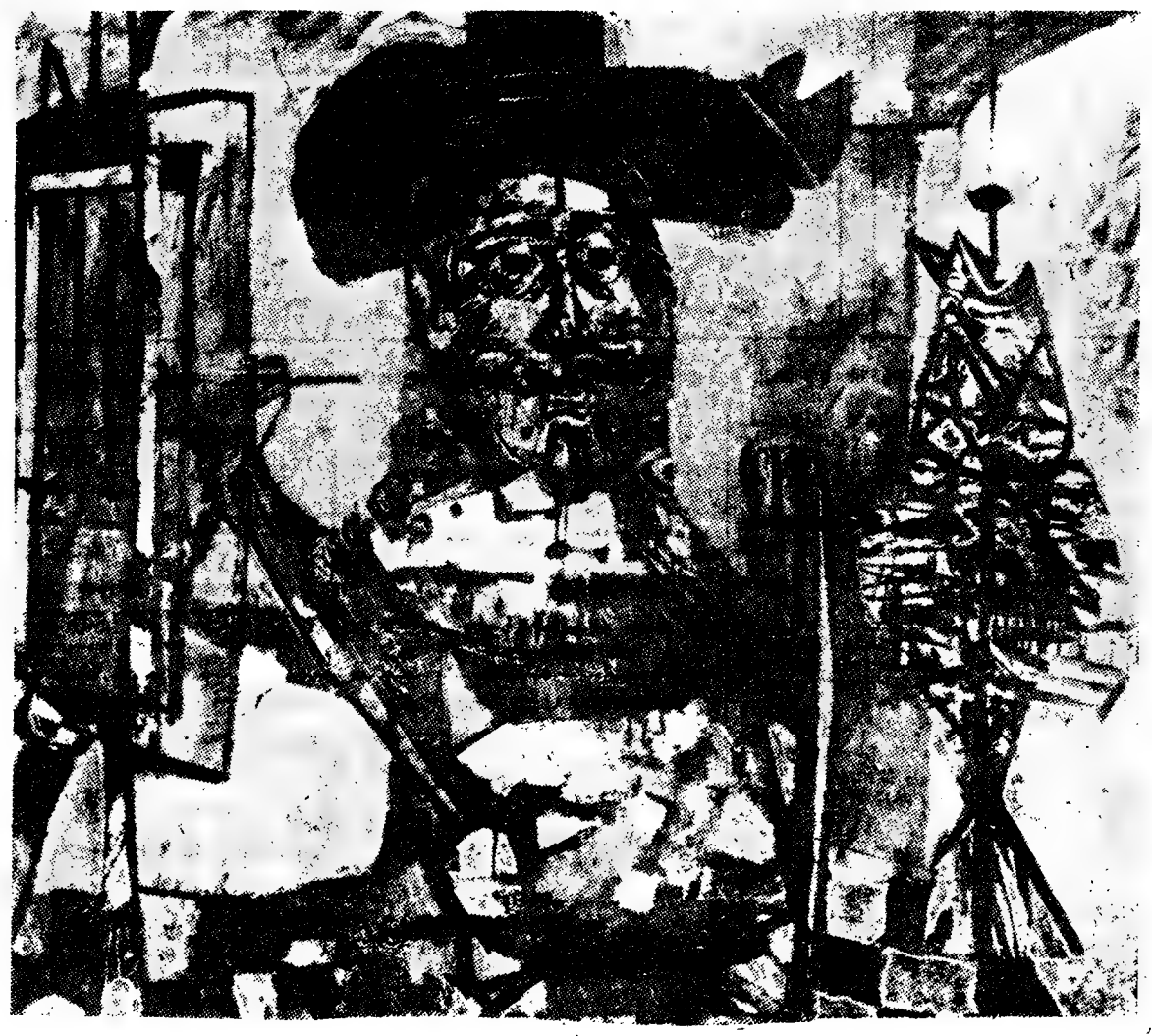
☆ ☆ ☆

Em casa de Gonçalo Duarte, um dos jovens pintores portugueses que aqui vivem.

Falamos de pintura e dos seus quadros. Conheço as suas experiências de há longo tempo, os monstros dos primeiros anos, a sua purificação *posterior entrando decididamente pelo abstraccionismo dentro.*

Mostra-me agora o que tem feito e que é fusão dos dois tipos das suas experiências anteriores, uma repre-

(Continua na página seguinte)



Uma das obras mais significativas de António Clave

INTE

Texto de ARSÉNIO MOTA

O homem teve um pensamento inusitado depois de lavar as mãos, quando se dirigia para a mesa onde o esperavam a sopa fumegante, o peixe, a carne, a fruta; retrogradou, dirigiu-se ao escritório, empunhou nervosamente a caneta e escreveu em caracteres bem negros de tinta da china: «Todos os homens devem sentir remorsos quando vão para a mesa». Releu o que escrevera, meditou-o e encheu-se de satisfação. Eis uma grande verdade uma verdade humaníssima, franjada de poesia para pregar aos homens de ventre farto! Podia escrever um artigo sobre aquele tema.

O homem dava pelo nome de Redondo Saraiva, era chefe de uma conservatória do Registo Civil e alimentava veleidades de escritor. Ao lado da secretária, na parede do fundo, uma mancha policroma emoldurada em cristal e ouro ardia suavemente em tons neutros, cerúleos e róseos. O exterior estava ali representado por um jardim, um repuxo e um pedaço de céu estilizado rodeando a nudez barroca das estátuas meditativas convidando ao alheamento. Do exterior recebia-se uns tantos centímetros quadrados de tons coados, estèticamente aproveitáveis devido ao equilíbrio perfeito dos tons e dos volumes conjugados com os elementos da decoração geral da moradia.

O homem contemplou, de olhos atentos, a paisagem de planos tão habilidosamente dispostos e no seguimento da subita inspiração rasgou outra do bloco e escreveu: «Nós principiámos a domar a Natureza e a exercer um domínio sobre a realidade no dia em que decorámos com paisagens e outras criações de arte as nossas casas». Pressentiu que a ideia não fora bem explicita e anotou: «Quer dizer, a arte da decoração, tão esplendorosamente florescida na Renascença Italiana, evidencia o primeiro impulso histórico de esteticizar a natureza do mundo visual, de reduzir as evidências ao Mito e tanto marca o predomínio da inteligência, fruto da civilização, sobre a desordem irracional, indisciplinada, do Mundo». Releu o que escrevera, meditou-o e encheu-se novamente de satisfação. O que mais lhe agradava era fazer pensar os outros, parecer um autor penetrante e desassombrado, capaz de escandalo. Estava num dia *sim*.

Da sala de jantar o bater das colheres nos pratos chamava-o. «O remorso de comer com regularidade!» pensou. Grande frase! Eis um tópico capaz de lhe dar impulso para um ensaio onde poderia meter umas citaçõezinhas, se quisesse! O seu humanismo surgiria a plena luz. Mas decididamente estava com apetite

A sopa. Televisão na sopa. A televisão obriga a recordar aquele documentário curioso visto no ultimo domingo no cinema, que mostrou o povo polinésio e alguns dos seus costumes. O povo polinésio, á semelhança de outros, subsistia ainda hoje no estado do mais genuino primitivismo. Suas reacções individuais e comportamento social forneciam originalíssima matéria para o estudo do homem no seu *habitat* primário, natural, incontaminado de toda a civilização. Os antropologistas, os sociólogos, os folcloristas e os psicólogos dispunham na Polinésia de um acervo riquíssimo de estudos a fazer! «A evolução do homem!...» — lembrou, confundido, com o peixe nos dentes. Quando saísse da mesa correria outra vez ao escritório para anotar o pensamento seguinte: «A civilização enriquece a multiplicidade de dons do homem: o homem de ontem não era tão evoluído e cerebral quão o de hoje ou o de amanhã. A humanidade é efectivamente como um só homem que, através dos anos, vai caminhando e aprendendo, segundo pretendeu Pascal. Uma parte sedimentada das experiências humanas são transmissíveis de geração para geração, pela via da hereditariedade, porque se o não fossem, o homem não teria melhorado as percepções de inteligência, sensibilidade e consciência». Apesar de não ser inédito, registaria, ta to. Importav antigos, dand novos. Se de café o seu re gum porme traição íntim traição á Cul pois do café na sala de entumescida. manápulas su

A carne. «Aquela locut estupenda!» - Era uma pe fosse tragável como um bif estava duro, depois de lim ponta do gua verdadeirame

«E' engraça está no Mund leza não será congénito das zer que nem mas são mesm cas nunca tiv rapaz jamais delas! Os bióls os reinos ani ral provêm d produtor, ou mum de vida tigo de divulg formos ao hip animado de

de nós um p logo ao que cionismo de I quem recebeu ou fonte com verdade que, biólogos já fa nos laboratór riológicos, as tificiais obtid diferentes re que os mesm os meteóritos cósmico, os p Vida, esse m O que fará n belas ou feia

De repente cada de mal no corpo espe a ir longe de samentos. Ass homens nesta vez os bióls sediciosos; ta que por sinal não costumav se nenhum c resultado de versão das c de vigiar a não aceites c nuar firme e Miguel Ângel coberto das Mundo. O me e harmoniza discordancias com uma fra bou. Depois d «A Beleza de toque da véri blime Criador de Deus».

...sos contos

...TERIOR

... MOTA

Ilustração de LUÍS JARDIM

...samento ...as mãos, ...mesa on... ...egante, o ...retrogra..., empu... ...eta e es... ...a negros ...s os ho... ...os quan... ...u o que ...ncheu-se ...nde ver... ...aníssima. ...egar aos ...Podia es... ...quele te...

...e de Re... ...de uma ...Civil e ...escritor. ...parede ...olícroma ...ro ardia ...ros. ce... ...r estava ...jardim, ...céu es... ...barroca ...onvidan... ...erior re... ...tímetros ..., estéti... ...vido ao ...s e dos ...os ele... ...da mo...

...le olhos ...anos tão ...e no se... ...ção ras... ...screveu:! ...r a Na... ...ínio so... ...que de... ...outras ...casas». ...ão fora ...Quer di... ...tão es... ...na Re... ...a o pri... ...de este... ...undo vi... ...ncias ao ...edomínio ...civiliza... ...racional. ...Releu o ...encheu... ...o. O que ...r pensar ...or pene... ...capaz de ...a *sim.* ...r das co... ...o. «O re... ...aridade!» ...um tó... ...also para ...a meter ...sesse! O ...a plena ...ava com

...pa. A te... ...quele do... ...o ultimo ...mostrou ...dos seus ...á seme... ...ia ainda ...uino pri... ...indivi... ...cial for... ...éria para ...*habitat* ...inado de ...opologis... ...oristas e ...a Poliné... ...no de es... ...o do ho... ...nfundido, ...Quando ...utra vez ...o pensa... ...ação en... ...dons do ...tem não ...l quão o ...A huma... ...omo um ...anos, vai ...segundo ...rte sedi... ...humanas ...ção para ...ditariedade... ...o homem ...ercepções ...e e cons... ...inédito,

registaria, também este pensamento. Importava repetir os conceitos antigos, dando-lhes, porém, um ar de novos. Se deixasse para depois do café o seu registo, talvez esquecesse algum pormenor, e isso seria uma traição íntima a ele mesmo, uma traição á Cultura do seu país! Depois do café amodorrava na poltrona da sala de visitas com a barriga entumescida, o peito oprimido, as manápulas sudorosas.

A carne. Televisão na carne. «Aquela locutora tinha uma figura estupenda!» — ouviu dizer a filha. Era uma pena que a Beleza não fosse tragável, comestível em suma, como um bife... Aliás, o seu bife estava duro. Reclamaria á criada, depois de limpar os lábios naquela ponta do guardanapo que persistia verdadeiramente imaculada.

«E' engraçado ver como a Beleza está no Mundo!» — pensou. A Beleza não será, talvez, um atributo congénito das criaturas. Basta dizer que nem todas são belas, algumas são mesmo feias. A Tó e a Quicas nunca tiveram beleza. Se fosse rapaz jamais casaria com qualquer delas! Os biólogos insistem em que os reinos animal, vegetal e mineral provêm dum vírus unico, reprodutor, ou seja, duma fonte comum de vida. Leu-o em certo artigo de divulgação científica. Mas se formos ao hipotético primeiro vírus animado de Vida, teremos diante

de nós um problema angular, análogo ao que propuseram ao evolucionismo de Darwin: De que ou de quem recebeu esse vírus primário, ou fonte comum, o sopro vital? E' verdade que, segundo disseram, os biólogos já fabricam sintéticamente, nos laboratórios, em caldos bacteriológicos, as primeiras células artificiais obtidas pela combinação de diferentes reagentes químicos, e que os mesmos insistiam em que os meteóritos podem ser, no espaço cósmico, os portadores da Vida. — Vida, esse mistério incognoscível! O que fará na origem as criaturas belas ou feias?».

De repente sentiu, com uma guinada de mal-estar penetrando-lhe no corpo espesso, que se aventurara a ir longe de mais com os seus pensamentos. Assim se perdiam muitos homens nesta época exigente! Talvez os biólogos fossem uns tipos sediciosos; talvez aquele artigo — que por sinal lera num jornal que não costumava ler — não merecesse nenhum crédito e fosse mesmo resultado de qualquer plano de subversão das consciências. Precisava de vigiar a infiltração das ideias não aceites oficialmente, de continuar firme e mudo na adoração de Miguel Ângelo, Rafael, Ticiano, a coberto das odiosas convulsões do Mundo. O melhor seria voltar atrás e harmonizar dialécticamente as discordancias perigosas e heréticas com uma frase conciliatória? Matutou. Depois disse para ele mesmo: «A Beleza deve mas é nascer do toque da varinha de condão do Sublime Criador. A Beleza é um sinal de Deus».

Respirou. Estava em maré de facundia e a excitação aumentava-lhe a voracidade. Serviu-se de mais batata frita e sorveu uns goles satisfeitos de vinho. O começo da vertigem que sentira esconjurara-o com aquela ultima ideia: «A Beleza deve nascer do toque da varinha de condão do Sublime Criador». Havia de ter animo para correr ao escritório, no fim do jantar. Oxalá se lembrasse de quanto pensara.

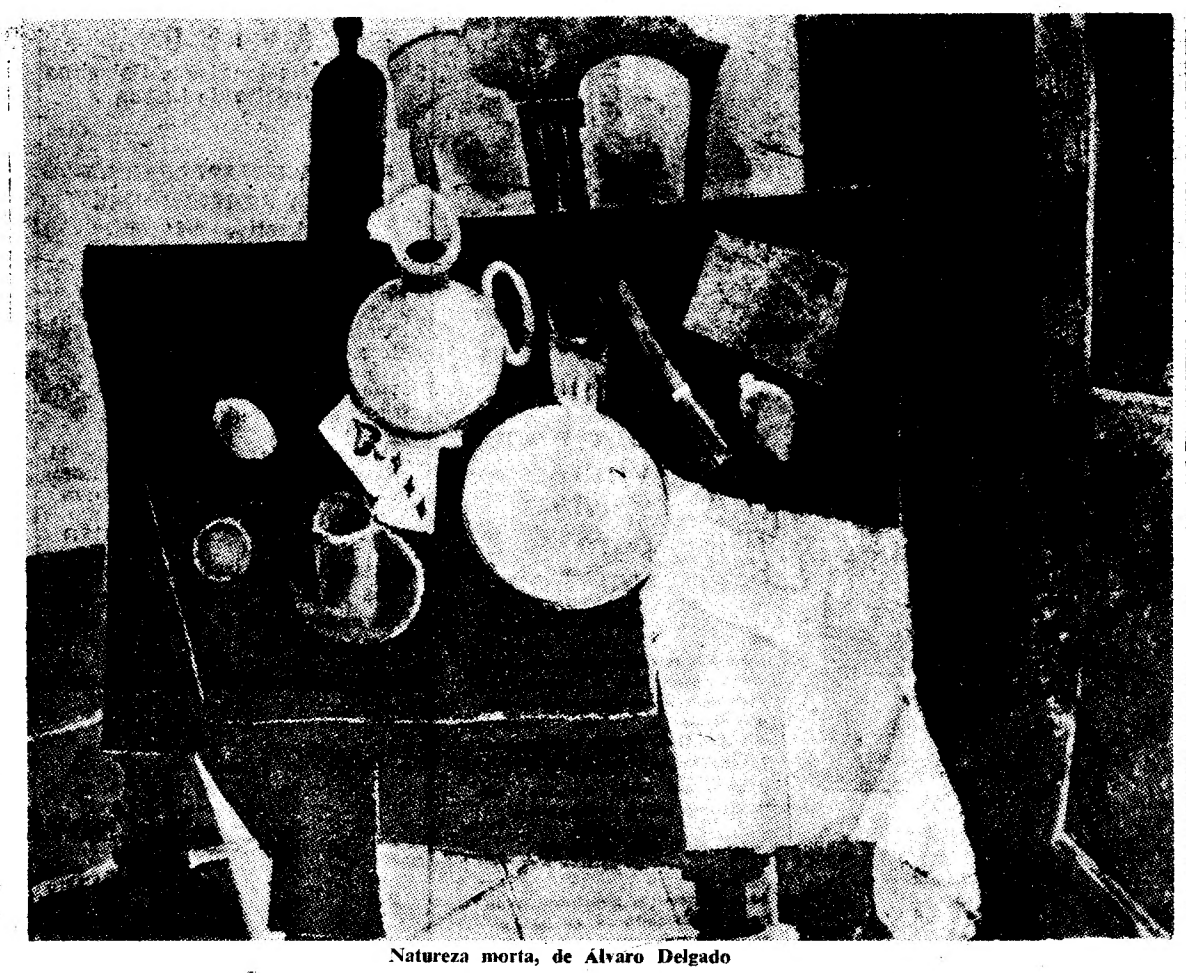
Fruta. Notícias de violências na fruta. O mundo exterior estremecia desde os alicerces, como um edifício velho sitiado por hordas bravias. Aqui e ali, dentro do edifício sitiado, flamejavam focos de incêndio. Avançariam as chamas hiantes por toda a superfície deste Mundo? A multidão que habitava o edifício era presa de inquietação. Muitos vultos saltavam durante a noite das ameias inacessíveis para o escuro e aliavam-se ás hordas vampirescas. Outro tanto já ele mesmo desejara fazer, mas falhava-lhe a coragem. Do outro lado estava-se mais cómodamente, pois se estava com o futuro. O Mundo de hoje retalhava-se de problemas decisivos. Ah, seria tão bom ter vivido na Renascença ou numa época medieval!

O mal-estar regressou com uma sensação de impotência, um alarme visceral advertindo do perigo — o ignoto perigo dos dias de hoje. O perigo de comer excessivamente. O café bebido em cima do vinho fora-lhe sempre desaconselhado pelo médico. Aumentava a tensão arterial, dava-lhe cabo do coração. Porque bebera café logo em cima de vinho? Tacteou o ventre galhardo e sentiu-o rígido, ameaçado por conjuras subterraneas. Pressentimentos? O instinto de conservação é o mais visceral dos instintos humanos. Lembrou-se dum fragmento de diálogo lido algures: «Crês em Deus?» «Se Vida é Deus, eu creio em Deus».

O que era a Vida, afinal? O que ele, Redondo Saraiva, admitia em casa nos quadros, nas gravuras, no globo terrestre da estante, na gaiola do canário, através da televisão, dos jornais, dos livros, das cortinas de cassa e dos reposteiros? O que ele pensava em certos momentos de lucidez solitária, ou de fraqueza? O que fazia no trabalho dos dias uteis com a consciência gritando-lhe a sua inutilidade? Enfim, o que era a Vida? Seria essa visão dantesca e ameaçadora que se erguia do Mundo de hoje, como fantasma de condenado inocente, sequioso de vinganças, de charcos de sangue, de represálias bárbaras? Ah, poder regressar á Idade Média e vivê-la serenamente, devagar, á sombra benfazeja da paz e da solidez dos valores imutáveis, respeitado pelo povo que veria nele um homem justo, talvez um sábio...

Extraiu o palito da boca. A maçã que comera era verde e ácida como cornos do diabo. Poderia ter optado por bananas. Agora era tarde, tarde...

ARSÉNIO MOTA



Natureza morta, de Álvaro Delgado

PUBLICAÇÕES

«BOLETIM» DO S. N. I.

Recebemos o n.º 1 do «Boletim» editado pela direcção dos Serviços de Turismo do S. N. I., destinado a divulgação, informação e esclarecimento, e que é muito bem apresentado. Na capa, traz uma bela gravura de Sintra e na contra-capa uma da Pousada de Obidos.

Insere: «Duas palavras» do dr. César Moreira Baptista; «Equipamento turístico — a planificação»; «Um problema do nosso turismo: o excursionismo»; «Orgãos locais de turismo»; «Recepção turística — Agências e Postos de informação»; «Serviço de Reclamações»; «Motivos de atracção turística»; «O serviço de assistência aos estabelecimentos hoteleiros e similares»; e «Os congressos internacionais na actualidade».

BOLETIM DA EMBAIXADA DE MARROCOS

O ultimo numero do «Boletim de Informação» publicado pela Embaixada do Reino de Marrocos em Portugal, insere trabalhos, de interesse, como estes: :Marrocos a caminho da instituição de uma monarquia constitucional»; «Texto do «dahir» sobre a lei fundamental»; «Sua Majestade Hassan II anunciou a supressão do «Tertil» (imposto rural)»; «Mobilização da população marroquina para o desenvolvimento rural». Traz também informações sobre o «Servico Civil Nacional» e actualidades de política, cultura e desportos de Marrocos.

ESFINGE

Como um anjo da guarda bacharel
Em Freud e Teologia, ela me assiste.
Não sei se me acompanha, se vigia
A perdição do meu olhar tão triste.

Não durmo sem a ver à cabeceira,
Na penumbra das luzes apagadas.
Se acordo ou sonho, está ao pé de mim,
Senhora das pupilas invioladas.

Tão muda que não pede uma palavra,
Mata nas almas toda a confissão.
Se é carne, porque tem essa frieza?
Se é pedra, porque fere o coração?

Só o diabo, só Deus espreita as almas.
E eu temo o olhar da esfinge tão calada.
Vejo-a, ela me vê, tão face a face
Que o seu gelo me deixa a alma gelada.

Não responde sequer, se a esconjuro.
Nem pestaneja, se lhe rezo aflito.
Olha, fita-se em mim, vara-me todo
Quando o pavor que infunde a sós medito.

A esfinge não me perde com o olhar
No deserto que sempre me acompanha.
Por me seguir, parece familiar.
Por se calar, parece tão estranha.

Mal a distingo na confusa bruma,
Mas vejo que não há outra mais bela.
É bela, porque é filha do silêncio.
E pelo olhar que nunca se faz nela.

Anjo ignorado, de asas incolores,
Em vão procuro ao menos descobri-la.
Persigo-a, pois sou tanto perseguido,
Mas sei que jámais hei-de possuí-la.

São já rivais os olhos dela e os meus.
Parece que nasceram inimigos.
Pertencem-se uns aos outros fatalmente
Com a gula dos cães e dos mendigos.

Agora, tanto espero a esfinge escura,
Em busca do segredo que não deu;
Tanto me espera ela e me procura
Que não sei se ela é espinge, se sou eu.

DINIS DA LUZ

um bom vinho verde para um bom serviço...

para um serviço requintado, com vinhos escolhidos e acompanhar cada prato, o «maitre» recomenda-lhe
VINHOS VERDES DA GARRAFEIRA **MOURA BASTO**
e para um «hors d'œuvre» ou para o peixe, o magnífico
ADAMADO
Colheita especial

para os serviços populares, onde haja necessidade de um bom vinho verde, o «mestre» indica-lhe
CASAL DA DEVEZA
branco e tinto e agora o insuperável ROSÉ, em garrafas de litro a preços populares.

Em qualquer circunstância e para qualquer refeição, prefira os famosos vinhos das
CAVES MOURA BASTO — AMARANTE
sempre mais qualidade em qualquer tipo

ÚNICO AGENTE DISTRIBUIDOR NO PAÍS:
J. CÂNDIDO DA SILVA
Av. Almirante Reis, 238 — Telefone 727643 — LISBOA
Rua de S. Luiz, 12 a 18—Telefones: 22602 27202 34585 34658—PORTO

AVISO

Sindicato Nacional dos Caixeiros do Distrito de Lisboa

Avenida da República, 29 — Lisboa

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO PROFISSIONAL
Ano Lectivo 1961/1962

Avisam-se os Filiados deste Organismo que as matrículas para as aulas da Escola de Aperfeiçoamento Profissional encerram impreterìvelmente na próxima 2.ª-feira.

Horário das matrículas na Secretaria:

Todos os dias úteis das 9 às 11, das 14 às 17 e das 21 às 22 horas
No sábado, das 9 às 11 horas

A DIRECÇÃO

Em Agueda, o «Diário de Lisboa» encontra-se á venda na agência Raul Conde.

A SEMANA DE PARIS

(Continuação da página anterior)

sentação nova, «abstracta», dos seus monstros iniciais, continuamente possuídos de um erotismo crispado e negro.

E' a pintura de natureza mais satanica que conheço entre os jovens pintores portugueses, e creio mesmo que é da pintura mais importante e fascinante que entre eles se manifesta.

☆ ☆ ☆

Falemos de cinema.

Foi editado um livro sobre a «Nouvelle Vague». Título: «Nouvelle Vague», Edition du Cerf, collection 7.e Art. Autor: Jacques Siclier.

Siclier fala-nos do histórico «putsch» que permitiu a alguns jovens cineastas-teóricos fazerem a prova real das suas belas teorias e de como, após os primeiros êxitos comerciais, encontraram lugar no sistema de produção habitual com larga liberdade de criação. Segue-se depois um catálogo dos novos realizadores e na ultima parte do livro o autor realiza... a «psicanálise» da N. V. diz(por exemplo:

«A N. V. não propõe senão filmes de indivíduos cuja abertura para a realidade de hoje é reduzida... O seu cinema está num impase. Perde pouco a pouco o benefício das suas conquistas económicas...».

E diz por fim:

«A N. V. desempenhou um papel determinante na transformação do cinema francês. Não depende senão dela, no presente, outra coisa mais do que o de uma serpente que morde a própria cauda».

NOVAS E COMPLETÍSSIMAS SECÇÕES NA
2 FARMÁCIA INTERNACIONAL

PERFUMARIA
Com as melhores marcas mundiais dos mais famosos produtos para a beleza feminina.

INFANTIL
Um novo mundo de ternura na arte de cuidar, alimentar e distrair o bebé.

O BEBÉ É REI
NA SECÇÃO INFANTIL DA
FARMÁCIA INTERNACIONAL
RUA DO OURO, 228 • LISBOA

Sociedade Hidro-Eléctrica do Revué

S. A. R. L.
Capital: 200 000 000$00
SEDE: Rua Joaquim António de Aguiar, N.º 45-2.º, Dt.º — Lisboa
DELEGAÇÃO: Vila Pery — Moçambique

SERVIÇO DE TÍTULOS
PAGAMENTO DE JUROS

Avisam-se os Senhores Obrigacionistas que os juros das obrigações que se vencem em 1 de Outubro deste ano serão pagos de acordo com os seguintes valores:

EMISSÃO DE 40.000 CONTOS/1956 — 5% — CUPÃO N.º 10
JURO LÍQUIDO

Obrigações averbadas a Caixas de Previdência	24$75
Obrigações ao Portador	20$25

EMISSÃO DE 35.000 CONTOS/1957 — 5% — CUPÃO N.º 9
JURO LÍQUIDO

Obrigações averbadas ao Governo Geral de Moçambique	25$00
Obrigações ao Portador	20$25

EMISSÃO DE 65.000 CONTOS/1959—1.ª e 2.ª Fase—5%—CUPÃO N.º 4
JURO LÍQUIDO

Obrigações averbadas ao Governo Geral de Moçambique	25$00
Obrigações ao Portador	22$50

O pagamento dos cupões referentes ás obrigações averbadas ao Governo Geral de Moçambique e Caixas de Previdência efectuar-se-á na Sede desta Sociedade o pagamento dos cupões relativos ás restantes obrigações efectuar-se-á, nas sedes ou dependências dos seguintes estabelecimentos de crédito:

BANCO TOTTA-ALIANÇA
BANCO BORGES & IRMÃO
BANCO BURNAY
BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
BANCO FONSECAS, SANTOS & VIANNA
BANCO LISBOA & AÇORES
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS, CRÉDITO E PREVIDÊNCIA
AUGUSTINE, REIS & CA.
PANCADA, MORAES & CA.
PINTO DE MAGALHÃES, LDA.

NOTA: A diferença do rendimento líquido que se nota com vantagem para as obrigações da emissão de 1959, corresponde á redução do imposto de aplicação de capitais concedido para esta emissão por despacho de Sua Excelência o Ministro das Finanças.

Lisboa, 26 de Setembro de 1961.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

CAMINHOS DE FERRO

UM BENEFÍCIO: transporte rápido de pequenos volumes a preço uniforme para qualquer distancia.

OUTRO BENEFÍCIO: podem ser sobrecarregados de reembolso.

Os preços de transporte, previstos na Tarifa Especial n.º 8/108 de G. V., são os seguintes:

Até 5 quilogramas, 3$50; 10, 7$50; 15, 10$50; 20, 14$00; 30, 20$00; 40, 26$00.

A taxa de reembolso é de 3$50 por cada 1000$00.

Quando a remessa, ao abrigo da Tarifa 8/108, for sobrecarregada de reembolso, o expedidor deverá apresentar o volume a despacho acompanhado de declaração de expedição (que é um contracto de transte), na qual indicará que deseja a aplicação da Tarifa 8/108.

Despache os pequenos volumes por caminho de ferro — e experimente o serviço que lhe oferece a Tarifa de Reembolsos.

FEIRA DE S. MIGUEL NA CIDADE ESPANHOLA DE CÁCERES

De 26 de Setembro a 1 de Outubro de 1961

A C. P., em combinação com a Rede Nacional dos Caminhos de Ferro Espanhois (RENFE), vende, nas estações de Abrantes, Crato, Elvas, Entroncamento, Lisboa (Santa Apolónia), Marvão-Beirã, Portalegre, Santarém, Tomar, Torre das Vargens, Tramagal e Vila Franca de Xira, bilhetes especiais de ida e volta, a preços reduzidos para a estação de Cáceres, por ocasião da feira de S. Miguel naquela cidade.

Validade dos bilhetes: á ida: de 21 de Setembro a 1 de Outubro; á volta: de 26 de Setembro a 6 de Outubro.

Peça informações e adquira o seu bilhete nas estações atrás referidas.

POLICLÍNICA DA RUA DO OURO

ENTRADA RUA DO CARMO, 98-2.º

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — As 18 horas.
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — As 18 horas.
Dr. Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — As 16 horas.
Dr. Romão Loft — Doenças nervosas, electroterapia — As 14 horas.
Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos — As 14 horas.
Dr. Mário Jacques — Fisioterapia — As 16 horas.
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações — As 15 horas.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas.
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — As 10 horas.
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — As 16 horas.
Prof. Dr. Aleu Saldanha — Raios X — As 16 horas.

"ITALIA"
SOCIETÀ DI NAVIGAZIONE

PARA:
AMÉRICA DO SUL

GIULIO CESARE	5 DE OUTUBRO	Rio de Janeiro Santos Montevideo Buenos Aires

OS AGENTES:

Em Lisboa:
AGÊNCIA MARÍTIMA TRANSATLÂNTICA, LDA.
Rua do Alecrim, 20-F, 1.
Telefone 27264

No Porto:
KENDALL, PINTO BASTO & C.ª, LDA.
Rua Nova da Alfandega, 12
Telefone 26146

O «DIARIO DE LISBOA», em Torres Novas, é vendido na TABACARIA CENTRAL e pelo conhecido vendedor sr. Costa Pereira.

BOLETIM DO DIA

HÁ TRINTA ANOS

Do «Diário de Lisboa» de 28 de Setembro de 1931, do artigo «A Raça» de João de Barros, se transcreve:

«Têm algo significado e são uma inteligentíssima demonstração de afecto, as festas comemorativas, realizadas além Atlantico, do quarto centenário da chegada da frota de Martin Afonso de Sousa ás terras que mais tarde pertenceriam ao Estado de S. Paulo, o mais rico, o mais culto, o mais adiantado do Brasil. O «Século» que trouxe um largo relato, carinhosissimo, desse acontecimento luso-brasileiro, acentuou bem, e com plena justiça, o seu valor e importancia, e a sinceridade, a cordialidade da intenção que a ele presidiu. E necessário é que o registem e louvem, sem a menor restrição, os portugueses todos, qualquer que seja o critério, a opinião, o partido que preconizarem a seguirem.»

PROGRAMAS DA RÁDIO

EMISSORA — *Programa A:* 451 m. — 655 kc./s — *Programa B:* 397 m. — 755 kc./s.

Programa A — Ás 17: A casa e o mundo; 17 e 30: Canconetas; 17 e 45: Orquestras ligeiras; 18: Noticiário; 18 e 10: Musica de dança; 19: O pianista Jean Pacques e conjunto; 19 e 10: Concerto pelo sexteto de cegos, dirigido pelo violinista Augusto Coelho; 19 e 30: Rádio Mocidade; 20: Musica de filmes; 20 e 30: Fala Portugal; 20 e 45: A nossa terra; 21: Noticiário — Varanda da Europa — Crónica de Angola; 21 e 40: O pianista Carmen Cavallaro e Orquestra de Domenico Savino; 21 e 45: Teatro das Comédias: «O Equivoco», de Ricardo Alberty; 22 e 17: O trompetista Roberto Rapetti e a sua orquestra; 22 e 30: Musica portuguesa; 22 e 45: 2.ª emissão do jornal sonoro; 22 e 55: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 23 e 5: O cravista Hubert Claveccin e conjunto; 23 e 15: Onde a terra se acaba e o mar começa; 23 e 35: Musica de dança; 23 e 45: Noticiário; 0: Encerramento.

Programa B — Ás 19: Intérpretes musicais; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Festival de Viena, 1961, Gravações cedidas pela Rádio Nacional Austriaca; 20 e 40: Árias, das óperas «Sonambola», «Trovador» e «La Fanciulla Del West»; 21: Noticiário; 21 e 30: Musica e poesia; 21 e 50: Recital, pelo cantor Francisco Loureiro Dinis, com a colaboração da harpista Esmeralda Alves. Programa inteiramente preenchido com composições de Frederico de Freitas; 22 e 10: «Ricercare», a seis partes, de Bach, pela Orquestra de Camara de Stuttgart, dirigida por Karl Munchinger; 22 e 20: Horizonte semanário de letras e artes; 22 e 50: Musica contemporanea: Cinco canções napolitanas, de Hans Werner Hanze, baritonos Fischer-Diskau; «Concerto para flauta e orquestra», de André Joviet, Fernand Dufren e Orquestra Nacional da Radiodifusão Francesa, dirigida pelo autor; «Sinfonia n.º 6», de Karl Amadeus Hartmann, e Orquestra Sinfónica da Rias, de Berlim, dirigida por Ferenc Fricsay; 23 e 45: Noticiário; 0: Encerramento.

RÁDIO CLUBE — Ás 17: Motivos portugueses; 17 e 30: Canconetas; 17 e 45: Noticiário; 19: Variedades; 19 e 45: Noticiário; 20 e 20: Solistas; 21 e 45: Curso de língua inglesa; 22: Hot Clube; 22 e 15: Canconetas; 22 e 30: Mensagem do soldado; 22 e 45: Artista; 23: «Asi és España»; 23 e 30: Ritmos de baile, da Cave; 23 e 45: Noticiário; 2 e 55: Noticiário; 3: Fecho.

EMISSOR DE MIRAMAR — Ás 17 e 32: Solistas; 17 e 45: Noticiário; 18: Solar da Herminia; 18 e 15: Ritmos de baile; 19 e 15: Imagens por musica; 19 e 35: Uma orquestra; 20: Noticiário, 20 e 15: Melodias; 20 e 30: Curso de língua inglesa; 21: Noticiário; 21 e 15: Motivos portugueses; 21 e 30: Paisagem intelectual; 22: Programa «jazz»; 22 e 30: Canconetas; 23 e 1: Rua Larga; 23 e 30: Programa do Pinguim; 23 e 45: Noticiário; 1 e 30: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA — Ás 18: Passatempo para o lar; 18 e 20: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 5: Migalhas doutrinais; 19 e 10: Programa eventual; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: Chuva de estrelas; 20: França, horizonte do Mundo; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Programa das nove; 21 e 30: Amadora em marcha; 22 e 30: Sinal verde; 23: A 23.ª hora; 1 e 50: Noticiário; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS — Das 14 e 30 ás 19 e 30: Rádio Graça; das 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; das 22 á 1: Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Ás 19 e 30, abertura; 19 e 32, «Telejornal» (edição da tarde); 19 e 50, episódio da série «O menino do circo»; 20 e 15, «A criança» (um programa do dir. Manuel João Farmhouse); 20 e 35, «Mantovani Show»; 21 e 5, «Temas Literários», encontro com o escritor Luís Cajão: «Montra Falada»; 21 e 30, «Telejornal» (edição da noite); 22 e 5, «Selecção Policial»; 22 e 40, «A hora Grundig (transmissão dos estudios do Porto); 23 e 5, «Futebol internacional: Belenenses - Hibernian» (comentários); 23 e 20, «Telejornal» (ultimas noticias).

HORAS DAS MARÉS

PREIA-MAR

Dia 28 — Ás 6 e 41 (4m,20); 19 e 1 (4m,13).

Dia 29 — Ás 7 e 21 (3m,99); 19 e 47 (3m,84).

Dia 30 — Ás 8 e 11 (3m,74); 19 e 43 (3m,55).

BAIXA-MAR

Dia 28 — Ás 12 e 18 (0m,92).

Dia 29 — Ás 0 e 38 (1m,11); 12 e 58 (1m,17).

Dia 30 — Ás 1 e 24 (1,39); 13 e 56 (1m,46).

CARTAZ DO DIA

TEATROS

MONUMENTAL — «Criada para todo serviço».
VARIEDADES — «Divorciados»
ABC — «O trunfo é espadas».
VARIEDADES — «Espanta o gato».

CINEMAS

TIVOLI — «Porgy e Bess».
S. LUIZ — «Espiões em acção».
S JORGE — «Um voto para John nie».
IMPERIO — «O sangue e a rosa».
EDEN — «O Mundo de noite».
ODEON — «Os melhores anos da nossa vida».
MONUMENTAL — «Spartacus».
ALVALADE — «Espiões em acção».
POLITEAMA — «A voz do desejo».
CONDES — «Uma parisiense»
ROMA — «Uma parisiense».
AVIS — «Louisa».
ROYAL — «Profissão perigosa».
OLIMPIA — «O invencivel Capitão Marvel».
IDEAL — Os bravos não voltam costas».
SALÃO LISBOA — «A seita do Dragão Vermelho».
ARCO-IRIS — «Furia das armas».
ESPLANADA PORTUGÁLIA — «Gangsters falhados».
PROMOTORA — «A bela de Vera Cruz».
RESTELO — «O escudo negro».
S. L. BENFICA — «Os homens morrem assim».

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO D

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)

AJUDA — **Mendes Gomes**, Calç. da Ajuda, 222 (638256).

ALCANTARA — **Ester Nogueira**, R. de Alcantara, 5-A (637563).

ALMIRANTE REIS — **Lusa**, Av. Almirante Reis, 199-A (41269) ✲ **Romano Baptista**, R. Passos Manuel, 6-10 (50593) ✲ **Magalhães**, Av. Almirante Reis, 4-D a 4-F (49479).

ALTO DO PINA — **Dalton**, Av. Mouzinho de Albuquerque, RSV (843571).

ALVALADE — **Libia**, Av. da Igreja, 4-B-C (711681) ✲ **Nova Iorque**, R. António Patricio, lote 347 da Av. dos Estados Unidos da América (760658).

AMOREIRAS — **Amoreiras**, Pr. das Aguas Livres, 8 (681515).

AREEIRO — **Marbel**, Av. de Roma, 131-A (776235) ✲ **Lusitana**, Av. de Roma, 18-A (725443) ✲ **Chinde**, R. Agostinho Lourenço, 6-B (710331).

AVENIDAS NOVAS — **Lungenit**, Av. da Republica, 55-A (772132) ✲ **Providência**, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (770324) ✲ **Sá da Bandeira**, Av. Duque de Avila, 203-B (41961) ✲ **Oliveira Viegas**, R. Viriato, 29-29-A (48966).

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Ascenso**, R. 27, n.º 41 (389216).

BAIXA — **Silva Carvalho**, R. dos Fanqueiros, 126 (26575).

BENFICA — **Vicente**, Est. de Benfica, 466-A, (782606) ✲ **Alegria**, Est. de Benfica, 180-A-B, (780511) ✲ **Progresso**, Rua A-da-Maia, 64-C (702226).

CAMINHOS DE FERRO — **Cruz** de Malta, L. Chafariz de Dentro, 36 (866126).

CAMÕES — **Andrade**, R. do Alecrim, 125 (23446).

CAMPO DE OURIQUE — **Maria Pia**, R. D. Maria Pia, 514 (687949) ✲ **Linaida**, R. Ferreira Borges, 30 (660955).

CAMPO DE SANTANA — **Peninsular**, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (53308).

CAMPOLIDE — **Ronil**, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (683438) ✲ **Salutar**, R. B, 75 (Bairro da Liberdade) (683694).

DE ST.ª APOLÓNIA AO BEATO — **Madre de Deus**, R. da Margem, 15-B (382470) ✲ **Banha**, Est. de Chelas, 173-175 (382241).

ESTEFANIA — **Fonseca**, Largo de D. Estefania, 4-5 (54808).

ESTRELA E LAPA — **Alb.** R. de Santana, á Lapa, 156 (663562).

GRAÇA — **Almeida Dias**, L. da Graça, 38-A-39 (862909) ✲ **Higiénica**, R. Heliodoro Salgado, 20-A (844361).

LUMIAR — **Patuleia**, R. do Lumiar, 122 (790332) ✲ **Douro**, Al. Linhas de Torres, 93 (791131).

MADRAGOA — **Moderna**, R. Garcia de Orta, 24 (663117)

MARVILA — **Marvila**, R. Direita de Marvila, 25 (381612).

MOURARIA — **Ferrão**, R. da Mouraria, 12 (860464).

PALHAVÃ — **Canto**, Est. das Laraniciras, 202 (780841).

PEDROUÇOS — **Higilux**, R. de Pedrouços, 50-52 (610280).

PICHELEIRA — **Mariuz**, Calç. da Picheleira, 140-B-C (720703 - 728395).

REGO — **Berne**, Av. de Berne, 44-A, (773568).

S. BENTO — **Confiança**, Pr. das Flores, 59 (27901) ✲ **Valentim, Ld.ª**, R. Poço dos Negros, 88-90 (661353).

ST.º AMARO — **Botanica**, R. da Junqueira, 38-40 (638132).

ST.ª MARTA — **Luis de Magalhães, H.**, R. de Santa Marta, 15-A-B (46490).

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efect.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 % T. 10 ...	650$00	649$00	651$00
Cons. 3 % T. 10	700$00	700$00	701$00
Cons. 3 1/2 % T. 10 ...	810$0	809$00	811$00
Centenários 4 % 1940	1.950$00	1.945$00	1.950$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1942	—	1.007$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943	—	1.006$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944	—	1.010$00	—
Externo 1.ª série	—	1.050$00	1.120$00
Ext. 1.ª série car.	—	1.100$00	1.140$00
Externo 2.ª série	—	1.080$00	—
Ext. 2.ª série car.	—	1.080$00	—
Externo 3.ª série	—	1.385$00	1.390$00
Ext. 3.ª série car.	—	1.385$00	—
Caut. 3.ª série s/juro	—	207$00	—
Obrigações			
Aguas Lisboa 5 %	—	—	—
Norte de Portugal 5 %	—	101$50	—
Gás Elect. 3 3/4 % ...	905$00	—	910$00
Gás Elect. 4 %	—	—	918$00
Gás Elect. 4 1/2 % ...	—	907$00	—
Gás Effect. 5 %	974$00	972$00	976$00
U. E. P. 3 3/4 %	—	—	—
U. E. P. 4 % 1945	—	81$00	—
U. E. P. 4 % 1948	—	—	—
U. E. P. 4 1/2 %	—	87$00	—
U. E. P. 5 % 1951	90$00	89$50	—
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—
H. E. do Douro	—	925$00	935$00
H. E. da S. E. 3 1/2...	—	626$00	700$00
C. P. 4 1/2	990$00	985$00	—
Metropolitano	—	910$00	912$00
Acções			
Bancos			
Alentejo	—	—	—
Angola	—	—	1.600$00
Espirito Santo	—	—	—
Lisboa & Açores	—	1.500$00	1.850$00
Portugal	—	—	2.640$00
Ultramarino	1.240$00	1.235$00	1.245$00
Agricultura	53$00	52$50	53$50
Seguros			
Mundial	331$00	330$00	333$00
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
Soberana	—	1.300$00	—
C.as Ultramarinas			
Ag. Cassequel	—	—	700$00
Ag. das Neves	—	180$00	250$00
Agric. Colonial	—	165$00	—
Açucar de Angola	900$00	885$00	910$00
Boror	—	175$00	200$00
Cabinda	—	35$00	—
Cadá	—	1.100$00	1.200$00
Colonial do Buzi	90$50	90$00	91$00

C.as Ultramarinas	Efect.	Compra	Venda
Ilha do Principe	—	—	—
Incomati	—	1.120$00	1.200$00
Moçambique	—	43$00	47$00
Zambézia	80$50	80$50	—
Diamantes	—	376$00	380$00
Lobito	—	321$00	340$00
C.as Diversas			
Cimentos Tejo	—	—	700$00
Cimentos Leiria	—	—	—
Crédito Predial	—	55$50	55$80
Industrial Aliança	—	310$00	—
Portugal e Colónias ...	—	455$00	465$00
Nacional Navegação ...	—	—	—
Colonial Navegação ...	—	750$00	790$00
Port. de Celulose	—	—	—
Portuguesa de Pesca...	1.180$00	1.180$00	1.200$00
Port. de Tabacos	305$00	305$00	—
Tabacos de Portugal...	—	600$00	610$00
Aguas, Electricidade e Gás			
Águas Lisboa 1934	—	320$00	325$00
Águas Lisboa 1936	—	313$00	—
Elect. das Beiras	—	—	—
Gás e Electricidade ...	291$00	291$00	291$50
H. Alto Alentejo	—	160$00	161$00
H. E. Cávado	1.270$00	1.260$00	1.270$00
H. E. Zêzere	1.255$00	1.255$00	1.260$00
Nac. de Electricidade ..	1.255$00	1.245$00	1.255$00
União Eléctrica Port. ..	169$00	168$00	169$50
H. E. do Douro	—	1.160$00	—
H. E. Portuguesa	—	—	102$00
H. E. S. Estrela	—	—	—

PAÍSES	COMPRA	VENDA
África do Sul	37$00	39$00
Alemanha	7$05	7$30
América:		
Dólares de 1 e 2	28$20	28$70
Dólares de 5 a 1000	28$40	28$90
Argentina	$33	$36
Áustria	1$10	1$15
Bélgica	$56,5	$58,5
Brasil	$09	$10,5
Canadá	27$40	28$00
Congo Belga	$20	$25
Dinamarca	4$05	4$25
Espanha	$47	$48.5
França (N. Franco) ...	5$68	5$95
Holanda	7$80	8$10
Inglaterra	79$25	81$25
Itália	$04,57	$04,72
Inglaterra (Libra)	5$10	5$50
Marrocos	3$92	4$12
Noruega	5$40	5$70
Suécia	6$55	6$75
Suíça		
Ouro:	285$00	297$00
Portugal — Barra	33$60	34$60
Portugal — Barra fino	33$80	34$80

OBTENHA DAS SUAS ECONOMIAS O MELHOR RENDIMENTO APLICANDO-AS EM OPERAÇÕES DE CRÉDITO COM

GARANTIA REAL

através de

A FINANCIADORA

COMPANHIA NACIONAL DE CRÉDITO

S. A. R. L.

Sucursais no Porto e Coimbra

Sede: Avenida da Liberdade, 3-2.º — LISBOA

J. BURNAY, L.DA

RUA DO OURO, 72

Notas estrangeiras

TELEF. 21273

Papeis de crédito

Melhoramentos locais

Na freguesia de Maçãs de Caminho

ALVAIAZERE, 28 (Pelo telefone) — Com a assistência do sr. Olímpio Duarte Alves, governador civil de Leiria, do presidente da Junta Distrital, do director escolar, de todas as autoridades do concelho e doutras entidades será inaugurada, no próximo domingo, a luz electrica, nos lugares de Casais, Quinta de S. Gens, Valbom, Relvas, Maçãs do Caminho e Carvalhal da Igreja, da freguesia de Maçãs do Caminho, procedendo-se também á inauguração de um edifício escolar, na sede da referida freguesia.

No concelho de Oliveira do Bairro

OLIVEIRA DO BAIRRO, 28 (Pelo telefone) — Com a assistência do presidente da Camara e de outras entidades oficiais, foi inaugurado o abastecimento publico de água á freguesia de Mamarrosa, obra levada a efeito pela Camara deste concelho com a comparticipação do Estado.

Começaram os trabalhos de reparação a betuminoso da estrada que liga o lugar de Silveiro-ao limite da freguesia de Fermentelos (concelho de Agueda), passando por Giesta e Rego, obra orçada em cerca de 400 contos.

PEDRO DE ALMEIDA E MANUEL DE OLIVEIRA

partem amanhã para Paris

Acompanhados do seu treinador, prof. Moniz Pereira, seguem amanhã para Paris, onde vão participar num torneio internacional de atletismo, os sportinguistas Pedro de Almeida e Manuel de Oliveira.

Por esse motivo foi adiado para o dia 5 de Outubro, o jantar de homenagem a todos os campeões de atletismo do Sporting, realizando-se, no entanto, no próximo sábado, ás 15 horas, o anunciado desafio de futebol.

O «DIARIO DE LISBOA» — recebido por avião — vende-se em PONTA DELGADA — AÇORES, na TABACARIA ESPERANÇA, de JOÃO LUIS DE MEDEIROS.

LIVROS E AUTORES

COMENTÁRIOS DE ALVARO SALEMA

«O Mundo dos Outros»

por José Gomes Ferreira

A personalidade literária de José Gomes Ferreira, como poeta, como escritor de ficção e como cronista, tem sido geralmente interpretada como a de um «moderno», no sentido corrente do termo desde há trinta anos. A sua obra mais definida e acabada, que é a de poeta, consagra a classificação dominante. Abrangidas mais largamente, porém, as suas aptidões multiplas de escritor, o que se desvenda com certa surpresa é a índole mais profunda de um homem de letras que conjuga, sem nunca os fundir por inteiro, os ecos de muitas épocas literárias transactas, de muitas sugestões esfumadas de tendências, hábitos e gostos oriundos de quadrantes os mais diversos. Há nele um barroquismo formal que parece gerado em remotas raízes clássicas; um romantismo de brumas e visões, de sonhos vagos e de espectros em que a todo passo afloram estrelas, luares, desesperos, solidões; um certo humor amargo beaudelaireano; a tentação frequente do realismo popular, entremeado de sarcasmo; as inquietações disformes em que se embeberam os vultos mais representativos da geração da «Orfeu»; e ainda a vocação do social, não por temperamento ou formação, mas como reflexo de convicções sinceramente partilhadas; um fugidio satanismo em que se adivinha por vezes o apetite de nada poupar; uma «gaminerie» fácilmente zombeteira — e quantas coisas mais...

Homem complexo e de sínteses sempre incompletas, este José Gomes Ferreira, que nunca deu — talvez por isso mesmo — a medida satisfatória e desejável dos seus dons versáteis. E' neste livro de «crónicas e vagabundagens» intitulado «O Mundo dos Outros» que tal cunho tão difícilmente definível, tão embaraçoso para empolgar numa caracterização precisa, se revela com maior evidência. Tudo o que há de vário nesta figura singular da vida literária portuguesa dos ultimos quarenta anos pode pressentir-se nos seus versos, em que há muitíssimos lances de beleza estranha, de pureza e de quase perversão lírica confundidas, de penetrante simplicidade e também de obscuridades inquietas. Mas no volume de livres prosas agora editado (ou reeditado?) a pulverização das sugestões possíveis é de tal modo flagrante que quase apetece, página a página, coleccionar as classificações inumeras dos seus «modos» de espírito e das suas «maneiras» de estilo. A obra fica mais rica de referências, por isso — em literatura e em psicologia literária. Mas deixa também, entre algumas perplexidades, um desejo de maior limpidez, de mais directa e clara representação estética e humana — de maior transparência.

JOSÉ GOMES FERREIRA

O que é este «Mundo dos Outros» em que José Gomes Ferreira oferece de si mesmo tão difusa e desconcertante imagem? E' pouco defini-lo como recolha aleatória de «crónicas». Há nelas muito frequentes passos de ficção, de poesia, de crítica, de memórias. O «Mundo dos Outros» é, antes de tudo, o próprio mundo de José Gomes Ferreira. As figuras reais ou fantasiosas que atravessam o livro em trajectórias curtas afiguram-se — ainda quando manifestamente reais — prismáticos reflexos do próprio autor. E em que medida se toma ele a sério, a si e aos «outros», como a tudo o que a si e aos outros envolve? Ou será por tomar tudo muito profundamente a sério que das suas páginas prevalece, em reviravolta estranha, uma impressão de sarcasmo *désabusé*?

O escritor em prosa, quase tanto como o poeta, tem muito interesse. Maior interesse, todavia, é o dos enigmas que lhe estão subjacentes. O homem que humoriza «com os olhos do avesso a chorarem por dentro» é, talvez, a melhor representação desta personagem singular — protagonista entranhado, nunca liberto de si mesmo para se transferir a outras personagens, de todas as páginas que escreve. Sob o sarcasmo, o trocadilho, o lirismo por vezes exótico e redundante, uma amargura estrangulada ronda sem cessar o porfiado monólogo de José Gomes Ferreira. E essa ronda não tem fim — nem sequer na prefiguração dos mais aéreos e desgarrados sonhos. Nem as convicções humanísticas, nem as satisfações estéticas, nem a facilidade do pendor sarcástico, a têm detido na obra literária de José Gomes Ferreira. O «moderno» vem a situar-se, assim, fora do tempo — do seu tempo e de quaisquer tempos definíveis. Mas a vibração, a versatilidade e a expressividade com que escreve são o testemunho de uma arte literária que os leitores, para além de tudo mais, terão de acompanhar com interesse veemente — mesmo nos casos em que não lhes desperte a simpatia das claras e luminosas criações. *(Colecção Os Livros das Três Abelhas, Publicações Europa-América, Lisboa).*

Registo

- *Pela* Coimbra Editora *foi publicado o trabalho ensaístico «Considerações sobre Frederico Nietzsche», de Romeu de Melo, que vem testemunhar a perene actualidade do pensador e moralista, como do fascinante escritor de «Assim falava Zaratustra». Obra de inspiração muito pessoal e livre, sem sujeições a critérios já estabelecidos, mas carecente de mais sólida fundamentação filosófica, é como exercício intelectual sugestivo que se poderá encontrar nela o mais vivo interesse e perdurável valor. Do pensamento de Nietzsche podem extrair-se, como a história das ideias nos ultimos oitenta anos demonstra, as mais diversas direcções e interpretativas. Romeu de Melo perfilha pessoalmente a de um aristocratismo de confinadas élites que se recusa ao inelutável movimento da nossa época — no caminho da conformação ideal das massas em élites. Mas a exposição do tema é desenvolvida com equilibrio e coerência, justificando fecundas reflexões.*

- *«O testamento de Camilo Pessanha», de Danilo Barreiros, editado em Lisboa, constitui apreciável estudo da personalidade e de alguns aspectos biográficos do grande poeta que a sedução do Oriente absorveu. Sem intuitos críticos ou interpretativos muito demorados, é principalmente na execução das disposições testamentárias de Camilo Pessanha que o estudo se alonga, documentado com textos inéditos encontrados em Macau e com observações pessoais sobre os descendentes do escritor que apresentam manifesto interesse para os estudiosos. Algumas fotografias sugestivas e elementos uteis para uma bibliografia sobre a vida e a obra de Pessanha valorizam o livrinho, a cuja unidade e equilibrio de composição é devida especial homenagem.*

- *Carolina Lima Vaz publicou o livro de poemas «O Dia Esquecido», expressão de um lirismo claro e tranquilo que flui sem inquietações nem angustias, recusando-se ás veemências perturbadas e inserindo na própria paisagem as suas breves emoções. Como poesia confessional e simples, combinando muito bem as formas modernas e os ritmos tradicionais, a criação lírica de Carolina Lima Vaz desperta profunda simpatia.*

- *Nas séries editoriais de* Publicações Europa-América *vieram a lume dois volumes de especial atracção: «O flagelo da suástica», por Lord Russel, de Liverpool, documentário sempre actual e impressionante do organizado crime contra a Humanidade que foi o nazismo; e «A matemática dos jogos», por Maurice Kraitchik, que apresenta no mais atraente nível de divulgação diversas recreações matemáticas muito conhecidas pelos especialistas ou de original invenção. No primeiro, é um panorama político ainda com muitas sobrevivências que surge á luz da apreciação objectiva, sugerindo reflexões retrospectivas e actuais. No segundo, é uma colectanea de exercícios de inteligência e habilidade que se oferece aos apreciadores.*

- *O fecundo trabalho revelador da* Portugália Editora *confirmou-se ainda neste final de Verão com algumas traduções de manifesto interesse: a novela «O Diabo sobre as colinas», de Cesare Pavese, em que se apresenta com solicitante sugestão o processo literário inconfundível deste escritor italiano, combinando subtilmente a fantasia e o realismo; a conhecida narrativa de aventuras «Vinte anos depois», de Alexandre Dumas, que continua o fabuloso êxito de «Os três mosqueteiros»; a novela de Noëlle Didier «Sabrina», que vem valorizar a meritória Biblioteca das Raparigas, mantida há longos anos por aquela editorial; e a história policial «A emboscada», de Maurice Procter, integrada na colecção Olho de Lince, que fornece aos leitores do género seleccionadas criações.*

LIVROS CAROS

(Continuação da 17.ª página)

riada síada de um piano, café, conhaque, juventude reverente e *in...!* Vêem-se inscrições pelas paredes e pinturas abstractas. O escritor ou o pintor vêm ás «cuevas» para beber um conhaque ou um café e conversar com os amigos.

Armando Lopez Salinas, 36 anos de idade; pouco mais de três anos dedicados inteiramente a escrever. Impôs á sua vida uma curiosa encruzilhada, problema de ser ou não ser capaz de...

— ...Seguir a carreira literária, pretendendo viver para a pena e da pena. Não vai ser fácil e talvez que as minhas esperanças desapareçam pela total impossibilidade de viver dos livros que escrevo — e acrescenta — Dei um prazo a mim mesmo de seis anos.

— Para vencer ou desistir?—perguntamos.

— Creio ter já passado as piores dificuldades. Tudo ainda pode acontecer mas espero que não seja para pior.

— Em que se ocupava antes de começar a escrever?

— Era desenhador de uma empresa industrial.

— E sentia-se satisfeito com essa profissão?

— Não devo afirmar que me desagradava. Mas com verdade, ano após ano sentia-me menos ambientado com aquele trabalho.

— E porquê? — inquirimos.

—Compreendia que embora gostando da profissão, o meu espírito cada vez mais se afastava para outros anseios.

— A literatura? — interpelamos.

— Precisamente. Já escrevera algumas prosas que tentei inculcar como devaneios de juventude. Na vida de estudante revela-se quase sempre uma vontade literária algumas vezes de efémera duração.

— O que não aconteceu consigo.

— Não vou ao ponto de afirmar que pretendi esquecer a vontade literária. Que procurei ignorar essa vontade, que pressentia vocação dedicando-me inteiramente á minha profissão.

— Continuou escrevendo?

— Assim foi. Até que chegou a altura de me encontrar perante o «dilema», continuar como desenhador, integrando-me mais na minha profissão, com o abandono definitivo dos devaneios literários, ou precisamente o contrário. Deixei a profissão vai para quatro anos para me dedicar á literatura.

— E que tal?

— Tenho mais dois anos como prova literária. Se entretanto não puder continuar vivendo dos livros que escrevo voltarei a ser desenhador. A empresa onde trabalhava deu-me uma licença limitada. Foram simpáticos!

— Será escritor?

— Espero que sim. Desejo-o.

— Qual foi o seu primeiro livro?

— Tem o título de «Aquele Abril» e é uma «novela corta».

— De que se trata?

— Das consequências da guerra.

— Guerra civil espanhola?

— Claro!

— Existe uma considerável maioria de autores espanhois que dá preferência ao ambiente da guerra civil nos seus romances.

— Justificável pelo menos, se considerarmos que a nossa adolescência, dos homens que têm 30 e tantos anos, decorreu nessa época.

— E, só por isso — insistimos.

— E, também, porque atingindo as proporções que todos conhecemos a guerra civil constitui, ainda hoje, um inesgotável manancial de produção literária.

— Portanto, a sua primeira obra literária decorre no ambiente do...

— ...pós guerra. A história de «Aquele Abril» é contada por uma *testemunha* ocular. Começa a história quando essa testemunha, ainda criança, e nos dias que precedem o fim da guerra civil, está sentada á porta da sua casa, brincando com outros garotos. Para eles o ter terminado a guerra não se podia classificar de acontecimento que entendessem. Enquanto dura a brincadeira das crianças vêem passar um homem da terra debaixo de prisão. Reconhecem-no: é o pai da criança protagonista de «Aquele Abril». Então, esse garoto deixa a brincadeira e os companheiros para seguir o pai. Nem um só momento se afasta da prisão. O pai é julgado, condenado e executado. A tudo a criança assiste.

Em «Aquele Abril» a criança conta como *viveu* aqueles momentos.

— Acredita que a guerra civil provocou um ambiente literário e o aparecimento de uma geração?

— Absolutamente. Podemos, até, estabelecer um paralelo.

— Sim?

— Entre a queda de Mussolini na Itália e a guerra civil espanhola.

— Que espécie de paralelo?

— A de uma literatura *típica* dessas épocas. Com a caída de Mussolini surgiram romancistas como Moravia e Parese, entre outros. Então havia em Itália uma censura apertada a pôr certas limitações á literatura. Esses romances traduzidos na Argentina, apareceram á venda em Espanha e interessaram o nosso publico.

— Aconteceu com a censura espanhola o mesmo que com a italiana.

— No tempo presente a censura literária em Espanha possibilita que o escritor *veja* com sentido realista os problemas dos seus romances.

— Mas vive ainda a literatura espanhola do ambiente tremendo da guerra civil.

— Não creio. Esse ambiente interessa como motivo e análise. Mas o autor está tomando plena consciência dos problemas actuais e compenetrado de que não os deve esquecer.

— Qual é o tema de «A Mina», que, segundo nos recordamos foi finalista do *Nadal*?

— E' o romance de que mais gosto.

— Haverá justificação para essa preferência?

— Sim... filiada no facto de «A Mina», que como disse, ter chegado a finalista do Prémio «Nadal» marcando a forma sistemática da minha procura de «ser romancista» com este romance sinto ter começado uma etapa de escritor.

— Qual é a história de «A Mina»?

— Descreve a emigração da gente do campo ao abandonar as suas terras pouco compensadoras e que obrigam a trabalho intenso, de relativa compensação.

— E para onde emigram?

— Para as *minas*. Aí o trabalho não é menos pesado que no campo. O contacto do homem do campo com o operário industrial é mesmo um «embate» quase certo. Não se compreendem.

— E «A Mina» é...

— ...é a história de uma família do campo que se muda para um centro mineiro. Julga ir encontrar aí uma vida desafogada e ao sofrer as limitações e dificuldades provocadas por um salário diminuto avolumam-se-lhe os problemas. Depois surge a luta do mineiro pelo aumento de salário. Aquela família abandona problemas de gente do campo para começar a pensar e a agir como mineiro.

— Quando publicou o seu ultimo livro?

— O ano passado. Escrevi-o com António Ferres, meu antigo companheiro de trabalho. Intitula-se «Caminando pelos Hurdes». Um livro de viagens.

A entrevista está a terminar. Fazemos mais algumas perguntas.

— Lê-se muito em Espanha?

— Podia ler-se mais. É bastante pouco, é preciso muito mais.

— Há uma razão...!

— Uma das razões é a de que os livros são caros e, como deve calcular, nem todos podem acompanhar o movimento editorial adquirindo livros que em média custam entre sessenta e oitenta pesetas.

— Mas o livro caro não beneficia o autor?

— Limita a edição. Julga que uma tiragem de 6000 exemplares é muito?

— Para a população de Espanha afigura-se pequena.

Mais uma bebida e a entrevista terminou.

colecção
DOCUMENTOS DE TODOS OS TEMPOS
acaba de sair
ÍNTIMOS DA MORTE
de PIERRE CLOSTERMANN
A odisseia de uma missão ingrata de pilotos franceses mobilizados na guerra da Argélia
Esc. 45$00
LIVRARIA BERTRAND